

**ALCEU SPERANÇA
REGINA SPERANÇA
SELENE COTRIM R. DE CARVALHO**

UBIRATÃ

História e Memória



Ubiratã, história e memória

"Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso." Cora Coralina

O tempo é implacável. Sua passagem deixa marcas profundas. Se nas coisas, o apodrecimento da matéria. Se nas pessoas, é visível o envelhecimento do corpo. Entretanto, o tempo pode provocar o desejado aperfeiçoamento de uma idéia.

Isso aconteceu com Ubiratã. A cidade nasceu do sonho do Ênio Pipino e do João de Carvalho. Foi essa idéia que fecundou a prancheta de criação do Vilder Bordin. Uma divisão fundiária em leque, com todos os lotes rurais servidos de água e estrada. Os lotes urbanos de bom tamanho, com testada para amplas ruas e avenidas. Depois sua semente foi plantada em solo bom e cultivada por exímios semeadores, os nossos pioneiros. Criou raízes, floresceu, frutificou e vem escrevendo sua história desde o longínquo 24 de agosto de 1954. Foi quando instalaram no contraforte mais alto da serra do Piquiri, às margens do córrego Central, o singelo acampamento Saiju. Tudo começou ali.

Ubiratã é cidade que já nasceu com fama de progressista; graças à fertilidade de suas terras, ao prestígio da colonizadora Sinop e ao carisma de sua gente. Com o passar dos anos, Ubiratã não perdeu seu brilho de pujança; pelo contrário, continuou ofertando espaço e tempo preciosos para quem gosta do trabalho e da paz. Ubiratã sempre foi um lugar bom de viver e conviver. Um lugar de gente feliz.

E assim, cinquenta e quatro anos se passaram. Caramba, mais de meio século!

A caminhada continua, porém. A vida não pára, nem anda para trás. Registramos, contudo, nesse livro e em uma exposição de fotografias, a história até aqui vivida. A história dos ubiratanenses que foram protagonistas da construção do município de Ubiratã, desde o começo da ocupação da terra até o ano de 2008 das graças do Senhor, criador de todas as coisas, pessoas e idéias.

Esse é o nosso tempo, essa é a história de todos nós que agora peregrinamos por este fascinante lugar, outrora das madeiras duras, hoje da agropecuária moderna e vanguardeira, mas que permanece sempre o mesmo "cantinho feliz do Brasil, entre os lados do Paraná."

Estamos fazendo a nossa parte para legar aos que virão depois uma Ubiratã ainda melhor. Esse é nosso compromisso com o futuro.

Ubiratã, 24 agosto de 2008

ALCEU SPERANÇA
REGINA SPERANÇA
SELENE COTRIM RIBEIRO DE CARVALHO

UBIRATÃ

História e Memória



Agosto 2008

UBIRATÃ HISTÓRIA E MEMÓRIA

Maio 2008

Redação:

Alceu Sperança

(45) 3226-1896

E-mail: alceusperanca@adslcertto.com.br

Cascavel - PR

Regina Sperança

regina-speranca@ig.com.br

Cascavel - PR

Selene Cotrim Ribeiro de Carvalho

(44) 3543-4220

selenecotrim1@hotmail.com

Ubiratã - PR

Coordenação e Pesquisa:

Selene Cotrim Ribeiro de Carvalho

Aumira Dantas de Oliveira Jurandy

Colaboração:

Valdir Aparecido D'Alécio

Maria Inês Bento

Karina Martins

Vilder Bordin

Cássio Henrique Ceniz

Ana Paula Benati Perles de Carvalho

Prefeitura Municipal de Ubiratã

Secretaria da Educação e Cultura

Secretaria de Estado da Cultura

Capa e Diagramação Eletrônica:

Rolvi Darciso Martini

(45) 3038-2512

E-mail: martinime@terra.com.br

Cascavel - PR

Apoio de fotos atuais de Ubiratã:

Fotógrafos Carlos Roberto Zanello de Aguiar (Macaxeira)

Dair Dias Filho e Odilon Henrique Rede

Impressão e Acabamento

Gráfica Assoeste e Editora

(45) 3222-0380

grafica@assoeste.com.br

Cascavel - PR

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Sperança, Alceu.

Ubiratã : história e memória / Alceu Sperança,
Regina Sperança, Selene Cotrim R. de Carvalho. -

Ubiratã, PR : Edição do autor, 2008.

340p. : il. ; 21cm.

Inclui bibliografia.

1. Ubiratã (PR) – História. I. Sperança, Regina.
II. Carvalho, Selene Cotrim R. de. III. Título.

CDD (22^a ed.)
981.622

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	09
APRESENTAÇÃO	11
Ubiratã, lugar de gente feliz!	11
 CAPÍTULO I – ANTECEDENTES	13
1. O Espírito Milenar de Ubiratã	13
2. A visita do Espanhol	18
3. O Misterioso Peabiru e a República dos Guaranis	19
4. Os Bandeirantes	21
5. A Diáspora Indígena	24
6. Depois da Guerra, a Civilização	25
7. A “Madeira Dura” e os Tropeiros	27
 CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DE UM ESTADO	31
1. O Paraná Surge Tarde, mas com Força	31
2. A Gênese de Dois Novos Bandeirantes	36
 CAPÍTULO III – A SAGA DA SINOP	47
1. Preparando uma Aventura	47
2. A Ádua Saga da Família Possamai	48

3. A Gleba Rio Verde se transforma em Ubiratã	52
4. Vilder Bordin, a História Viva	57
5. A Iniciativa da Sinop e a Resposta dos Colonos	59
6. Os Pioneiros Deixam sua Herança	64
7. A Fundação de Ubiratã	77

CAPÍTULO IV – AS BASES ÉTNICA E ECONÔMICA	97
1. A Cidade se Organiza	97
2. A Participação Oriental	100
3. Nortistas, Sulistas, Europeus, Árabes	109
4. Os Simpáticos Libaneses Muhieddine e Issaf	125

CAPÍTULO V – SURGE O MUNICÍPIO	131
1. Cuidados Estruturais	131
2. A Urna-Chapéu e Kombi-Prefeitura	136
3. Estradas, Sempre um Problema	140
4. A Contabilidade da Instalação	147
5. Algodão, Ciclo Forte e Passageiro	157
6. Cotonicultura Avança e Desacelera	160
7. A Luta pela BR-369	167
8. Museu Antecipa Turismo Místico-Ecológico	172

CAPÍTULO VI – A FORÇA DA COOPERAÇÃO	175
1. Sinop, a Missão Cumprida	175
2. O Deputado-Embaixador	190
3. Coagru, uma Obra de Resistência	190

CAPÍTULO VII – A UBIRATÃ MODERNA	201
1. O Impacto das Culturas de Exportação	201

2. Soja, Frango e Turismo	212
---------------------------------	-----

CAPÍTULO VIII – DOS BAÚS DOS NAURÚS ⁹	243
1. O Caminho do Peabiru	243
2. Pipino, um Íntimo do Poder	244
3. Desbravadores e Pioneiros	245
4. Fontes de Alimentação	269
5. A Mulher Pioneira Enfrenta a Mata Virgem	270
6. Mulheres Pioneiras	272
7. As Povações Rurais e Urbanas	278
8. Menos Geadas e Menos Madeiras Duras	302
9. O Vale do Piquiri	303
10. A Bandeira das Duas Datas	307
11. Homenagem ao Município	308
Hino de Ubiratã	308
12. Música em Homenagem a Ubiratã	309
13. Nas Artes, Festas, Teatro, Cinema	310
14. A Construção do Museu	313
15. A “Guerra” dos Ginásios	314
16. Os Tambores da Aldeia	318
17. O Hospital dos Pobres	320
18. A Ponte, o Incêndio e o Instrutor de Direção	324
19. A Onça e suas Confusões	325
20. Aventureiros e Charlatães	327
21. Lenda: O Defunto e o Pé de Cedro	327
22. O Rigoroso Inquérito	328
23. Os Primeiros	329
24. Fatos e Datas Importantes	334
25. Nossos Naurús	336

Bibliografia	339
--------------------	-----

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos pelo apoio recebido na elaboração desta obra a Prefeitura Municipal de Uiratã nas pessoas do prefeito Fábio de Oliveira D'Alécio e do vice-prefeito Orlando Francisco Vieira Filho, a Secretaria da Educação e Cultura – Divisão da Cultura, Vilder Bordin e ao Colégio Santo Antônio pela imprescindível colaboração com seu acervo fotográfico e dados históricos.

O agradecimento também é extensivo as seguintes pessoas:

Orlando Francisco Vieira Filho - **Secretário de Desenvolvimento Econômico**

Nicanor Tadashi Kimura - **Secretário de Esporte e Lazer**

Edmundo Behrend - **Secretário de Saúde**

Nilson Messa - **Secretário de Viação e Serviços Rurais**

Elcia Godinho de Moraes da Silva - **Secretária da Ação Social**

Pedro Alaor Dalvi - **Secretário de Obras**

Sebastião Osmar Beraldo - **Secretário da Educação e Cultura**

Osmar Pires da Silva - **Chefe de Gabinete**

Paulo Pereira Moura - **Secretário das Finanças**

Neri Wanderlind - **Secretário da Administração**

João Luiz Ribeiro - **Secretário de Serviços Urbanos e Pavimentação**

Manoel Dias Martins - **Controlador Interno**

E aos vereadores da Câmara Municipal de Uiratã:

Aparecido Paula da Silva (presidente), Arnaldo de Melo Correia, Haroldo Fernandes Duarte, Lauro Hryniewicz, Luiz Francisco da Cunha, Marcos da Silva Retamero, Orlando dos Santos Filho, Sandra Cândido Petrica e Sandra Fátima Tozi Trevilin.

APRESENTAÇÃO

Ubiratã, lugar de gente feliz!

Determinação é a palavra que mais qualifica o povo que fez, nesses cinquenta anos, a história de Ubiratã. Os demais predicados, bem como a participação de cada pioneiro, estarão doravante registrados de forma indelével nesta obra histórica que resgata com propriedade os fatos marcantes ocorridos durante meio século de ocupação deste município, proporcionando às gerações futuras o pleno conhecimento deste período.

O contato com este conteúdo nos motiva a reflexões sobre o passado, onde percebemos claramente a influência do incansável trabalho dos pioneiros nas realizações que se verificam no presente. Daí a importância inconteste de celebrarmos com muita consciência e responsabilidade um compromisso com o futuro deste lugar.



*Fábio D'Alécio
Prefeito de Ubiratã.*

A sociedade ubiratanense sempre deu mostras evidentes de como se consegue atingir os objetivos a partir da união. Todos os segmentos têm seu empenho e dedicação voltados a um único e coletivo fim, qual seja: desenvolvimento econômico e social desta terra e desta gente. Em Ubiratã, durante toda a sua história, povo e governo foram sempre parceiros na busca do bem comum, principalmente através da participação popular nas decisões administrativas do município. Esta harmonia foi responsável pelo sucesso que hoje nosso município apresenta, e será ainda mais importante na busca da consolidação como micropólo regional.

A todos que durante todo esse tempo contribuíram direta ou indiretamente na formação e no desenvolvimento de Ubiratã, bem como àqueles que nos dias de hoje trabalham em prol do município, nosso reconhecimento e agradecimento, sendo justas todas homenagens a Vossas Senhorias.

Cinquentenário da ocupação do território

Fábio D'Alécio
Prefeito de Ubiratã

CAPÍTULO I – ANTECEDENTES

1. O Espírito Milenar de Ubiratã

Na superfície e no ventre da terra, sob o nome *Ubiratã* muitos séculos nos contemplam. Não seria possível contar a história do Brasil apenas a partir do “achamento” de Cabral, nem a gênese de uma cidade somente narrando a formação de seu moderno arruamento. Quando o elemento europeu chega oficialmente ao Brasil, em 1500, os índios já viviam e percorriam os caminhos de Ubiratã desde tempos imemoriais.

Sabe-se com certeza que pelo menos por volta do ano 1000 já havia intensa movimentação humana em terras que hoje integram o Município de Ubiratã, às margens do rio Carajá e do rio Piquiri, o que projeta o olhar para antecedentes comprovadamente milenares. Estudos científicos em torno de peças, flechas, recipientes e armas variadas que os colonizadores da Sinop encontrariam cerca de mil anos depois apontam conclusivamente para a existência concreta do espírito indígena impregnado nas coisas de Ubiratã.

Os índios que aqui viveram, caçaram, pescaram, morreram, viraram pó, mas sua presença material e espiritual paira sobre a região e tende a se immortalizar com a futura exploração turística do Caminho do Peabiru.

Objetos de uso desses índios antiquíssimos foram encontrados, mas não seus restos humanos, pois, apesar de diversos túmulos identificados, a terra muito ácida da região destruiu os indícios antropoló-



Ubiratã estaria no Caminho do Peabiru, uma rota transcontinental que se supõe estar ligada inclusive à antiga civilização inca.

gicos. No entanto, em outras áreas, como Terra Roxa, foram encontrados esqueletos em urnas funerárias.

Sinais de índios de origens diversas, com usos e costumes também diversos, com presença e passagem também em tempos diferentes.

Restaram os traços de sua admirável cultura primitiva, no entanto, nos machados de guerra, nas talhadeiras, nos raspadores, nos pedaços de cerâmica e em outros objetos. Pelas pesquisas exaustivas promovidas com respaldo de técnicos e cientistas se pode visualizar o conjunto dos usos e costumes dos primeiros ubiratanenses.

Os silvícolas, como se qualificam os nativos da selva, faziam suas habitações no subsolo para se proteger do frio. Escavavam um círculo perfeito, cuja profundidade variava em consequência da erosão, da queda de barrancos e detritos. No centro da cova, erguiam estacas, que sustentavam o teto. Havia apenas uma entrada diminuta e o acesso ao interior podia ser feito através de rampas, degraus de terra, de pedra ou escada de madeira.

Para o sábio pesquisador Igor Chmyz, que com a família e equipe se debruçou por longo tempo sobre os mistérios indígenas de Ubiratã, como há muitas rochas na região, a primeira evidência verificada é que os primitivos moradores do Oeste e do Sudoeste se utilizavam desse material para fazer seus instrumentos. Mas eles também traziam materiais originários de outras regiões, inclusive muito distantes.

Ubiratã teve a felicidade de contar com a narrativa direta e pessoal de homens que construíram a história em pessoa. O maior desses nomes é certamente o do topógrafo Vilder Bordin, em cuja memória ficaram os fatos principais da formação de Ubiratã. A espicaçar sua curiosidade investigativa estava lá, no ventre da terra, o espírito indígena.

“Quando se iniciaram no município de Ubiratã os trabalhos topográficos, percebeu-se claramente, pelos objetos encontrados, como machadinha, pilões, rebolos, pedras de arremesso e outros, a existência

concreta de tribos indígenas que aqui viviam”, lembra Bordin. “O que chamou a atenção da equipe topográfica, quando fazia o levantamento do solo, foi uma elevação no topo de árvores centenárias. Após observação, notaram que algo diferente havia ali. Então, uma equipe do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, em visita ao local, constatou a existência de um cemitério indígena. Na Estrada Santa Helena, às margens do rio Carajá, foram detectados aproximadamente 15 locais em forma de círculo que serviam de habitação a alguma tribo indígena. Um pote de barro encontrado nas proximidades indica que os índios usavam-no como urna funerária para sepultar seus mortos, seus chefes, caciques ou autoridades, que, de cócoras, eram enterrados dentro das urnas” (Bordin).

Mas também, de forma diferente, outra tribo, possivelmente os Kaingangues, usava um cemitério coletivo, em terreno de barro batido, retirado das barrancas do rio Carajá. Os ancestrais dos Kaingangues, assim identificados por Chmyz, eram inimigos dos Guaranis e tinham também costumes diferentes. Não enterravam, como os Guaranis, os mortos dentro de urnas, entre outros costumes característicos.

“Também em círculo, havia uma espécie de trempe onde deita-



O arqueólogo Igor Chmyz estudou exaustivamente a herança indígena.

vam o morto e ateavam fogo. As cinzas eram colocadas nas bordas dos pisos até cobrir todo o espaço. Novamente era coberto com barro e colocado fogo para formar um outro piso. Para que ficassem bem delineados, os espaços eram cobertos com uma camada de seixos rolados e outros tipos de sinais. Esses espaços chegavam a uma altura de aproximadamente 2 metros” (Bordin).

Alguns dos objetos e utensílios domésticos indígenas são encontrados hoje no Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.

Pelo exame das peças encontradas, concluiu-se que antes da chegada dos europeus, essa região era habitada por índios das tribos Kaingangues, nação Gê ou Tapuia, às margens do rio Carajá, e pelos Guayanases, que ocupavam as margens do rio Tricolor há pelo menos 900 anos.

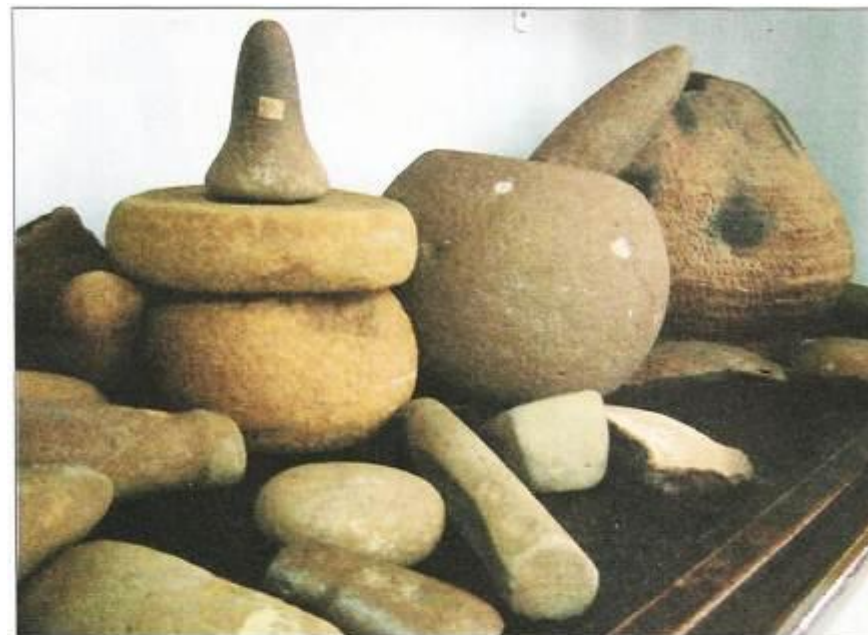
O que comprova esses indícios são os objetos encontrados, chamados “fontes históricas”, que formam um sítio arqueológico registrado no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil sob a sigla URCA-2 PR.

Os vestígios materiais do espírito indígena ancestral como que brotam da terra, qual a hortelã e o algodão, passando a se acumular como tesouros testemunhais dos nossos antecedentes na medida em que os colonizadores, imigrantes e seus filhos, vão, a partir da década de 50, ocupar e lidar com a terra.

Alguns habitantes da região encontraram objetos que o padre Alfredo Rohur encaminhou ao Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis. O agricultor Izalino Paixão contribuiu a seu modo para que hoje a comunidade possa ter a consciência desse espírito primordial ubiratanense e para que a memória histórica não se perdesse, evitando que se dispersassem materiais e conscientizando a comunidade sobre a importância de cada objeto encontrado.

A equipe de pesquisadores sob o comando do professor Igor Chmyz, da Universidade Federal do Paraná, acampou por longo tempo em Ubiratã e região, escavando túmulos, habitações e o aterro grande, onde provavelmente foi sepultado um chefe de destaque.

Até esse paciente trabalho de investigação, apenas se imaginava que anteriormente índios desta ou daquela nação haviam transitado pela futura Ubiratã. Só as escavações sistemáticas forneceriam elementos suficientes para eliminar a confusão existente quanto à ori-



Peças indígenas do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.

gem e à classificação cultural dos mais antigos habitantes do Noroeste e do Oeste paranaense.

Os índios Kaingangues que viveram na região da Gleba do Rio Verde até o século XVI eram denominados Guayanases, diferenciando-se dos Guaranis pelo inter-relacionamento pessoal. Eram nômades e viviam de caça e pesca, formando pequenos aldeamentos, relativamente distantes uns dos outros.

“Rudes e muito bravos”, como foram descritos pelos portugueses, os Guayanases passaram a ser conhecidos como Coroados e, em 1882, visando identificar as populações nativas do Sul do Brasil que não pertenciam à ramificação tupi-guarani, foram rebatizados como *Kaingangues*.

A julgar pelos restos funéreos deixados pelos índios, cabe-lhes mais a designação Guayanases, os mais antigos habitantes da região, que cremavam seus mortos, ao contrário dos recentemente chamados Kaingangues, que não adotavam tal procedimento.

E nessas andanças, ora nômades, ora temporárias, em paz ou em

atritos com outras tribos, expulsos ou convivendo com portugueses e espanhóis, viveram tempos de mudanças incessantes, de construção e destruição, como é próprio das civilizações humanas. Em todo esse processo, acumula-se um ativo de muita história.

Essa história é a história do Brasil e do Paraná: de seu vasto interior, dos conflitos, heroísmos e obstáculos que se colocaram diante dos pioneiros. É também a história de Ubiratã.

2. A visita do Espanhol



*Alvar Nuñez Cabeza de Vaca: seus **Comentários**, que figuram entre as primeiras referências escritas sobre o Paraná, mencionam o Peabiru.*

Embora haja um evidente espírito indígena sobrevoando as generosas terras de Ubiratã, na medida em que não ficaram registros e crônicas dos índios ancestrais, a história de Ubiratã começa com as anotações de um repórter privilegiado de seu tempo: o espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (c.1490–c.1560).

Preso pelos índios americanos, depois de fugir do cativeiro, onde aprendeu a amar os indígenas, foi nomeado governador do Paraguai. Será a caminho do Paraguai que ele irá testemunhar o que viu ao passar por esta região, em fins de 1541.

À frente de aproximadamente 250 homens, partiu de São Francisco do

Sul, no litoral de Santa Catarina, e acabou encontrando o Caminho do Peabiru, rota indígena milenar e transcontinental que deixou evidentes sinais em vestígios centenários identificados pelos antropólogos.

Durante 144 dias, Cabeza de Vaca transitou por uma porção importante do atual Paraná. Consta que o Caminho do Peabiru cruzava o rio Cantu, o curso superior do rio Piquiri e do rio do Cobre, para atingir, dirigindo-se ao Sul, o rio Iguaçu, na foz do Cotegipe, segundo

os estudos de Reinhard Maack (1892–1969), sendo considerado o “descobridor” das Cataratas do Iguaçu.

Os índios que Cabeza de Vaca encontrou na região Noroeste do Paraná eram pacíficos, ao contrário das tribos que enfrentou no atual Paraguai.

“Esses índios pertenciam à tribo dos Guaranis; são lavradores que semeiam o milho e a mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós da Espanha, possuem muitos papagaios” (Comentários).

3. O Misterioso Peabiru e a República dos Guaranis

Em Ubiratã, um dos roteiros derivados do mitológico e antiquíssimo Caminho do Peabiru foi identificado na Estrada Paraguaia. Não há como negar, portanto, que a proximidade com o Peabiru e as importantes evidências ancestrais da presença indígena inscrevem inequivocamente Ubiratã como dona de uma interessante, embora em parte ainda misteriosa, história pré-colombiana e pré-caçbalina.

A região de Ubiratã, antes sequer de fazer parte do Brasil, também já foi espanhola. Quando, em 1556, Ruy Dias Melgarejo, companheiro de Cabeza de Vaca, fundou, na foz do rio Piquiri a Ciudad Real del Guayrá, esta área começaria a integrar a vastidão daquela que veio a ser uma nação teocrática indígena chefiada pelos jesuítas – a *República Comunista-Cristã dos Guaranis* (C. Lugon).

Essa República indígena abrangia desde o Oeste e Sudoeste do Paraná de hoje até os atuais Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Das diversas tribos de índios que percorreram ou deixaram seus mortos nas terras da futura Ubiratã, várias delas certamente travaram contato com os missionários jesuítas.

Ainda segundo as crônicas deixadas pelos exploradores espanhóis, segundo Pedro Altoé (Campina da Lagoa, Estrela do Vale do Piquiri), efetivamente, cinco anos após a fundação da Ciudad Real Del Guayrá, em 1561, depois da frustrada formação da Redução de Ontiveiros, o capitão espanhol Riqueinu, com cem soldados, penetrou, em direção Leste, nas matas entre os rios Ivaí e Piquiri. Ali ele iria encontrar e assinalar o *Campo Aberto Bordado de Araucárias*.



Possíveis vestígios do trecho do Caminho do Peabiru na mata conhecida como Cemitério da Guerra do Paraguai, próxima ao Porto 1, às margens do Rio Piquiri.

Isso quer dizer que a “descoberta” dos Campos Gerais pelos portugueses só seria registrada 209 anos mais tarde pelas expedições botelhanas, que nos deram os *Campos do Mourão*. Foi uma história bem anterior, portanto, à relatada pelas crônicas portuguesas.

Isso não poderia deixar de ter conseqüências, pois se evidenciou que já em 1578 todo o interior paranaense se encontrava em processo de exploração. Há registro de que em 1879 o número de aborígenes catequizados somava mais de 200 mil.

Com isso, os jesuítas cogitaram a formação daquele Estado missionário (ou teocrático) dos Guaranis, liderado pelo padre Antônio Rodrigues de Montoya (1585–1652), seu principal entusiasta.

A difusão dos ideais separatistas desagradou os interesses da coroa espanhola e alertou os portugueses quanto à possibilidade de obter mão-de-obra escrava, além da posse das terras, consolidando a ocupação a Oeste de Tordesilhas. As divergências entre dirigentes militares e governantes espanhóis e os jesuítas iriam criar uma cunha

para a penetração dos interesses lusitanos, voltados para a *preação* – o aprisionamento de mão-de-obra indígena no interior então sob domínio espanhol.

4. Os Bandeirantes

A mesma rota transcontinental aberta, como se acredita misticamente, na forma das Via Láctea, foi também utilizada pelo mercenário da infantaria alemã, Ulrich Schmidel, pelos espanhóis colonizadores e pelos jesuítas. A catequese bem-sucedida empreendida pelas reduções jesuíticas na Província do Guayrá tirava os silvícolas do alcance das preações portuguesas e iria determinar choques entre os interesses espanhóis e lusitanos.

Para o padre Antônio Ruiz de Montoya, os bandeirantes portugueses eram bandidos cuja atividade era ir ao sertão para prender índios e “vendê-los como pombas”. Os bandeirantes reagiam a ferro e



A República dos Guaranis, o frustrado sonho jesuítico de um país índio, comunitário e cristão.

fogo. “É Deus que nos dá a ordem, no Livro de Moisés: combatei as nações pagãs”, respondia Raposo Tavares.

Na missão de buscar indígenas para abastecer as fazendas da vila de São Vicente e do Nordeste, os paulistas (raça bárbara, segundo os espanhóis, mistura de índios com portugueses) subiram o rio Paraná pela primeira vez em 1606, quando nem mesmo os jesuítas haviam chegado na região. A missão dessa gente – os bandeirantes – é aprisionar o “tapuia gentio-brabo e comedor de carne humana para reduzir o conhecimento da urbana humanidade e da humana sociedade”.



O bandeirante Domingos Jorge Velho defendia que os índios não precisavam de religião: eles deveriam ser postos a trabalhar como escravos.

“Em vão trabalha quem os quer fazer anjos antes de os fazer homens”, opinava o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho ao rei de Portugal, ironizando o trabalho dos religiosos jesuítas.

Os portugueses seguiam guiados por nativos domesticados, que conheciam o caminho aberto há séculos por seus antepassados – o Peabiru –, 200 léguas dentro de um continente ainda desconhecido.

Assim, em 1607 cabe ao bandeirante Manoel Preto um primeiro ataque a Guayrá. Será a largada para um progressivo processo de despoamento da região das missões no território do atual Paraná.

Em 1611, agora acompanhado de Pero Vaz de Barros, escraviza

grande parte da população indígena da região do rio Piquiri e em consequência de ações cada vez mais ousadas e agressivas, toda a região, em desoladas ruínas, foi incorporada a São Paulo e, portanto, ao Brasil, pela conquista, cujos atos finais começam a se definir em 1627, com Antonio Raposo Tavares, a quem caberá dar a pá de cal no sonho da República Teocrática em terras do Paraná.

Sob o olhar complacente do Vaticano, em sua política bipolar, a Espanha se apossava das regiões a Oeste e Portugal as do Leste, ora em conflito, ora em acordo. A cronologia das ofensivas portuguesas, a omissão do Vaticano e a concordância da Espanha parecem ficar evidentes por um motivo: a Ciudad Real del Guayrá caiu definitivamente sem que, em momento algum, houvesse qualquer intervenção do governador do Paraguai, d. Luiz Céspedes, para evitar a penetração das bandeiras, não somente em Guayrá, mas em todo o interior da região teoricamente pertencente à Espanha.

A sucessão de ataques finais a Guayrá começa em 1629, quando Antônio Raposo Tavares e Manoel Preto chegam à região para definir de vez a soberania lusitana sobre o lugar. Seguiram o rio Paraná e passaram pelo caminho indígena do Peabiru, levados por outros índios, já a serviço do homem branco. Encontraram luta fácil nas 13 reduções cheias de guaranis e padres, proibidos pelos espanhóis de portar armas.

Até o sítio completo imposto pelos bandeirantes, em 1631, na batalha final da região, a vila chegou a abrigar cinco mil pessoas, vivendo em uma área de cerca de 120 hectares. Gente que fugiu quando os paulistas, armados de arcabuzes, espingardas de pederneiras, pistolas, adagas e espadas cercaram sua cidade.

“Está a vila muy apertada e atrincheirada por estar cercada pelos portugueses de São Paulo”, escrevia dom Frei Cristóvão de Aresti, bispo do Paraguai, ao seu governador, em 1631. Com essa operação militar unilateral, a Ciudad Real del Guayrá e Vila Rica, a outra cidade espanhola fundada na Província espanhola, foram o palco da última batalha da primeira guerra brasileira: a protagonizada pelos bandeirantes para ampliar as fronteiras portuguesas.

Em seu testamento, o padre que acreditou numa república comunal de índios e jesuítas expressou seu desencanto com a destruição de Guayrá:

“Não permitam que meus ossos fiquem entre espanhóis, mesmo que eu morra entre eles; procurem aonde estão os índios, meus queridos filhos, que ali onde trabalharam e se desgastaram haverão de descansar” (Montoya)

Por volta de 1638, quase nada mais restava da outrora imponente Ciudad Real Del Guayrá. As missões jesuíticas no Paraná estavam

destruídas. Dessa aventura espanhola não ficou nem mesmo a mais vaga descendência antropológica na região que é hoje o Paraná.

Restaram as lendas sobre tesouros, correntes de ouro, talheres de prata, baús com preciosidades. Mas havia realmente um tesouro, que tardaria ainda alguns séculos até ser encontrado.

5. A Diáspora Indígena

Quando os bandeirantes partiram, os indígenas sobreviventes já haviam se deslocado para o Rio Grande do Sul ou se refugiado no Paraguai. Esparsos, alguns ficaram e viveram isolados na mata da região.

Os dois cemitérios indígenas encontrados na Gleba Rio Verde durante o levantamento topográfico comprovam que a região de Ubitatã era habitada originariamente por tribos antigas que viriam a se suceder pelo ramo Kaingangue. Até o século XVI essas populações eram denominadas *Guayanás*.

Quando tiveram início as explorações portuguesas nos Campos Gerais, ocorreram inúmeros enfrentamentos entre as expedições paulistas e os índios, mas eles logo seriam combatidos com energia crescente, até a catequização/domesticação ou extermínio.

Esses indígenas, em número cada vez mais reduzido, eram os Xetás ou Hetás e acabaram-se integrando aos Kaingangues e aos Guaranis, crescentemente acossados na mata pelas expedições militares, pela colonização e pelo desmatamento.

Nos tempos modernos, recentemente, alguns poucos descendentes de Xetás foram encontrados em Umuarama.

Os limites definitivos da região como posse lusitana são fixados apenas após a guerra luso-espanhola, em 1777, com o Tratado de Santo Ildefonso. Como ele, o governo paulista ficava totalmente livre para ocupar o território conquistado aos espanhóis.

No período 1769/71, com as bandeiras de Afonso Botelho de Sampaio e Souza, sob o comando do capitão de milícias Estevão Ribeiro Bayão, natural de São José dos Pinhais (PR), e os pelotões do tenente Inácio Mota, completado pelo capitão curitibano Francisco Lopes da Silva, seria “descoberta” a região dos Campos Gerais.

Foi assim que por influência dos então recentes descobrimentos e redescobrimientos dos campos de Palmas e de Guarapuava, agora com o controle português, a região em que Ubitatã se localizaria passou a ser conhecida como **Campos do Mourão**.

Tratava-se de uma homenagem ao governador da capitania de São Paulo, d. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão (1722-1798), mais conhecido como o *Morgado de Mateus*, por seu primo e comandando, Afonso Botelho, que mandou relacionar todos os topônimos indígenas com “D. Luiz de Matheus daqui por diante” para que “fique bem estampada a memória dos autores deste descobrimento para os tempos futuros”, de modo que “possam resistir à fatalidade do esquecimento do tempo”.

A ocupação dos Campos Gerais e a crescente presença do elemento português na região contribuíram para a dispersão, catequização, confinamento e aculturação dos índios. As movimentações militares da família Botelho Mourão, portanto, completariam a diáspora indígena.

Eles, agora, estavam divididos entre servir ao domínio branco ou rebelar-se com violência. Assim seria até a expulsão final ou o extermínio: após a chegada do príncipe d. João e família real portuguesa ao Brasil, em 1808, um decreto joanino iria determinar oficialmente guerra aos índios.

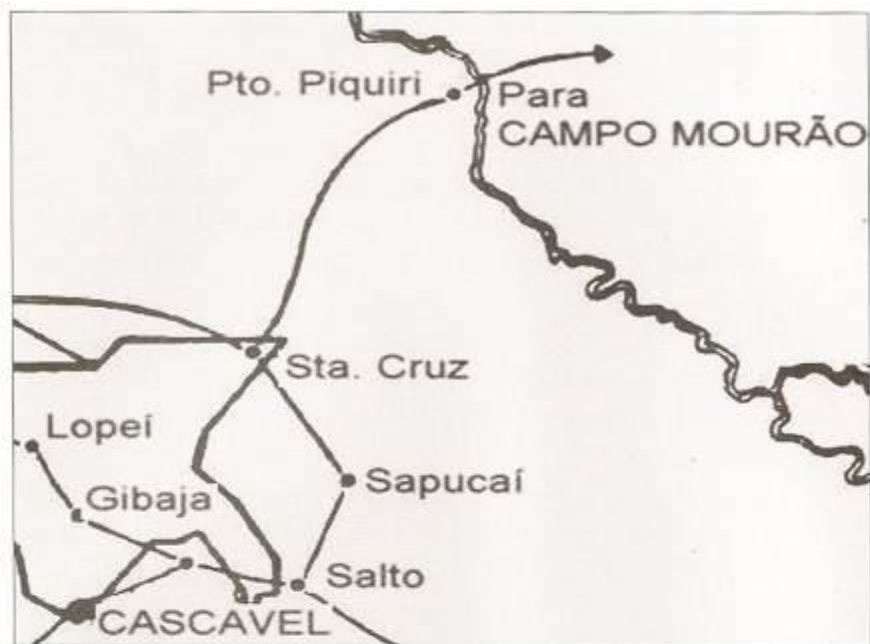
Em 1812 teve início o aldeamento e a escravidão dos primeiros 312 índios nos Campos Gerais do Paraná, começando com a captura do chefe Pahí, que convenceu os demais a se submeter aos portugueses.

Este foi o início concreto da economia do interior paranaense: o controle dos índios permitiria avançar a colonização.

6. Depois da Guerra, a Civilização

Acredita-se popularmente que a Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870, tenha deixado vestígios na região de Ubitatã. Há, de fato, uma tradição que levou a Estrada Paraguaia a ganhar tal denominação.

Essa tradição é associada a eventuais combates que teriam sido travados em solo brasileiro, mas não há evidências concretas – é, provavelmente, mais uma lenda noroestina.



Neste mapa de 1905, os caminhos da erva-mate fixados depois da Guerra do Paraguai: a Estrada Paraguaiá serviu aos interesses obrageiros anglo-argentinos.

A região do Vale do Piquiri, objetivamente, foi palmilhada pelos paraguaios no final do período imperial, durante e depois da Guerra do Paraguai, por ocasião do ciclo ervateiro do rio Paraná, dominado pelos ingleses e pelos argentinos, com suas *obrages*.

Como a formação das *obrages* teve início no período da Guerra do Paraguai, explicam-se as referências a paraguaios na região e justifica-se a denominação da Estrada Paraguaiá.

Jamais será possível saber se uma carreta de canhão encontrada por um morador na década de 60 estava de fato relacionada à Guerra do Paraguai, como se supõe, ou se foi uma das inúmeras armas abandonadas pelos revolucionários acossados pelo general Cândido Rondon, em 1925.

Não sabendo do que se tratava, sem lhe dar qualquer valor, afirma Vilder Bordin, o caboclo “botou fogo no trambolho”, que hoje poderia ser uma das mais importantes peças do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.

Depois da Guerra do Paraguai, alguém começou a farejar o tesouro que os jesuítas e os índios, em dispersão, deixaram para trás. Trata-se de Norberto Mendes Cordeiro – “comendador amansador de índios” e fazendeiro em Guarapuava.

O índio Bandeira lhe anunciara a localização de um certo *Campo do Abarrancamento ou das Campinas Vitorianas*. A sugestão interessou o comendador Norberto, que com mais quatorze companheiros guarapuavanos vieram conhecer a região, da qual se falavam maravilhas.

Foi assim que, em 1893, esses fazendeiros de Guãrapuava registram no Juízo Distrital de Colônia Tereza a posse de 60 mil hectares do Imóvel Mourão, para criação de gado. A área foi denominada “Campos de criar”.

A declaração de posse, que servia como registro de propriedade, relacionou trinta nomes de pecuaristas guarapuavanos. Era uma área em comum de 60 mil hectares, espalhados pelas terras já conhecidas como **Campo Mourão**. É a partir daqui que começam a ser legitimadas as futuras posses e registros oficiais de terras na região.

7. A “Madeira Dura” e os Tropeiros

Os primitivos Guayanases passaram a ser conhecidos como Coroados e depois Kaingangues. Remonta a esses indígenas o nome **Ubiratã**, cujo significado, basicamente, é “madeira dura”, ou tacape, “espécie de machado feito de madeira dura”. Vem da raiz **ybyrá** (árvore, madeira, pau), que vai dar em **ubyra** e **ubira**, e **atã** (duro, sólido, rijo), da raiz Tupi.

Esses ubiratanenses ancestrais foram progressivamente sendo afastados da região e se dispersando pelo Sul do país, integrados aos costumes da sociedade de consumo ou vagueando pelo interior de outros Estados, exercendo atividades como a de bóias-frias e também servindo como guias especialistas em floresta aos tropeiros que passavam a comerciar por regiões mais interiores do atual Paraná.

Desde o início do tropeirismo, em 1731, todo o deslocamento de animais, grupo de colonos ou de ervateiros passou também a receber a denominação *tropa*, que não se constituía naquela época expressão de predominante uso militar.

Foi assim que o *tropeiro* se tornou, também, uma figura muito importante para a colonização do Oeste e Noroeste do Paraná em toda a sua amplitude e para a consolidação das primeiras vilas e povoações.

Assim, em 1890 o pasto natural e o cerrado nativo dos **Campos do Mourão** serviam de ponto de descanso dos tropeiros que passavam pela região tocando boiadas para negociar no Mato Grosso do Sul.

Mas apesar de a região já conhecer seus primeiros proprietários, originários de Guarapuava, testemunhar o deslocamento dos índios já esparsos e receber a visita de tropeiros que anonimamente fixariam moradia neste interior e aqui gerariam seus filhos, a ocupação residente, de morada habitual e documentada na região, só se concretizou em 1903.

É quando chega o paulista José Luiz Pereira, fixando-se onde hoje é a cidade de Campo Mourão.

Sob o espírito primitivo da memória indígena a pairar sobre a terra, o desbravador paulista, mais sábio que os predadores bandeirantes, descobre, enfim, o tesouro secreto que os primeiros habitantes, os jesuítas e os militares espanhóis haviam deixado para trás.

É o potencial de riqueza da terra vermelha. A terra roxa, que primeiramente estava entregue ao alcance e à posse de quem pisasse nela. Depois, por séculos permaneceu uma terra barata para quem quisesse comprar ou simplesmente se apossar dela.

A terra mais rica do mundo ali estava, de graça, à espera de quem a fizesse produzir. Essa descoberta do tesouro oculto na terra será, portanto, o primeiro passo para a formação de Ubatã.



O início: a mata fechada.



Os primeiros moradores (posseiros) da região de Ubiratã, antes da colonização organizada pela Sinop, eram descendentes dos antigos tropeiros.

CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DE UM ESTADO

1. O Paraná Surge Tarde, mas com Força

A Província do Paraná foi a última a nascer no Império, porque os paulistas não queriam perder aquela que foi sua Quarta e depois Quinta Comarca. Uma “comarca de quinta”, como se dizia em Paranaguá, o foco principal de resistência a São Paulo.

Com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, e Curitiba se tornando em seguida a sede da 5ª Comarca de São Paulo, a ordem era colonizar o interior do país.

Além de ordenar guerra aos índios, o príncipe d. João decretou a entrega de terras aos estrangeiros residentes no Brasil, pois seria “conveniente ao meu real serviço e ao bem público, aumentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado”.

Em 1809, uma Carta Régia iria criar a Expedição Real de Conquista dos Campos de Guarapuava, abrindo caminho à ocupação do Oeste paranaense. A bandeira povoadora da região era chefiada pelo tenente coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal e pelo tenente Antônio da Rocha Loures. A expedição alcançou o terceiro planalto do atual Paraná em meados de 1810.

Em Paranaguá, ao mesmo tempo, evidenciava-se muita insatisfação com a administração paulista. Esse sentimento iria crescer e em consequência seus líderes passariam a empreender a luta pela emancipação do Paraná frente ao jugo de São Paulo.

Mas essa luta custaria muito esforço aos paranaenses e consumiria décadas a fio.

A Câmara Municipal de Paranaguá, em 6 de julho de 1811, tomou a iniciativa de representar junto ao príncipe regente a emancipação da Comarca.

Fundava sua petição no “estado de indigência e miséria em que vivia a Comarca pela ausência de governo que lhe animasse a agricultura e o comércio, aumentasse os rendimentos reais”, bem como na distância em que estava localizada, em São Paulo, a sede do governo, “alheado aos interesses da 5ª Comarca, em geral entregue a alguns comandantes falhos de instrução e perseguidores daqueles que, porventura, reclamavam maior ação”.

Em 1821 se apresentou uma oportunidade, com a ordem para que toda a população fizesse um juramento de fidelidade à Constituição Portuguesa. Os paranaenses tentaram aproveitar a solenidade para obter a emancipação, sempre negada pelos paulistas.

O sargento-mor Francisco Gonçalves da Rocha e o capitão Inácio Lustosa de Andrade foram os coordenadores da conspiração que teve, entretanto, Floriano Bento Viana, primeiro-sargento da 4ª Companhia do Regimento de Milícias, como o seu intérprete.

Assim que foram juradas as bases da Constituição e pronunciadas as saudações de praxe, com vivas ao Rei e à Religião, Floriano Bento Viana apresentou oralmente o seu requerimento:

“Ilustríssimos Senhores, temos concluído com o nosso juramento de fidelidade, e agora queremos que se nomeie um governo provisório que nos governe em separado da Província; tornam-se os nossos recursos morosos e cheios de desespero e que de tudo dê-se parte a Sua Majestade”.

Mais uma vez, porém, a força do ideal não bastou para conseguir a emancipação.

O juiz de fora, Antônio de Azevedo Melo e Carvalho, apavorou-se com a ousadia e respondeu negativa e peremptoriamente ao requerimento apresentado:

– Ainda não é tempo; com vagar se há de representar a Sua Majestade.

As lideranças locais emudeceram, temendo por suas cabeças, enquanto o solitário Floriano Bento Viana retrucava:

– O remédio logo se aplica ao mal quando este aparece e, portanto, não há ocasião melhor, nem mais oportuna.

No inverno de 1833, a Câmara de Paranaguá oficiou às suas congêneres de Iguape, Cananéia, Guaratuba, Antonina, Curitiba, Príncipe e Castro, integrantes da Quinta Comarca, “para de comum acordo representarem à Assembléia Geral Legislativa a desmembração desta Comarca da Capital de São Paulo, erigindo em nova província, para felicidades dos povos, pela dificuldade de recursos que há na capital”.

Quando eclodiu a Revolução Liberal de Sorocaba, em 1842, os paranaenses, constantemente reprimidos em todas as tentativas de obter a emancipação, entenderam que a adesão aos revolucionários de São Paulo poderia servir à causa da libertação da Quinta Comarca.

Preocupado, o presidente da Província de São Paulo, José da Costa Carvalho (1796–1860), o Barão de Monte Alegre, enviou a Curitiba um emissário para organizar a defesa do governo contra a revolução.

Era João da Silva Machado (1782–1875), futuro Barão de Antonina, que chegou a Curitiba em junho e sentiu o pulso da movimentação rebelde inspirada pelos conspiradores de Sorocaba, percebendo o alcance do contágio revolucionário entre as lideranças da Quinta Comarca.

Constatou que estavam sendo promovidas reuniões noturnas, em que as mais diversas ações entravam em cogitação, segundo relatou ao mandatário paulista:

– Uns queriam a separação, nomeando presidente. Outros, um governo provisório de três membros, outros finalmente não sei o quê até a Câmara se reunir para dar posse aos empregados policiais.

No fim das contas, as cartas de conciliação enviadas pelo governador funcionaram: sob a promessa de que o Paraná finalmente seria emancipado, testemunhou o emissário Machado, os paranaenses “ficaram satisfeitos e desamotinaram-se”.

Já no dia 30 de julho daquele tenso 1842 o presidente da Província de São Paulo recomendava ao ministro do Império, Cândido José d'Araújo Viana (1793–1875), o Marquês de Sapucaí, a emancipação do Paraná, expondo o “perigo que há de por mais tempo se continuar a

desatendê-las (as aspirações dos paranaenses), nos perpétuos receios que tem o governo a cada comoção que aparece no Império de que a Comarca se agite e acompanhe o movimento por desgostosa de não merecer atenção seus votos há tão largo tempo manifestados; nas proporções enfim, que este estado de cousas oferece a todo revolucionário ou demagogo para envolver em seus planos de desorganização um país muitíssimo interessante em todos os tempos e que atualmente ainda o é mais pela proximidade em que fica a Província do Rio Grande do Sul”.

Quando a criação da Província do Paraná voltou a ser incluída na Ordem do Dia do Congresso, recebeu o apoio decisivo de Antônio Cândido de Cruz Machado (1820–1905), deputado-geral por Minas Gerais, que fez uma defesa apaixonada do projeto:

– Trata-se de criar um centro administrativo que possa trazer em resultado fortificações e povoações nas nossas fronteiras, antes que, algum tempo adiante, sejamos apanhados desprevenidos, ou antes que apareçam conflitos a respeito do nosso território.

Em agosto de 1853, a criação da Província do Paraná foi finalmente aprovada com a lei 704. Instalada a 19 de dezembro de 1853, estava finda a longa batalha travada com os paulistas.

Tomava posse então o primeiro presidente (governador) do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcellos (1815–1877), a quem o governo imperial incumbiu de instalar e organizar a nova Província.

O Paraná contava então uma população de 60 mil habitantes brancos, 8.500 escravos negros e mulatos e meio milhar de mulatos livres.

A construção do Paraná seria muito difícil, pois não havia recursos e, além de Curitiba, o litoral e Guarapuava, a presença oficial era



Cruz Machado defendeu a criação do Paraná como necessária para prevenir uma invasão Argentina.

completamente ausente nas demais regiões – especialmente nas regiões Norte, Oeste e Sudoeste.

Zacarias elaborou um plano de ocupação do interior que começou com o projeto de atrair estrangeiros à Província, determinado em março de 1854.

Seu primeiro fruto no Noroeste do Paraná foi a abertura do Porto de Santa Helena, no rio Paraná, pela obra de Domingos Barthe, devidamente autorizada pelo governo paranaense.

A Guerra do Paraguai, no período de 1864 a 1870, manteve o Paraná ocupado em esconder no mato seus jovens para que não fossem recrutados para combater em território paraguaio.

Com o mais sanguinário conflito sul-americano se arrastando por vários anos, só em abril de 1871 foi retomado o projeto de ocupação do interior, com a criação da Comarca de Guarapuava, que já abrangia a região de Ubiratã.

Embora se atribua a criação da Estrada Paraguaia a movimentação de tropas no curso da guerra, não há registros oficiais nesse sentido. É certo, porém, que a Estrada Paraguaia tem origem nas atividades de coleta da erva-mate, que brotava em estado natural nas matas paranaenses e era comercializada pelas obras anglo-argentinas do rio Paraná.

O capitão Nestor Borba fez uma viagem de reconhecimento pela região quando, em 1876, registrou o achamento das ruínas da Ciudad Real del Guayrá, fazendo recomendações para desenvolver o Noroeste, mas ainda por muitos anos a região passaria ao largo dos planos governamentais do Império.

A Proclamação da República apanha a Província já empenhada em delinear um grande projeto de ocupação e colonização, que acabou paralisado em função da mudança de governo.



Zacarias de Góes e Vasconcellos, o primeiro governador do Paraná, projetou a ocupação do Paraná a partir da atração de imigrantes.

Em abril de 1892 se deu a primeira ação efetiva do governo paranaense nesse rumo, já sob a égide da República. Foi a criação da Secretaria de Estado de Obras Públicas e Colonização do Paraná. Mas só em janeiro de 1907 ela se mostrou apta a desenvolver a tarefa que lhe foi destinada.

É quando a administração estadual formaliza a Comissão de Colonização do Paraná, cujas ações serão voltadas à atração de imigrantes, de acordo com a intenção original do presidente Zacarias.

O início da imigração japonesa ao Brasil, já no ano seguinte, iria contribuir muito para essa iniciativa, especialmente no tocante à colonização de Ubitatã e outras cidades do Norte paranaense – os primeiros chegariam em 1929 à região de Londrina.

Leis, secretaria e comissão aprovadas, criadas e em operação, estava na hora de nascer quem decidisse aproveitar o tesouro deixado em Ubitatã pelos índios, espanhóis e bandeirantes. Empreendedores como Ênio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho souberam aproveitar esse tesouro.

2. A Gênese de Dois Novos Bandeirantes



João Pedro Moreira de Carvalho, um dos comandantes da colonização do interior de São Paulo, Paraná e Mato Grosso.

João Pedro nasceu antes, em 5 de agosto de 1910, em Bebedouro (SP), filho de Ascânio Moreira de Carvalho e Eliasib Machado de Carvalho. Ênio Pipino viria ao mundo um pouco depois, em 12 de junho de 1917, em Penápolis (SP), filho de João Pipino Primo e de Rosa Francischetti Pipino.

Enquanto João Pedro e Ênio cresciam, a região de Ubitatã já começava a ser reconhecida como promissora, pois toda a área Oeste do rio Ivaí até o Piquiri, a região polarizada pela cidade de Campo Mourão, já registrava ascendente movimentação de tropeiros e comerciantes guarapuavanos e mato-grossenses.



Nilza de Oliveira Pipino, responsável por ações beneméritas nos Estados em que a família desenvolveu projetos colonizadores.



Ênio Pipino, o mago da colonização de três regiões, fundador de Ubitatã.

É nesse período que, em 13 de dezembro de 1920, nasce em Santa Maria Madalena (RJ) aquela que seria a esposa devotada de Ênio Pipino e um grande apoio às iniciativas sociais de seus projetos colonizadores: Nilza de Oliveira, filha do médico Alfredo Clodoaldo de Oliveira e Haydée Ribeiro de Oliveira.

Por essa época se estabeleceu no Porto 1 do rio Piquiri o paulista Joaquim Guilherindo de Carvalho, o primeiro a plantar alguns pés de café na região, apenas para seu uso pessoal. É o pioneiro do agronegócio noroestino. Do outro lado do rio morava um espanhol cujo nome se perdeu.

Os arredores de Ubitatã eram os confins da grande *obrage* do famigerado Júlio Tomás Allica. Ali, no extremo de sua propriedade, Allica implantou uma série de benfeitorias, inclusive portuárias.

É em referência a ele, provavelmente, que o eixo viário da região ganhou o nome popular de *Estrada Paraguaiá*: embora Allica fosse espanhol, seus empregados eram sobretudo nativos paraguaios.

Em julho de 1924 eclode a Revolução Paulista e o interior do Paraná é sacudido pela dupla invasão sofrida pelo Estado: ao Noroeste, chegam os soldados revolucionários paulistas; ao Sudoeste, chega a Coluna Sul, comandada pelo legendário capitão rebelde Luiz Carlos Prestes.

Foi a Coluna Paulista, portanto, e em seguida os militares legalistas em perseguição aos revolucionários, que deixaram seus sinais militares na região de Ubatã, confundindo-se com a herança indígena, enquanto a Estrada Paraguaia, de finalidades ervateiras, confundia-se com as recordações tropeiras da Guerra do Paraguai.

A Estrada Paraguaia, em consequência, foi um eixo de ligação do Noroeste com o Oeste consolidado no tempo das *obrages*, período iniciado logo após a emancipação do Paraná e encerrado com a movimentação, também pela região de Ubatã, da Coluna da Morte, chefiada pelo tenente João Cabanas, um dos líderes tenentistas da revolução de 1924.

Uma das estradas mais antigas da região, a Estrada Paraguaia se ramificou por diversos outros caminhos, também abertos por tropeiros e ervateiros e depois trilhados pelos militares revolucionários, que na correria para fugir dos soldados legalistas do general Cândido Rondon, abandonavam armas, munições e seus uniformes.

Projéteis deflagrados de fuzis revelavam a ocorrência de combates na região. Selas, peças de arreio e ferramentas diversas de origem não indígena atestavam a passagem dos soldados revolucionários paulistas e das tropas legalistas do coronel Álvaro Guilherme Mariante.

Os sinais deixados pelos revolucionários e seus perseguidores governistas, inicialmente, não despertaram muito interesse. Eram apenas material de montaria, cápsulas de balas de diversos calibres, esporas etc (Bordin).

Os achados foram se tornar mais interessantes quando se somaram a espadas, baionetas, fuzis, mosquetões e outras armas usadas na Revolução Paulista, pois a Estrada Paraguaia e suas ramificações também foram utilizadas nessas operações militares.

Durante as pesquisas de Igor Chmyz foram encontradas muitas trincheiras e, dentro delas, munições de metralhadora, de fuzil e até mesmo balas de canhão.

Eram espadas, sabres e botas de soldados, que se desmancharam ao toque das mãos, ficando apenas a parte de metal (Bordin).

Tudo isso foi inicialmente atribuído à Guerra do Paraguai, mas é certo, pela documentação existente, fato reconhecido também por Igor Chmyz, que são restos dos combates entre os governistas e rebeldes do movimento de 1924/25.

A colonização inicial se deu primeiramente por uma precária iniciativa do governo. Essa iniciativa redundou numa ocupação desorganizada, de forma esparsa, com terras fornecidas como prêmio ou pagamento de serviços prestados a militares, com a garantia do reconhecimento da posse.

Integrantes de patrulhas militares, ao final do tempo de serviço, acabavam requerendo, ganhando ou se apossando de terras de seu agrado, conhecidas e examinadas durante sua passagem de serviço pela região.

Se a ocupação era desordenada, também o era sua base econômica. Sem estradas para escoar produção, as famílias pioneiras que obtiveram posses na região viviam das culturas de subsistência, praticamente isoladas.

Sem títulos de propriedade, mas com a aceitação da posse por parte das autoridades, a partir de atividade constante e morada habitual, eles eram os *possiantes*, no dizer de Vilder Bordin.

Em meados da década de 20, essa mal arranjada estrutura fundiária daria com que o Norte do Paraná fosse agitado por violentos embates entre os posseiros e os capitalistas possuidores de títulos concedidos pelo governo.



Alberoni Bittencourt.

Foi nesse período, 20 de maio de 1926, que nasceu em Tibagi uma das figuras mais importantes dos primórdios de Ubatã: Alberoni Bittencourt. Ele viria a ser o primeiro prefeito ubiratanense eleito pelo voto direto.

A década de 30 seria o tempo da formação inicial de Ênio Pipino, também uma época em que nasceriam alguns dos futuros prefeitos de Ubiratã. No interior do Rio Grande do Norte, em Luiz Gomes, nascia em 20 de agosto de 1931 o sexto filho dos dezesseis que o casal Joca e Francisca Fernandes Claudino teriam em seu casamento: o futuro médico e prefeito ubiratanense Valderi Claudino da Silva.



Valderi Claudino da Silva.

No final da década de 20, o menino Ênio Pipino, aos 11 anos, acompanha a família em sua mudança para Presidente Venceslau (SP), onde irá, desde a juventude até a idade madura, desenvolver uma carreira brilhante.

Ali estuda e começa a trabalhar na Estrada de Ferro Sorocabana, como auxiliar de telegrafista. Também vai trabalhar no comércio, na Casa Bancária Edmundo Pipino e participa, com o pai



Tomaz Izidro de Lima.

João, da instalação de um curtume.

Na também distante Itaporanga, localidade do Estado da Paraíba, nasceu em 10 de janeiro de 1932 aquele que seria um dos homens públicos mais marcantes de Ubiratã: Tomaz Izidro de Lima.

Na catarinense Taió, vinha ao mundo em 5 de novembro de 1936 o organizador do Município e seu prefeito interino, Osmar João Bertoli.

Em Piripiranga (BA), nascia em 25 de abril de 1936 o futuro prefeito de Ubiratã Raimundo Soares do Nascimento, filho de José Justiniano e Júlia do Nascimento.

Pipino se casaria em junho de 1940 com Nilza de Oliveira e nessa mesma época aproveitará sua experiência bancária para se instalar como correspondente em Presidente Venceslau, do Banco do Brasil, Banco do Estado de São Paulo e Banco do Comércio e Indústria de São Paulo.



Raimundo Soares do Nascimento.



Arnaldo Ferreira Sucupira e a esposa Lucy Mary.

Por esse tempo, em 15 de julho de 1940, nascia em Coronandei (MG) um futuro prefeito de Ubiratã: Arnaldo Ferreira Sucupira, filho de Abel Ferreira Sucupira e Alzira Rezende, com quem trabalharia na agricultura até se formar em Medicina. Casou-se com Lucy Mary Ferreira em maio de 1973 e tiveram dois filhos: Maikel e Morgana.

Em breve Ênio Pipino começaria a se dedicar à colonização de grandes áreas de terras, no Pontal do Paranapanema, em São Paulo, mas em meio a tantas atividades particulares ele também começou a trilhar a vida pública.

Nomeado juiz de paz em 1942, sua trajetória política tem início efetivamente quando o interventor Fernando Costa, de São Paulo, homem de confiança do ditador Getúlio Vargas, nomeia Pipino para o cargo de prefeito-interventor de Presidente Venceslau.

É por essa época que nasce, em 27 de setembro de 1942, também no interior paulista – Paraibuna – Valdir Aparecido D'Alécio, filho de Roque e Catarina Macrini D'Alécio. Ele terá uma infância difícil e trabalhosa, mas com esforço irá se formar e trilhar as carreiras de professor e advogado, além de produtor rural e líder cooperativista.

Na tarefa de administrador de Presidente Venceslau, Ênio Pipino seguirá até a derrubada da ditadura Vargas, no pós-guerra, quando passa a se dedicar às atividades radiofônicas e começa a trajetória que o imortalizaria como construtor de cidades.

Constituiu-se, então, a empresa agropecuária Ênio Pipino & Carvalho, que um dia se transformaria na Sinop.

Por essa época, o então deputado estadual de Santa Catarina, João Bertoli, começa a entabular negócios no Paraná em paralelo às diversas iniciativas empresariais desenvolvidas em seu Estado, especialmente na cidade de Taió.

Ele será um dos primeiros empresários a desenvolver projetos de colonização no Noroeste do Paraná, convencido de que o governo do Paraná iria cooperar com as iniciativas do empreendedorismo particular.

Ele estava certo. Quando Moysés Lupion de Troya (1908–1991) assume pela primeira vez o governo do Paraná, em dezembro de 1947, dirige-se em pronunciamento ao Estado para se comprometer com um grande projeto, maciçamente aprovado pelo eleitorado em sua campanha eleitoral: interiorizar o desenvolvimento.

Esse projeto começa a se delinear ao mesmo tempo em que, no interior paulista, Ênio Pipino e João Pedro Morcira de Carvalho desenvolvem seus primeiros empreendimentos colonizadores e João Bertoli passa a planejar o plantio de café no Paraná.

Por essa época, aos 16 anos, Tomaz Izidro de Lima acompanharia a família de mudança para Tarabay, no interior de São Paulo, onde fica-



Valdir Aparecido D'Alécio.

ria mais próximo da região na qual um dia ele iria atuar politicamente.

O projeto de Lupion era começar pelo Norte do Estado, aproveitando as possibilidades de ligação com São Paulo e abrindo caminhos para a ligação também com a capital paranaense.

As linhas básicas do projeto se desdobravam em duas iniciativas: a primeira abrangeria as terras do Norte e do Noroeste, nas bacias dos rios Paranapanema e Ivaí; a segunda, localizada à margem esquerda do rio Ivaí, abrangendo as terras férteis de Campo Mourão, até o rio Piquiri.

Estavam, portanto, criadas todas as condições para o surgimento de Ubiratã, o que não significava, ainda, nenhuma facilidade.

“A travessia do rio Piquiri era feita por balsa, que funcionava precariamente presa em cabos de aço, ficando completamente paralisada em dias de chuva ou de transbordamento do rio” (Bordin).

A mata fechada, ocupada aqui e ali por posseiros, era um grande desafio a vencer. A saga de Ubiratã estava prestes a começar.



A mata fechada (hoje a Avenida Nilza de Oliveira Pipino) - 1954.



Os pioneiros se deparam com a madeira dura nos primeiros caminhos de Ubiratã - 1955.



Estrada Mato Grosso - 1955.



Peroba com 1:80m de diâmetro. Na foto, Vilder e Pe. Sebaldo - 1962.



Estrada em meio a mata - 1957.

CAPÍTULO III – A SAGA DA SINOP

1. Preparando uma Aventura

Em 1948, enquanto dezenas de posseiros passavam a ocupar áreas em terras devolutas – ou não – no Noroeste e no Oeste do Paraná, em consequência do estímulo concedido pelo governador Moysés Lupion à ocupação do interior, Ênio Pipino é eleito, agora pelo voto direto, para a Prefeitura de Presidente Venceslau.

Nesse mesmo ano a dupla de colonizadores paulistas Pipino e Carvalho, que já atuavam associados em seu Estado natal, decidem oficializar a sociedade, dando-lhe o status de empresa e instituindo sua razão social: Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda (Sinop).

Mais adiante passaria a se denominar *Sinop Terras Ltda*, com dedicação exclusiva à colonização em áreas no Noroeste e Oeste do Estado do Paraná, abrindo uma nova sede, até então restrita a Presidente Venceslau, em Maringá.

Essa iniciativa estava destinada a preparar cerca de 350 mil hectares, no Noroeste e Oeste Paranaense, para que nelas milhares de pequenos agricultores se tornassem proprietários agrícolas.

Para estruturar esse megaprojeto, Pipino e Carvalho fundariam uma dezena de cidades, que se tornariam sedes de municípios e também de comarcas, tais como Ubiratã, Terra Rica, Iporã, Jesuítas e Formosa do Oeste. Aliás, lembra o ex-prefeito Valdir D'Alécio, Ubiratã é que poderia ter ficado com o nome de *Formosa*.



Moysés Lupion projeta a colonização do Noroeste na década de 50. Em 1960 ele criará o Município de Ubiratã.

Em cada uma das glebas adquiridas pela Sinop foram criados núcleos rurais, com os respectivos cinturões verdes, denominados de chácaras, com lotes cortados, demarcados e com estradas vicinais, transitáveis o ano todo – aproximadamente 540 quilômetros de extensão, com as imprescindíveis pontes sobre os rios e ribeirões, afora as balsas no grande rio Piquiri.

Já convencido a empreender seu próprio projeto colonizador no Paraná, em 1949 o catarinense João Bertoli sobrevoa a região da futura Ubiratã e decide iniciar a atração de colonos catarinenses ao Noroeste do Paraná.

Adquire uma ampla área de terras, favorecido pelo projeto de interiorização do governador Moysés Lupion, e inicia a Fazenda São João. Em 1950, ele seria o primeiro colonizador a trazer agricultores catarinenses.

Foi Bertoli quem abriu a estrada a partir de Juranda, passando pela futura Ubiratã, até a Fazenda São João, na barranca do rio Piquiri. Essa via passou então a ser chamada de *Estrada Medeiros*.

Chegam com Bertoli as famílias Possamai e Leite, acompanhadas por outros agricultores. São eles os iniciadores da cultura comercial do café na região, que veio se constituir no primeiro ciclo econômico de Ubiratã.

2. A Árdua Saga da Família Possamai

No dia 8 de agosto de 1954, Êtori Possamai, a esposa Menegilda Raitz Possamai e seus três filhos chegam à comunidade São João, vindos de Taió (SC). Junto a eles, vieram mais onze famílias, com aproximadamente trinta e cinco pessoas. Vinham para produzir café na fazenda de Osmar João Bertoli.

A vinda para as terras do município de Ubiratã não foi fácil. Demoraram três dias para vir de Mamborê até a comunidade São João, tendo que cortar paus do meio da estrada para abrir passagem ao caminhão. Não havia nada onde hoje é a cidade de Ubiratã e iam a Juranda ou Campina da Lagoa para fazer compras.

Quando chegaram, enfrentaram um grande problema. Ocorreu uma seca e o que plantaram não produziu. Passaram um período difícil em que seu alimento era somente a caça e o palmito abundante na região. Mesmo com problemas relacionados a transporte e estradas, Possamai relatou que era uma região muito boa e que atraía muitos colonizadores.

Êtori Possamai ajudou a construir a comunidade São João, tendo sido um dos pioneiros da tradicional festa da fogueira de São João no ano de 1959, quando a primeira fogueira teve quatro metros de altura.

Possamai e Menegilda (já falecida) tiveram 8 filhos. Hoje, ele vive na cidade de Ubiratã, morando com uma de suas filhas. Relembra com saudade dos felizes tempos passados, em que o divertimento dos finais de semana era caçar e contar causos.

Em 1956 também já se desenvolve progressivamente a comunidade Três Placas, recebendo esse nome em função de três avisos que ali foram colocados para servir como informativo das estradas que se cruzavam naquele local: Estrada Irene (ao Sul), com direção à BR-369; Estrada Caviúna (a Leste), que vinha de Cascavel para Campo Mourão; e Estrada Alagoas (a Norte), que vinha com sentido à comunidade Bom Jesus, ligando as fazendas de Hilário Molina e Luiz Souza Pinto.

Ali chegariam os primeiros povoadores na década de 1950, com a prática da agricultura do hortelã, milho, feijão, algodão, posteriormente sendo substituída pelo ciclo atual – soja e trigo – e complementada com aviários, apicultura e industrialização de polpa de frutas, torrefação de café, fabricação artesanal de cachaça, vinho, trabalhos manuais desenvolvidos com palha de trigo, milho e bambu, dentre outros, além de cozinha industrial.



Região das Três Placas indicando o cruzamento de estradas - 1955.

Ênio Pipino encerra em 1951 o mandato de prefeito e se elege vereador e presidente da Câmara Municipal. Mas o apelo do Paraná venceria a política: ele em seguida iria deixar o cargo para se dedicar ao seu projeto colonizador.

Em muito breve ele vai comandar uma empreitada homérica.

“A meta era levantar dentro de pouco tempo uma área de aproximadamente 21 mil alqueires, demarcar a cidade, projetar o loteamento com áreas de dois a dez alqueires, constituindo-se numa verdadeira reforma agrária” (Bordin).

Por essa época, em 1953, já haviam colonos palmilhando as terras de Ubitatã e se estabelecendo em vários pontos, como a família Líbero, na estrada Ceará, em Três Placas. Na Fazenda São Paulo já residiam Zeca Bento e a família Malaquias.

O projeto da Sinop viria logo a seguir e encontraria em meio a tantas dificuldades traços históricos que poderiam ser aproveitados na nova realidade que se pretendia implantar na região. Quando a empresa iniciou seu plano de colonização, encontrou logo de início caminhos antigos que poderiam ser úteis ao empreendimento.

Segundo Vilder Bordin, o topógrafo da empresa, havia três ramais já formados – um deles com características mais antigas. A rota, que se espalhava em três direções, vinha da estrada velha de Juranda (ou Medeiros), paralelamente ao rio Tricolor.

“Num ponto não muito antes da sede do município, um ramal subia pela cidade, passava por Caviúna, aproximava-se paralelamente



Conservação da rodovia Ministro Fernando Costa - 1957.



Parque rodoviário da Sinop - 1957.



A estratégica Estrada Caviúna, testemunha da saga dos pioneiros - 1957.

te ao rio Piquiri até chegar à Estrada Paraguaia, na divisa com Goioerê” (Bordin).

A Estrada Paraguaia era o outro ramal. As leituras de mapas e a bibliografia apontam para a probabilidade de que uma dessas estradas tenha sido construída sobre o milenar Caminho do Peabiru, a mítica rota indígena transcontinental.

O trecho, efetivamente, poderia até mesmo ser um dos ramais do Caminho do Peabiru, devido à proximidade de Campina da Lagoa, onde se comprovou haver um pedaço ainda intacto da via milenar.

3. A Gleba Rio Verde se transforma em Ubiratã

A Gleba Rio Verde era uma exuberante mata em que se distribuíam generosamente as madeiras duras que dariam origem ao topônimo Ubiratã, entremeados a grandes palmitais, ortigões, figueiras brancas, jangadas, jaborandis pintados e outras que seriam derrubadas para dar lugar à agricultura de café, soja, trigo e outras vertentes do agronegócio.

Adquirida em 1954 pela Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (Sinop) junto ao governo do Paraná, a Gleba Rio Verde foi registrada através de escritura pública de compra e venda transcrita sob o número 4.711 do livro 3-C do Cartório do primeiro Ofício Circunscrição Imobiliária da Comarca de Campo Mourão. O loteamento recebeu o número 39 do livro 8-B, folha 311.

O município de Ubiratã seria, portanto, consequência do projeto colonizador da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda, ou Colonizadora Sinop.

Era uma aquisição legal e legítima, o que não impediu a empresa de enfrentar dissabores devido a ocupações anteriores em algumas áreas, promovidas por posseiros – os *possiantes*.

A colonizadora Sinop precisou recorrer aos “homens-segurança”, os chamados *jagunços* para fazer a proteção do local. Montou um acampamento principal nos “Três Olhos” (Estrada Olinda), onde os jagunços interceptavam todos os veículos e transeuntes que tentavam entrar no local, tendo que se identificar e dizer de onde vinham, para onde iam, fazer o quê, o local exato de suas visitas e dizer o dia exato do regresso. Se não voltassem no dia previsto, os jagunços iam atrás.

Os forasteiros vinham para tomar posse de terras, daí a razão de serem interceptados na estrada trancada pelos jagunços.

A estrada Olinda era um divisor de terras devolutas do estado com as terras adquiridas pela Sinop, saindo dos “Três Olhos” até o Porto 1 – onde existia o “Cemitério Velho do Paraguai”, onde se supunha estarem enterradas vítimas da Guerra do Paraguai ou da Coluna Prestes.

Na locação da Estrada Olinda houve um incidente no qual cerca de 50 posseiros tentavam impedir o avanço do pessoal de engenharia ameaçando-os com inscrições como “O primeiro que chegar morre”, feitas com cartuchos de armas de fogo.

Também fizeram uso de cruzeiros de madeira ao longo da picada, fazendo-se necessária a intervenção do pessoal da Sinop que protegia a equipe topográfica no seu trabalho de divisão da área da empresa.

Além desse acampamento existiam outros, pois os forasteiros



Carajá: criação de porcos em área ocupada por posseiros - 1956.

sempre arrumavam um jeitinho de entrar na gleba. Daí a razão de vários acampamentos em pontos estratégicos, principalmente à beira dos rios, para evitar a proliferação de posses.

Os *possiantes* que já se encontravam na gleba e fizeram acordo com a Sinop, concordando em reduzir sua área, ficando com esta legalizada, permaneciam. Os outros eram “convidados” pelos jagunços a se retirar.

Os jagunços, que eram contratados para vigiar os acampamentos, picadas, estradas e divisas, contribuíram para a manutenção da ordem necessária na época.

Para acomodar os posseiros que já haviam se fixado na Gleba Rio Verde e relutavam em abandoná-la, a Sinop criou uma área específica para acomodá-los e contornar a situação. Delimitou a área em duas partes distintas, abrindo-se a Estrada Olinda, que tem início na divisa de Juranda e seu término no Porto 1 do rio Piquiri.

À direita, com cerca de três mil alqueires, a Sinop devolveu a área para o Estado, de modo que estes acomodassem os posseiros. À esquerda dessa estrada, a Sinop permaneceu com sua área total de 21 mil alqueires.

Sendo assim, os três mil alqueires eram considerados terras devolutas, pertencentes ao Estado, podendo os posseiros legalizá-las junto ao INTC (Instituto Nacional de Terras e Cartografia). Hoje, essa região é conhecida como Luz Marina, pertencente ao Município de Ubatã.



Carvalho e Pipino, a dupla dinâmica da Sinop.

Os diretores da Sinop, Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, sobrevoaram a região do Vale do Piquiri durante 30 dias para montar com os técnicos um levantamento aerofotogramétrico da área para definir em que ponto seria construída a cidade.

Ela iria se localizar na Latitude Sul 24°C, Longitude Oeste 52°C, região Sul do Brasil, no

bloco C-5 do terceiro planalto paranaense. Pela classificação geofísica regional, o chamado *Planalto de Campo Mourão*.

No Centro-Oeste do Estado, em meio à mata extremamente fechada, entre as serras do Piquiri e Cantu, na altitude de 550 metros sobre o nível do mar, a futura cidade marcharia rapidamente para se constituir na sede de um Município com uma superfície total de 655.845 km²: a área rural formada por 67 mil hectares e a urbana por um perímetro de 569 hectares.

Essa cidade, que Pipino e Carvalho idealizavam enquanto sobrevoavam o Vale do Piquiri, iria se limitar nos tempos modernos com nove municípios, a maioria dos quais da região de Cascavel: Quarto Centenário, Rancho Alegre d'Oeste, Juranda, Nova Aurora, Corbélia, Anahy, Iguatu, Braganey e Campina da Lagoa.

Ao longo das verificações aéreas foram identificados vários espi-

gões próprios para receber a futura cidade, como Três Placas, São João, São Zacarias, Estrada Vitória e se definiu que Ubiratã seria edificada no maior deles.

Um exame das águas mostrou que havia nesse espigão maior, córregos partindo nas direções Norte, Sul, Leste, Oeste, Noroeste e Sudoeste. Aquele ponto mais alto do divisor de águas acabava de ser escolhido para sediar a futura cidade.

Por isso, o primeiro nome dado ao lugar foi **Saiju** (Vilder), que significaria *Alto do Espigão* no idioma tupi-guarani, devido ao fato de a localidade estar no ponto mais alto do contraforte da Serra do Piquiri. (Segundo Vilder Bordin, e as pessoas insistem em escrever **Sauju**).

Em meados de agosto de 1954 a operação já estava delineada e agora só restava partir para a ação. Chegara a hora de invadir a mata e pôr o projeto em prática.

Era quase uma operação militar: 200 “soldados” pondo-se em marcha a partir de Iporã para ocupar um território desconhecido.

A vanguarda da “tropa” era encabeçada por um jipão do tipo militar, puxando pelas quatro rodas e com um guincho na frente.



Rodovia Ministro Fernando Costa, atual BR-369 - 1958.

O jipão entrava na água e era amarrado a uma árvore para ser puxado através do guincho. O numeroso grupo tinha à frente uma equipe de engenharia e topografia composta pelos pioneiros Ulrich E. Grabert, Vicente Alexandrino, Samoel Holland e o topógrafo Vilder Bordin, com 19 anos de idade.

4. Vilder Bordin, a História Viva



Bordin e a esposa Nina - 2005.

Catarinense de Joaçaba, onde nasceu em 8 de outubro de 1933, Bordin foi um construtor de história a cada passo de sua vida dedicada a Ubiratã. Com a esposa Evanildes Bordin, a d. Nina, é uma das grandes figuras históricas da aventura colonizadora noroestina.

Essa primeira equipe da Sinop chega a Sauju/Ubiratã exatamente no dia 24 de agosto de 1954. A missão inicial é abrir uma clareira para providenciar uma pista de pouso ao avião que em breve iria trazer os empreendedores Pipino e Carvalho.

Chefe da equipe, o topógrafo Vilder Bordin determina ao chegar ao ponto desejado a montagem do acampamento às margens do cór-

rego central, onde no futuro seria construído o Estádio Municipal Claudino, sendo também a origem do bairro Recife.

O bairro receberia essa denominação em homenagem ao prefeito Valderi Claudino da Silva, que, embora tenha nascido no Rio Grande do Norte, formou-se em Medicina na capital pernambucana.

Dadas as ordens para a instalação das barracas, das camas e a preparação do primeiro jantar, Bordin decide testar o equipamento de rádio-amador.

Ele aciona o equipamento e trava com sucesso contato com Ênio Pipino, que aguarda notícias no escritório da Sinop, em Maringá.

Trava-se um diálogo em que a história do Brasil e do Paraná se entrelaçam de maneira inesquecível para o narrador do episódio: **Bordin** – Aportamos no local (Ubiratã) e estamos prontos para trabalhar!

Pipino – Você está sabendo o que aconteceu no Brasil?

Bordin – Não! Como vou saber, aqui nessa mata?!...

Pipino – Mataram Getúlio Vargas!



Luiz Carlos Gomes, Herbert Fuerbringer e Vilder Bordin na construção da ponte do Rio Carajá - 1963.

Na verdade, o presidente, agora legitimado pelo voto, havia acabado de se suicidar, mas a primeira notícia a circular foi de que militares golpistas acumpliciados com os EUA o teriam assassinado para tomar o poder.

O golpe de fato estava programado: seria uma reação ao viés nacionalista de Vargas, que optou por substituir a ditadura do passado por um governo democrático e progressista, o que se chocava então com os interesses geoeconômicos americanos.

Mas a comoção que imobilizou os grandes centros não paralisou aqueles pioneiros de Ubiratã. Enquanto a história do país vivia um de seus momentos mais tensos, eles, otimistas e dedicadamente, punham mãos à obra. E era muita obra.

Para chegar ao local na época denominado Sauju, tiveram que enfrentar muitos obstáculos e desafios, com chuva e com sol, abrindo picadas para se locomover em plena mata virgem.

A primeira tarefa após montar acampamento seria abrir uma clareira para estabelecer um campo de pouso de aeronaves que trariam depois os comandantes Pipino e Carvalho e uma leva de compradores de terras.

Com a abertura da clareira do aeroporto estaria dado mais um passo na trajetória de uma colonizadora que plantaria onze cidades: além de Ubiratã, Terra Rica, Iporã, Formosa do Oeste, Jesuítas, Carajá, Nilza, Yolanda, Adhemar de Barros, Marajó e Iverá.

5. A Iniciativa da Sinop e a Resposta dos Colonos

Vilder Bordin, tendo em mente o nome indígena *Saiju*, fez uma plaquinha e a pregou na única estrada de acesso à futura Ubiratã: **Saiju** (que muitos conhecem por Sauju).

No entanto, os colonizadores decidiram que o nome do lugar deveria ser mais sugestivo em função da exuberância de madeiras nobres ali existentes, como peroba, canela, angico, óleo pardo, guajuvira, marfim, cedro e gurucuia.

Eles já haviam deliberado que **Ubiratã** – madeira dura – seria o nome definitivo do lugar. Mas, por motivações de marketing, lança-

ram um concurso direcionado aos potenciais compradores de terra, conclamando-os a também sugerir nomes para a futura cidade.

O concurso tinha mecânica bem simples: quem adquirisse um sítio no local receberia um cupom, no qual preencheria seus dados e faria a sugestão de que nome a Sinop deveria determinar para a cidade.

Conta-se que um comprador de terras do Estado de Goiás teria acertado o nome já escolhido pela Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda. **Ubiratã**, madeira dura, seria a definição perfeita para uma cidade que tem na força de sua gente sua maior riqueza.

Por muito tempo se tentou identificar o mencionado comprador de Goiás, sem sucesso. Vilder Bordin ainda desconfia que ninguém acertou o nome escolhido pela Sinop. O suposto “comprador de terras de Goiás”, portanto, foi, na verdade, alguém ligado à própria empresa.

No Dia do Soldado de 1954, dia seguinte à chegada a Sauju, recomeçou o trabalho duro.

“Começamos a arrancar os primeiros troncos para abrir a clareira do campo de pouso”, narra Vilder Bordin. “Eu tracei duas linhas



As árvores arrancadas manualmente da mata virgem para a abertura do campo de pouso, hoje Avenida Nilza de O. Pipino - 1954.



Neste ponto da antiga mata é hoje o final da Avenida Yolanda Loureiro de Carvalho e o atual Hospital das Clínicas - 1954.



Abertura do aeroporto, hoje Avenida Nilza de Oliveira Pipino, destacando-se as árvores arrancadas manualmente. O trabalho durou quase um ano, de agosto de 1954 a junho de 1955.



Ulrich Grabert, Ênio Pipino e outros visitam o campo de pouso - 1954.



O campo de pouso pronto - 1955. Onde se vê a mata atrás do avião, atualmente é o prédio do Banco do Brasil.

dentro da mata baseado naquele mapa que havíamos feito. Uma, Norte-Sul, que é a avenida Nilza de Oliveira Pipino. Outra, Leste-Oeste, que é a avenida Yolanda Loureiro de Carvalho". Nas demais direções saíam picadas a partir do marco-zero ali estabelecido.

A tarefa de tirar os troncos para formar a clareira do aeroporto improvisado não era das mais fáceis: "Havia perobas que dois homens não conseguiam abraçar" (Bordin).

Não há dúvidas: se Ubiratã efetivamente significa "madeira dura", tais perobas foram motivações perfeitas para o topônimo.

"Aí surgiu o problema de como retirar aquela madeira do meio da pista. Optamos por fazer uma vala. Cortamos os troncos em vários pedaços e enterramos. Muito depois, quando foram desenterrados, continuavam verdes como se tivessem sido enterrados no dia anterior. Os galhos e as folhas eram cortados em pedacinhos e postos em balaio para ser retirados. Não tinha trator. Era preciso fazer tudo com o machado. Cavávamos ao redor do tronco, cortávamos as raízes com o machado, até a peroba tombar e era enterrada na vala aberta" (Bordin).

Por conta dessa enorme dificuldade em vencer a madeira dura e suas poderosas raízes, a abertura da Avenida Nilza de Oliveira Pipino consumiu um ano de trabalho da equipe, até agosto de 1955.

6. Os Pioneiros Deixam sua Herança

FAMÍLIAS DESBRAVADORAS

Família Domene

Em 1951, Miguel Domene que residia em Sertaneja, Paraná, acompanhado dos amigos Marcolino Barbosa e Antônio Teodoro, vem para Ubatã assegurar as terras compradas por seu pai Francisco Domene.

Tinha 21 anos de idade, entusiasmado e decidido, enfrentou dificuldades como a falta de estradas, trabalho pesado e contínuo, brigas e mortes por causa das terras. Não havia nenhum comércio ou médico. Para limpar o arroz para a própria alimentação, tinha que se deslo-



Francisco Domene, Ana Guebara e o filho Miguel.

car com carroça puxada por animais até Mamborê. Mais isso não o desanimava, pois era motivado em ver que a terra era boa, havia diversidades de frutas, palmito e árvores de grande porte. A quantidade e a qualidade da água também chamava sua atenção.

José Domene, em 1959, saiu de São Paulo e num dia de muita chuva e barro chegou a Ubatã. José tinha 18 anos, e, assustado ao ver a mata, disse: “isso nunca vai ser aberto!” Animado por seu pai e seu irmão, dá continuidade ao trabalho de abrir e plantar na terra.

Em 1962 casou-se com Francisca da Silva que o ajudou muito. Tiveram 5 filhos. Mesmo com as dificuldades achava aquela época muito boa, o povo alegre, animado e com muita esperança e perspectiva de melhora. Esta família contribuiu e pôde acompanhar o desenvolvimento e o progresso de Ubatã, hoje vista por eles como um lugar privilegiado de se viver.

Família Arvelino Leite

A família de Arvelino Leite chegou em 1954 na comunidade de São João. Seu Arvelino admirou-se com o mato, a terra boa e com a possibilidade de caça e pesca, que era o que gostava de fazer. No primeiro ano que estavam aqui geou muito forte queimando toda a plantação de café. Aos poucos arrendaram e depois compraram terras para desmatar e ali plantar fumo e hortelã. Mais tarde diversificou plantando feijão e o necessário para a sobrevivência da família. Moravam em casa de



Bodas de Ouro de Arvelino e Maria Felizari Leite - 1998.

chão coberta com folhas de palmito. Não havia comércio e faziam

compras em Juranda e Campina da Lagoa. Outra dificuldade eram os mosquitos. Eram tantos que as suas picadas causavam feridas.

A família Leite ajudou a construir a primeira capela de São João e também trouxeram de Santa Catarina a tradição da fogueira de São João, feita nesta comunidade até os dias de hoje.

Em 1954 seriam construídos a seguir um escritório da Sinop (local atual do Banco do Brasil), o pioneiro Hotel do Watanabe (abaixo do atual Posto Texaco), uma escola extra-oficial, com custos e professores pagos pela Sinop, na rua Princesa Isabel, onde mais tarde se estabeleceria o Hotel Maclau's, e uma capela, no privilegiado local em que hoje está a Igreja Matriz Santo Antônio – “Quando cheguei aqui, a igreja dava 6 metros por 9, mais ou menos. Aí participei da construção da nova igreja” (Bertoli). Osmar João Bertoli é um factótum ubiratanense, pois além de pioneiro, prefeito e participar de várias conquistas comunitárias também foi promotor público e fundador da Sociedade Rural.

A Colonizadora Sinop, de forma tecnológica e moderna, planejou e executou um trabalho de colonização exemplar e muito profissional na Gleba Rio Verde-Ubiratã, vendendo lotes de terra com serviços de água e estradas que davam acesso a outras regiões.

Ao abrir picadas e encontrar cursos d'água, para fins de localização, os colonos iam dando a cada ponto de referência nomes de artistas e pessoas conhecidas, como Marta Rocha (Miss Brasil), Ingrid Bergman (famosa atriz), Cigano Negro etc.

Por sua vez, os proprietários da Sinop sempre se destacaram por aplicar nomes femininos, especialmente de suas famílias, à avenidas e cidades – Nilza, Yolanda, Vera, Cláudia, Santa Carmem.

Na área rural, houve demarcação extremamente racional dos lotes. A distribuição foi orientada em forma de leque, com provisão de água nos fundos e uma estrada fronteira.

Implantado o projeto, coube aos corretores, espalhados em diversos pontos do país, promover a venda dos lotes, dando seguimento



Hotel Ubiratã, rua Princesa Isabel, esquina com a rua Brasília - 1956.



Vilder Bordin e Alberoni Bittencourt no Escritório da SINOP - 1957.

ao processo de colonização massiva – profissionais como Zeca Pereira, Ilson de Melo, Odair, Baianinho, Orlando Scardua, Manoel de Aro e muitos outros.

A propaganda da Sinop era positiva e repleta de informações. Apoiava-se na legalidade do empreendimento, em contraste com a confusão fundiária da região, e enfileirava informações entusiásticas.

A Gleba Rio Verde, no Cerne do Paraná, assinalava seus prospectos, tinha em seu centro a cidade de Ubiratã com um ótimo campo de aviação:

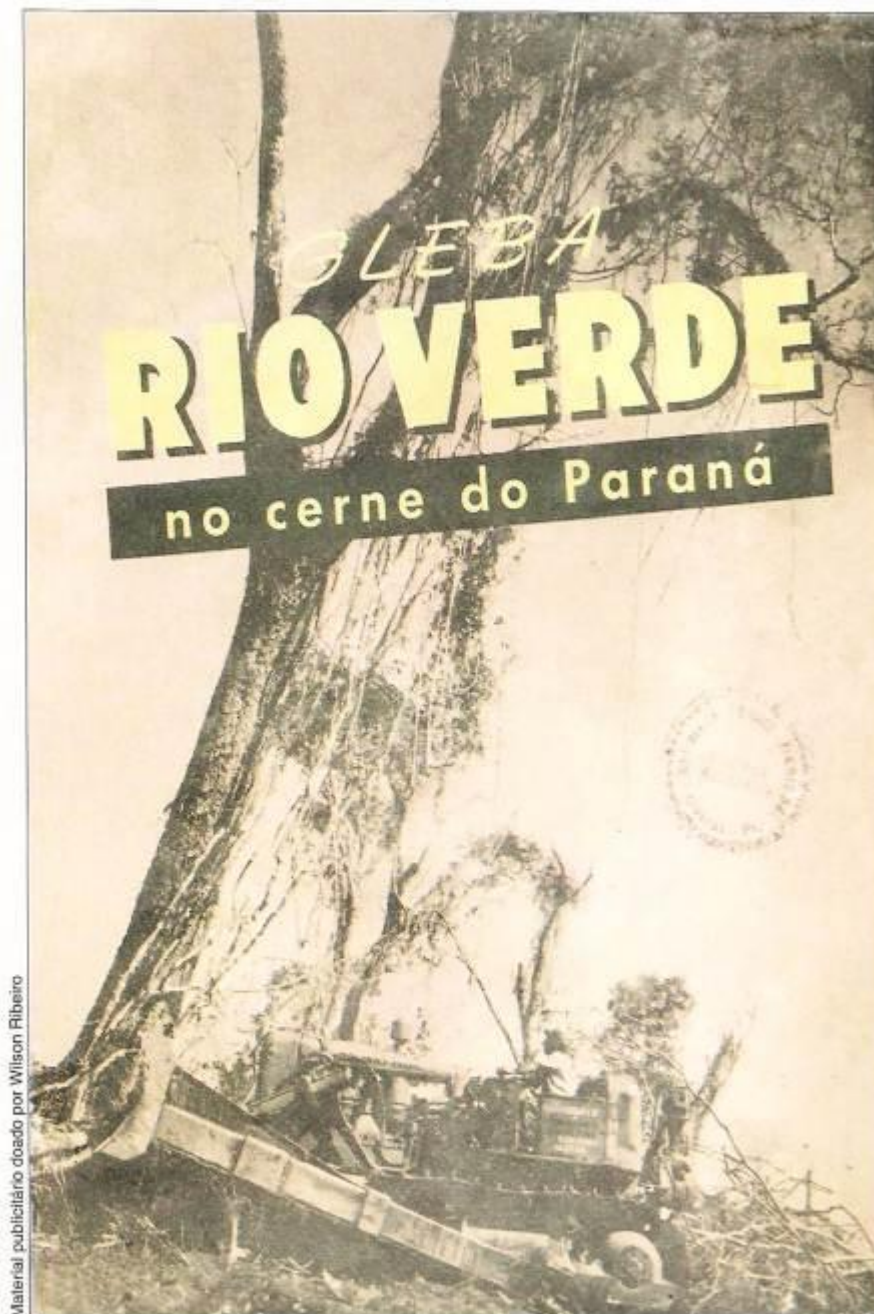
– Estas terras se valorizam dia a noite, sem parar. Primeiro – porque são de qualidade superior, segundo – tem estradas para toda parte, terceiro – tem todos os recursos à mão, quarto – isso tudo está provado na prática.

– Quase 800.000 pés de café estão crescendo na Gleba Rio Verde. Os japoneses têm 20 alqueires de hortelã, como experiência, com extraordinário resultado. A Gleba Rio Verde tem água em quantidade. Não há lote sem água! Qualquer cultura prospera na Gleba Rio Verde.

Estava na hora de Ênio Pipino se dedicar exclusivamente ao seu projeto colonizador. Por isso, renunciava à Presidência da Câmara e inclusive ao mandato de vereador do Município de Presidente Venceslau.



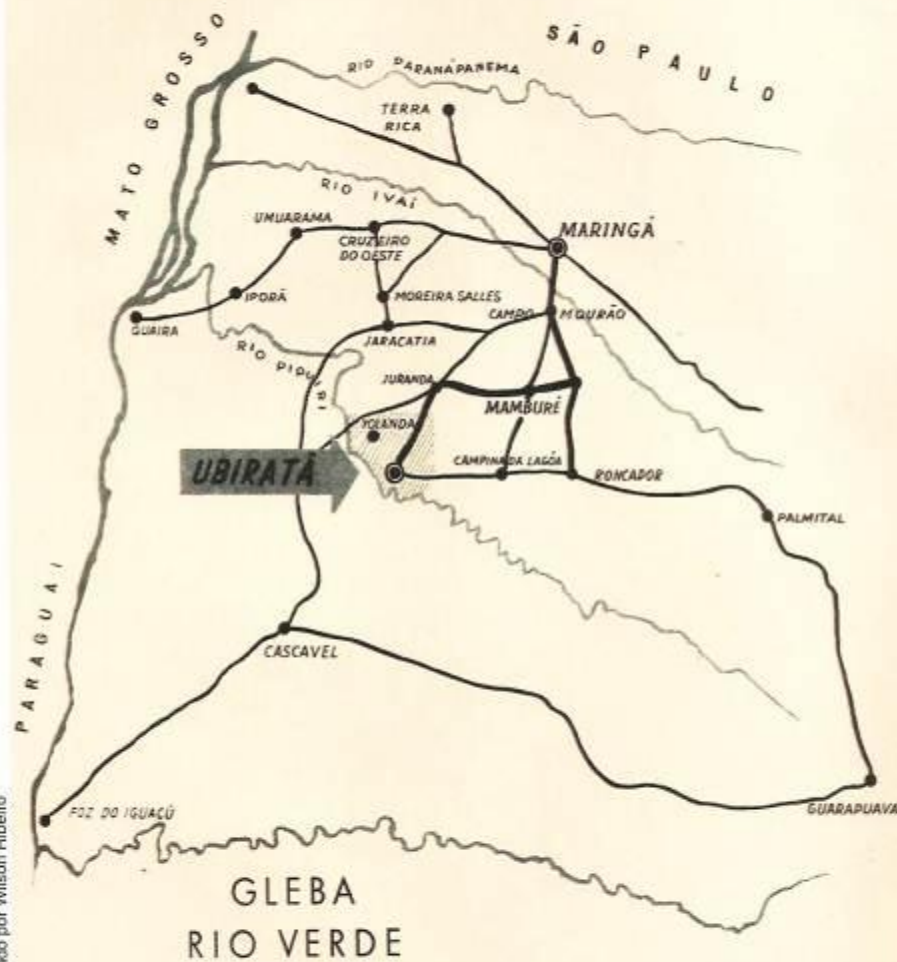
Lavoura de café, estrada Santa Luzia, de propriedade do Sr. Osvaldo Aranha (Vadu)- 1957. Servia de referência aos compradores de terras.



Material publicitário doado por Wilson Ribeiro

Uma raridade: os folhetos de propaganda da SINOP.

no cerne do Paraná



**O progresso está nessa área, em mãos possantes.
Gleba Rio Verde está na ordem do dia!
Aproveite enquanto tem.**



CIDADE UBIRATÃ

Grande centro local. Já tem igreja, campo de aviação, luz elétrica, ruas ótimas, largas avenidas, praças amplas. Escola em construção. Água maravilhosa e abundante. Abastecimento fácil, de tudo. Há um ditado no lugar: Veio a Ubiratã, gostou; bebeu água, ficou. Verifique isso, você mesmo.



UBIRATÃ, cidade no centro da Gleba Rio Verde, tem ótimo campo de aviação. A facilidade de comunicações faz de Ubiratã um centro ideal para quem deseja empregar capital numa cidade de crescimento rápido.



MAIS DE 100 FAMÍLIAS e 200 camaradas que trabalham de empreita já fazem de Ubiratã uma cidade que "cresce e produz". Seu futuro está em boas mãos. Terra boa com braço abundante é lucro garantido.

Estas terras se valorizam dia e noite, sem parar: 1º porque são de qualidade superior; 2º têm estradas para toda parte; 3º têm todos os recursos, à mão; 4º isso tudo já está provado na prática. As facilidades de pagamento - sem juros - fazem deste negócio um achado!

AS MATAS VIRGENS DE RIO VERDE produzem 20 a 30 m³ de madeiras de lei por alqueire: mardim, peroba, cedro, etc. A extração de madeira, que tem freqüentes no próprio local, rende dinheiro limpo... e na hora!

QUASE 300 QUILOMETROS DE RODOVIAS são percorridos dentro da Gleba Rio Verde, por automóveis, caminhões, ônibus - carros finos, inclusive, porque o que há são estradas, não "caminhos".



A 2a. COLÔNIA ESPERANÇA é em Rio Verde. Centenas de membros da famosa colônia japonesa do Paraná estão instalados na Gleba Rio Verde, com o mesmo programa que a faz conhecida em todo o Brasil.



SÓ COM MÁQUINAS POSSANTES se constrói tanto como em Rio Verde. Quase 300 quilômetros de rodovias, na Gleba, foram abertos assim. Bem como as ruas da cidade de Ubiratã, verdadeiras ruas de cidade grande.

Quase 800.000 pés de café estão crescendo na Gleba Rio Verde. Os japoneses têm 20 alqueires de hortela, como experiência, com extraordinário resultado. A Gleba Rio Verde tem água em quantidade. Não há lote sem água! Qualquer cultura prospera na Gleba Rio Verde.

ALÉM DAS MADEIRAS DE LEI, a Gleba Rio Verde pode orgulhar-se dos produtos de suas terras: grandes palmitais, orquídeas, figueira branca, jangada, jabonandi pintado e por aí acima. Para quem entende, está dito tudo!

FAMÍLIAS RESIDENTES em Rio Verde há mais de um ano já colheram milho (100 a 120 sacas por alqueire), arroz (100 a 120), feijão (90 a 110), batatinha (200), fumo (150 a 200 arrobas por alqueire).





PLANTA DA GLEBA RIO VERDE

Tudo terra especial, com água em todos os lotes e madeira de lei que são dinheiro no bolso. O melhor jeito de saber quanto se pode ganhar na Gleba Rio Verde é ir ver as terras e conhecer a cidade de Ubatã. Damos condução, conforme o caso. Resolva enquanto é tempo!

RIO VERDE SINOP



- As matas virgens da Gleba Rio Verde têm atraído a melhor gente do Brasil e sua fama está se espalhando dia a dia em toda parte.
- Quem as examina pessoalmente fica convencido de que o futuro está ali: Quem chega, é recebido como amigo, pois o progresso cresce com o aumento da população e dos melhoramentos.
- Local saudável e alegre, bom para quem começa a vida e para quem, afinal, quer um lugar para se estabelecer definitivamente.
- As grandes facilidades para compra, com longo prazo para liquidação, são uma garantia de que a aquisição trará contentamento ao comprador. Não há juros.
- A SINOP é uma companhia de confiança, seus títulos são os mais sólidos que se possa desejar. (Ver, atrás deste folheto, a indicação dos Registros oficiais).
- Muitos loteamentos já fez a SINOP, em dez anos de trabalho no Norte do Paraná: mais de 20 mil famílias tornaram-se proprietárias e muitas enriqueceram em glebas vendidas pela SINOP.
- Você e os seus podem desfrutar essa oportunidade hoje, se quiser. Procure nossos representantes nesta localidade ou dirija-se à SINOP.



SOCIEDADE IMOBILIÁRIA NOROESTE DO PARANÁ LTDA.

Avenida Herval, 561 - Telefone: 1152 - Caixa Postal 1152
MARINHA - ESTADO DO PARANÁ

A última palavra quem deve dizer é a lei!

SUA GARANTIA ESTÁ AQUI! LEIA ISTO:

Cartório de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos da Comarca de Campo Mourão - Estado do Paraná. No livro 3-C, fls. 55 consta: Transcrição sob o n.º 4.711, em 29 de março de 1953. Essa transcrição se refere a: "Escritura pública lavrada no 6.º tabelião de Curitiba em 9 de janeiro de 1951 e devidamente transcrita sob n.º 3.069, em 19 de janeiro do mesmo ano na Circunscrição Imobiliária da Comarca de Mandaguari - Pr., a fls. 13 do livro n.º 3-C e como regula o § 1.º do artigo 1.º do Decreto-lei n.º 1.079 de 15 de setembro de 1938. (os registros acima também estão registrados no registro de imóveis de Campo de Mourão, a fls. 1 do livro auxiliar n.º 1, transcritos por despacho do MM. Juiz de Direito, quando da criação da comarca de Campo de Mourão que foi desmembrada da de Mandaguari)"

A SINOP, existe desde 1949. Já vendeu mais de 60.000 alqueires colonizados em lotes de 5, 10 e 20 alqueires. (Terra Rica 20.000 alqueires - Gleba Atlântica - Iporã 35.000 alqueires - Gleba Rio Verde 10.000 alqueires).

Visite e compre enquanto tem!

Material publicitário doado por Wilson Ribeiro

7. A Fundação de Ubiratã

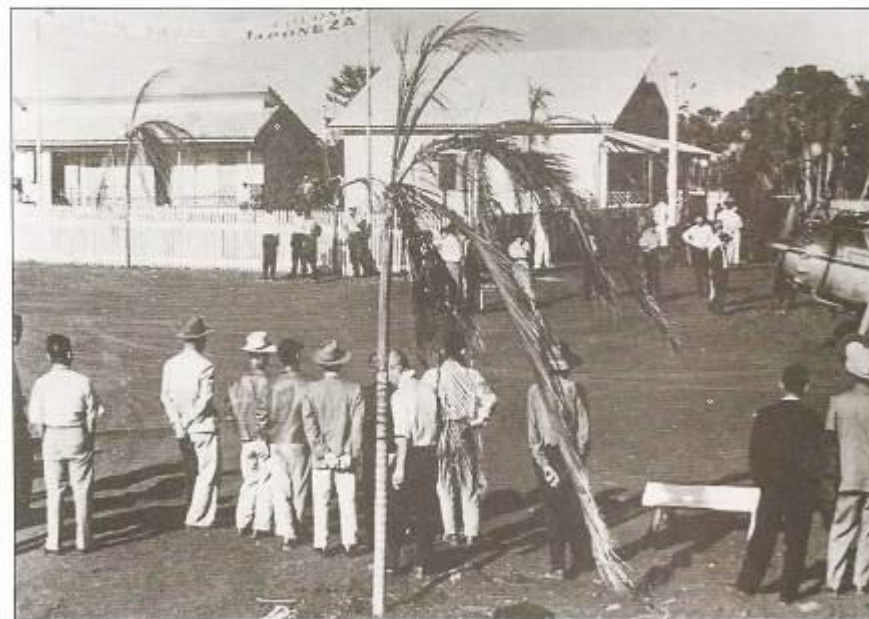
Em 1955, as primeiras casas estão construídas, o escritório da Sinop já montado e os trabalhos em franco andamento.

Então, repentinamente, aponta no céu aquele pequeno avião. Um teco-teco sob o qual estava inscrita a assinatura do piloto: Zé da Pua. A "pua" é uma haste de espora. Na II Guerra Mundial, o lema da aviação militar brasileira era "Senta a Pua!", ou seja, "acelera!"

O topógrafo Vilder Bordin apressa-se a avisar pelo rádio que pousar nas atuais condições seria uma temeridade.

Como a pista ainda não estava pronta, se o avião pousasse naquela clareira insegura, repleta de valas nas quais os troncos retirados estavam enterrados, as rodas da aeronave poderiam afundar e decolar seria impossível.

Mas a bordo estavam o ousado piloto Zé da Pua e os não menos ousados colonizadores Ênio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho.



Fundação da vila de Ubiratã em 19 de fevereiro de 1956.
O local é onde hoje se encontra o Banco do Brasil.

Bordin insiste: “É bom avisar que o campo de pouso não está pronto. A terra não está compactada e se o avião ficar num buraco, depois não sai!”

Zé da Pua começou a voar cada vez mais baixo, até fazer alguns rasantes para observar o terreno com o máximo de proximidade para avaliar as condições de pouso.

A preocupação de Bordin só aumenta: “Não desce, porque depois você não sai!”

Mas Zé da Pua teimou, dirigiu o teco-teco para a pista improvisada e pousou. Do avião saltaram o piloto, Pipino e Carvalho, cheios de histórias sobre negócios de terra e suas incursões também no Mato Grosso, assuntos que levaram para detalhar no escritório local da Sinop.

Finda a palestra, era a hora de retornar. Bordin não perdoou a imprudência: “Agora quero ver vocês irem embora!”

Zé da Pua acionou o avião e logo nos primeiros movimentos as rodas afundaram no solo. O piloto não se deu por vencido e pediu que cinco homens de cada lado segurassem firmemente o avião até que ele apontasse o nariz para o alto, quando ele tentaria uma decolagem forçada.



*Avião pousa no campo aberto no centro da vila de Ubitatã - 1956.
Neste local atualmente está o Banco do Brasil e a Prefeitura.*

Pipino e Carvalho sentiram o peso da situação e saltaram do avião, enquanto os dez homens apuravam o teco-teto. Num arranque, o avião partiu para o céu, mas sem Pipino e Carvalho.

Eles já estavam tranquilamente aboletados num lento mas seguro jipão que os conduziria de volta ao escritório central, em Maringá.



Herbert Fürbringer



*Casal Hebert e
Angela Aro Furbringer - 2004.*

Também em 1955 chegara a Ubitatã, a pedido da Sinop, o pioneiro Hebert Fürbringer, com a esposa Ângela e o cunhado Waldemar Fernandes Krol. Mais tarde ele teria também participação no desbravamento de Formosa d'Oeste e na frente mato-grossense da Sinop.

Chegou em Ubitatã no dia 19 de fevereiro de 1955, vindo de Juranda com 24 anos de idade com sua esposa e sua filha. Veio também com ele seu cunhado com a esposa. Chamado para trabalhar pela Sinop como carpinteiro construiu as primeiras casas de Ubitatã e o escritório da Sinop.

Quando chegou em Ubitatã havia somente a pista de pouso dos aviões onde está situada a avenida Nilza de Oliveira Pipino, o restante da cidade era somente mato, uma mata muito linda e preservada.

Tinha também muito plantio de palmito, não havia estradas, somente trilhas e os meios de transporte eram o jipe e o avião.



*O corretor Odair Ruiz
num dia de caça - 1957.*

Foi Herbert que esteve à frente na construção da primeira igreja da cidade.

Herbert e sua família são da igreja luterana, e recebeu também o título de Cidadão Honorário na gestão do prefeito Tomaz Izidro de Lima, em 1998.

Foi construtor de muitas pontes, sendo uma delas a do rio Carajá. Herbert é natural de Brusque – Santa Catarina, nascido em 21/11/1931. É descendente de alemães e fala quatro idiomas. É casado com dona Ângela de Aro Furbringer e tem oito filhos. Atualmente dona Ângela faz conservas caseiras que é o seu maior prazer e contribui para o orçamento doméstico e com o artesanato local.

No interior do Paraná algo radioso estava acontecendo naquele dia 19 de fevereiro de 1956: o lançamento da pedra fundamental da **Vila Ubiratã**, integrada ao território do Município de Campo Mourão.



*Hebert Furbringer construiu a ponte sobre o rio Carajá na
estrada Santa Luzia, no tempo da colonização - 1957.*

“Nesse dia foi realizada uma festa para fazer o lançamento da venda de lotes. Vieram compradores de terras do Brasil inteiro, inclusive do Paraguai. Foram 60 a 70 jipes lotados de compradores” (Bordin).

O narrador dessa história foi um espectador privilegiado, na medida em que também foi um dos artífices daquelas horas históricas. Vilder Bordin conta pausadamente, o clima que vivenciou naquela data:

– Escritório pronto, campo de pouso e hotel também aptos para receber e alojar os visitantes, que com bastante antecedência haviam confirmado presença. A colonizadora Sinop autorizou seus funcionários que organizassem nos mínimos detalhes o evento. No dia anterior, as caravanas de compradores de terra iam chegando acompanhados de corretores, e já preparavam o roteiro para as visitas aos lotes no dia seguinte.

O resultado desse lançamento seria uma reforma agrária completa. Havia o núcleo da cidade, encarapitada sobre o topo do espigão, cercado por um cinturão verde, estrategicamente organizado para a produção de alimentos, e a partir daí os sítios, entre um e vinte al-

queires, e depois as fazendas maiores – todos com águas e estradas disponíveis.

A recepção anunciada para o meio-dia daquele 19 de fevereiro prometia muito.

“O local escolhido não podia ser melhor. Sob a mata, na quadra onde hoje se localiza o Fórum, onde foi instalada a segunda prefeitura. O local foi preparado para impressionar os visitantes. Retirados os espinhos, cipós, folhas, secas, deixado à vista frondosas perobas, canela, cedros e outras madeiras de lei, inclusive palmitos que, além de ornamentar o cenário, foram usados na preparação do almoço.

No romper da aurora do dia 19, um foguetório ensurdecedor despertou a multidão de compradores que, para estarem de volta ao meio-dia, saíram de madrugada, em grupos, em todas as direções, para escolherem seus lotes que no dia anterior haviam visto nos mapas. Um avião da Sinop tinha a sigla DKH, que era motivo de gozação entre os habitantes de Ubiratã, que falavam bem rápido, para sugerir outra coisa, tudo bem rápido para completar a festa.” (Bordin).



O portal feito de folhas de palmito no dia da fundação da vila de Ubiratã - fevereiro de 1956. Neste mesmo local hoje é o Banco do Brasil.



Primeiros compradores de terras na região de Ubiratã. A mata ao fundo daria lugar à Prefeitura - 1956.

Os funcionários da Sinop encarregados de mostrar as terras se esmeravam no agrado aos compradores e sentenciavam, sem medo de errar: “Nossas terras são as melhores do mundo”.

O experiente Vilder Bordin, com espírito prático, mas também com muito bom-humor, marcou aquele dia histórico para Ubiratã ao protagonizar um episódio hilariante.

Ele foi encarregado de conduzir um comboio de cinco jipes que percorreriam as terras do trecho Jandaia-Rio Verde para examinar os lotes disponíveis na Estrada Osvaldo Cruz, Divisora, Inúbia, Tupã e Lucélia.

“Percebi que os compradores que estavam comigo não estavam a fim de comprar terras, mas passear e participar da churrascada. Já passavam de 11 horas e os homens não se decidiam, e propondo para ver uns lotes na Estrada Terra Rica, lembrei-me do ditado que acender velas para defunto ruim não vale a pena. Tentei convencê-los que aquela hora era perigoso andar na mata devido às cobras naquela região. Fui perguntado por um senhor se havia muitas cascavéis na mata. Respondi-lhe que cascavéis não havia nenhuma, as urutus haviam comi-

do todas. Foi um silêncio: acreditaram. Continuei a contar *causos* de cobras, sem conseguir demover os caras de ver os outros lotes" (Bordin).

Nesse ponto, Bordin engrossou as narrativas:

– Disse a eles que cobras andavam sobre as árvores e se camuflavam parecendo cipó. Fecharam as cortinas do jipe, horrorizados. Uns dois dias antes eu havia prendido uma caninana de mais ou menos um metro e meio de comprimento e coloquei na caixa de ferramentas do jipe, sob o banco do passageiro. A minha intenção era mandar o réptil para o Instituto Butantan, mas diante das circunstâncias, me ocorreu dar um chega-pra-lá nos sujeitos. Um dispositivo que ao lado do meu banco, acionado, fez a tampa da caixa abrir-se e o imprevisto aconteceu...

A cobra canina é inofensiva, mas ao se libertar deslizou suavemente entre as pernas dos passageiros, provocando o pânico:

– Olha a cobra! Olha a cobra!

Ameaçaram pular do jipe ainda em movimento abrindo as portas, rasgando as cortinas e forçando a parada brusca. O retorno à vila foi imediato. Nem é preciso dizer que aquela turma foi embora rapidamente, sem comprar as terras.



Trabalhadores da Sinop. Motorista: Pimentão, o tratorista José Hugo Lopes, Zé Grande, Raul e Marciano - 1955.



Vilder Bordin, Moritaka Mochizuki e compradores de terras - 1956.



Compradores de terras - 1956.

A reforma agrária perfeita comandada pela Sinop no Noroeste do Paraná, porém, não se completou sem antes enfrentar obstáculos diversos.

O maior deles eram os posseiros, que antes da aquisição feita pela Sinop junto ao governo do Estado haviam se estabelecido na região apossando-se de terras e depois vendendo a “posse” a terceiros.

A *posse* era uma situação de fato, que precisava ser resolvida, e a Sinop optou por celebrar acordos com seus detentores. Em muitos casos isso foi possível, mas houve situações mais complexas e difíceis.

Até o uso da força armada a certa altura acabou acontecendo, ampliando o rol de conflitos dramáticos pela ocupação da terra no interior do Paraná.

Ubiratã também não fugiu à regra. Mesmo com a colonização planejada da Sinop, os conflitos estavam fadados a ocorrer como consequência das formas precárias e conturbadas de ocupação da terra no passado.

No transcorrer do processo, ocorreram concessões de ambas as partes, o que evitou ainda maiores problemas, enquanto o restante do Vale do Piquiri era tragado por uma onda sanguinolenta de emboscadas, repressão e revides.

Um aspecto importante da colonização de Ubiratã foi a presença dos colonos japoneses. Cautelosos, eles acampavam dias a fio na terra e se alternavam em grupos, sempre recolhendo amostras diversificadas de solo e plantas que eram enviadas ao Japão para análise.

“Isso era para ter garantia de estar comprando uma terra boa. Saía uma turma, vinha outra, até fechar um negócio de três alqueires” (Bordin).

A colônia japonesa começa então a se fixar em Ubiratã – entre elas a família Makiyama – e determina o aparecimento da Colônia Esperança, futura Colônia Santo Inácio, onde seria celebrada a primeira missa de Ubiratã, em 19 de fevereiro de 1956.



Os primeiros colonos de origem japonesa vieram para analisar a qualidade da terra. Visita a uma família de posseiros que habitavam as margens do rio Carajá, que dedicavam-se a exploração da suinocultura - 1956.

A celebração foi oficiada pelo padre jesuíta Beno Wagner. Os imigrantes japoneses haviam recebido a promessa da Sinop de lhes destinarem um pároco que pudesse prestar atendimento em língua nipônica. O jesuíta Sebaldo Bruxel, que chegou posteriormente e atuara em missão na ilha asiática, fez cumprir o compromisso assumido pela empresa.

Nesse ano estratégico para a formação de Ubiratã e o complemento da primeira parte da saga da Sinop no Paraná, também chegara a São João a família de Argemiro Leite e serão construídas as primeiras residências ubiratanenses, de Vilder Bordin e Elias Colombo. Numa delas funcionava um consultório médico, atendido pelo dr. Hélio Gondin Borges, um clínico geral.

Foi também em 1956 que chegariam ao Brasil as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, provenientes da Alemanha. Algumas delas logo seriam enviadas à região pioneira do Norte do Paraná, estabelecendo-se em Maringá, onde iriam se preparar para jornadas ainda mais difíceis nas frentes de desbravamento – e Ubiratã estaria desde logo marcada como seu destino.



Professor Furusato e a Banda Esperança da colônia japonesa de Rolândia anima a fundação de Ubiratã - 1956.



*Colônia Esperança recebe os primeiros compradores de terras que se fixaram na Colônia Santo Inácio, em Ubiratã.
Banda de música de Arapongas e a presença das famílias Furusato e Makiyama com o padre Sebaldo - 1957.*



Watanabe e a Banda de Arapongas - 1956.



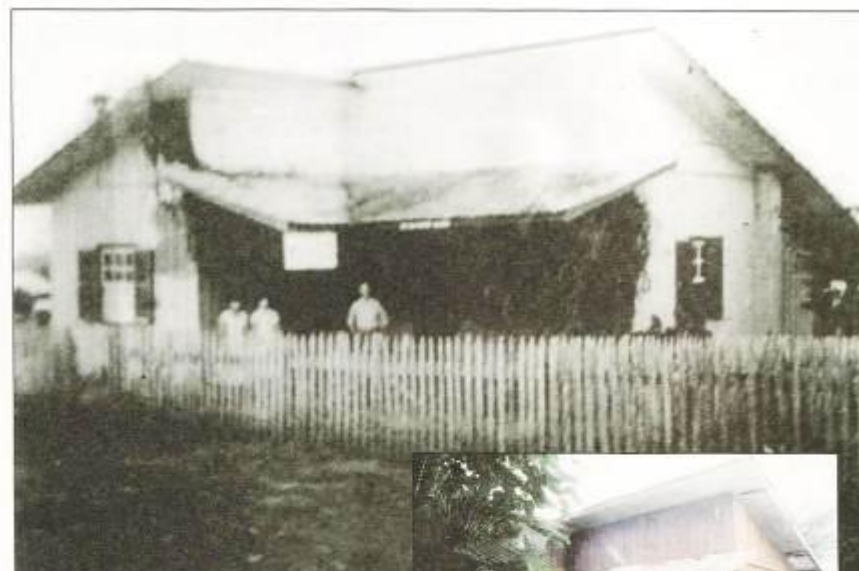
Associação Esportiva e Recreativa Nipo Brasileira de Ubiratã - 1958.



*A Colônia Santo Inácio recebeu os primeiros colonos de origem japonesa:
A pedra comemorativa menciona o Caminho do Peabiru - Abril 2007.*



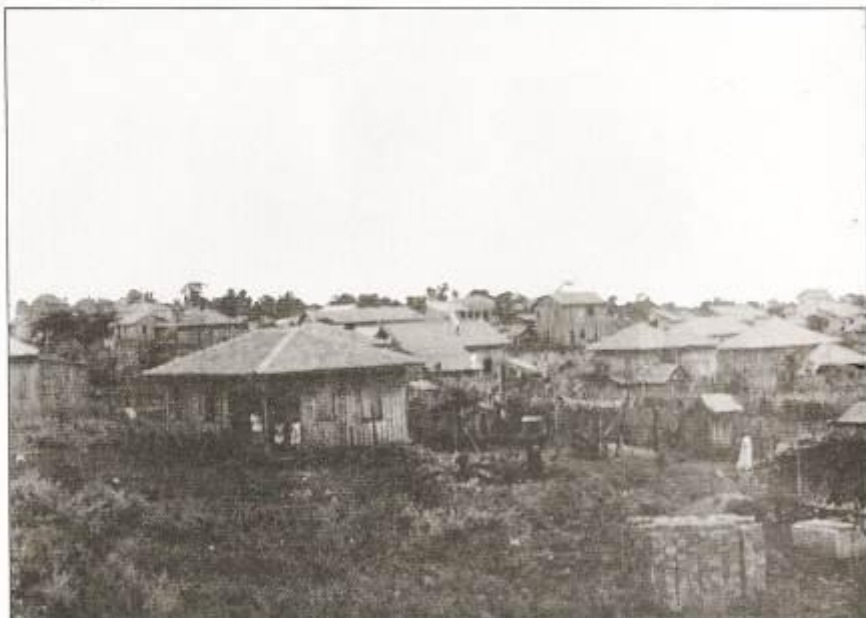
Ubiratã em 1958.



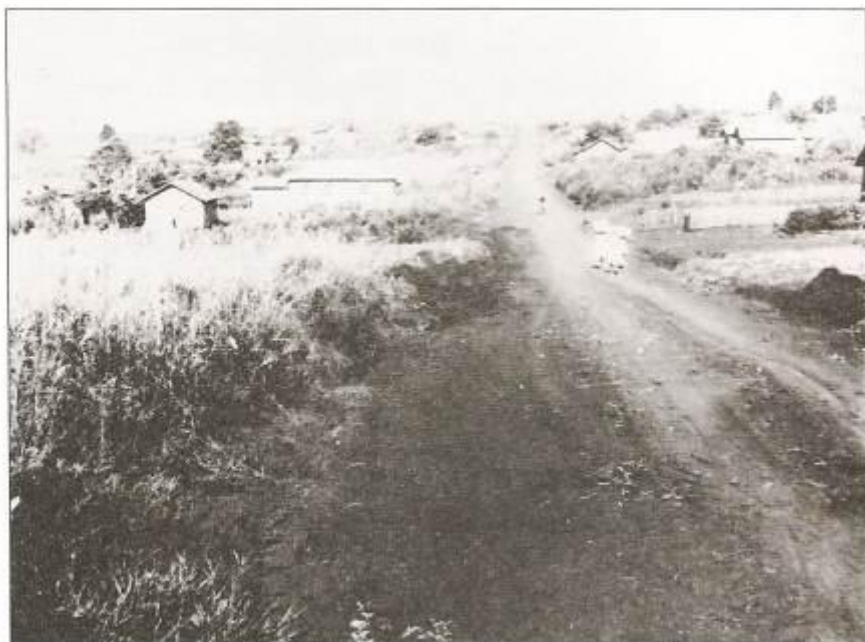
*Uma das primeiras casas de
Ubiratã. Ela serviu como
consultório médico e depois
residência do topógrafo
Vilder Bordin.*



Rua Princesa Izabel e a casa de Vilder Bordin - Fevereiro de 1956.



As primeiras casas de Ubatã - 1956.



Ubatã - Década de 50.



1963: Parque infantil e bosque natural, onde hoje se localiza a fábrica de fogões.



Moinho e serraria da família Bartz - 1957.



Moinho construído em 1958.



Primeira residência da família Bartz em 26.08.1957.



*Serraria Pires e Teixeira - 1957.
A mata ao fundo é hoje o Conjunto Habitacional JK.*



*Serraria Sete de Setembro, a segunda
instalada em Ubiratã - 1957,*



Serraria São João, movimentada a água, de propriedade de Osmar Bertoli. Foi destruída por um incêndio em 1964. Atualmente é eletrificada.



A primeira delegacia de Ubiratã foi inaugurada em 19 de agosto de 1958. Acima, da esquerda para a direita, soldado Manoel, Pedro do Laço (réu), Cabo João, Nezinho Coelho, o juiz de Paz, Fernando Stern Soares e o capitão Bueno (foto de 1962).



João Bueno, conhecido como Cabo João, chegou em 1958 e é considerado por muitos o primeiro soldado da Polícia Militar de Ubiratã. Ele foi casado com a também pioneira Leontina Castro Bueno. Devido a sua valentia, era muito respeitado.



CAPÍTULO IV – AS BASES ÉTNICA E ECONÔMICA

1. A Cidade se Organiza

A intenção da Sinop ao formar Ubiratã era ocupar a região com agricultores apoiados por núcleos urbanos. Essa base econômica rural seria a partir daí construída por uma base étnica tão diversificada quanto às culturas que se consideravam possíveis na região – do café ao feijão.

Para quem comprava terras, a Sinop oferecia uma espécie de bônus: uma “data” urbana a que cada colono teria direito desde que se comprometesse a construir no prazo de três meses.

“Com isso”, diz Vilder Bordin, “num instantinho se formou a cidade”.

Naquele ano de 1956 tudo estava acontecendo. Estava edificada a primeira igreja e surgindo a primeira rodoviária, ao lado da atual Prefeitura.

Mesmo efêmero, o café pode ser considerado o primeiro ciclo da economia rural de Ubiratã.

Em novembro a comunidade crescente de Ubiratã conquistaria um grande reforço: chega à região o empresário Osmar João Bertoli, ainda solteiro, junto com famílias de Santa Catarina incentivadas por seu pai, João Bertoli – é a “frente sulista”, que trará as etnias européias.

Bertoli foi morar na Fazenda São João, de seu pai, e ali iniciaria uma trajetória em operosidade e ação comunitária somente comparável à de Vilder Bordin, outro factótum ubiratanense.

O atual bairro Panorama era uma fazenda de café do posseiro



Na orla do cafezal, ao centro Alberoni Bittencourt. No jipe, Olívio, um dos primeiros policiais ubiratanenses - 1960.

Belantani, onde foram plantados uns dos primeiros pés de café de Ubiratã entre os anos de 1951 e 1954.

A geada de 1955 acabou com os cafezais, cujo plantio foi retomado mais tarde até a erradicação na década de 60, quando o governo federal oferecia 5 cruzeiros para cada pé de café retirado, como aconteceu com o novo proprietário das terras de Belantani, Henrique Hirata, entre outros.

Os trabalhadores da São João, como não existia ainda a vila de Ubiratã ou mesmo quando esta ainda não oferecia atrativos aos agricultores, faziam uso de outros patrimônios, principalmente Juranda (hoje Município com o mesmo nome) para comercializar seus produtos e adquirir outros.

O acesso era muito difícil. Só o “carroção” conseguia chegar ao destino. Uma viagem levava um dia inteiro pelas matas nativas em estradas improvisadas.

Com a riqueza da terra e a grande produtividade veio o desenvolvimento. Mas desde 1950 e 1960 a comunidade chegou a ter dois

armazéns de secos e molhados, escolas, igrejas, bares, sorveterias, máquinas de arroz, moinho de fubá, farmácia e muitas residências além de tudo que se fazia necessário para a sobrevivência decente na época.

Cogitou-se até um loteamento, cujo nome seria *Itaiópolis*, para ser um futuro distrito de Ubiratã.

Devido ao êxodo rural, a população diminuiu, mas ainda hoje é um lugar agradável para viver e a comunidade é muito unida. Várias residências, igreja, escolas estadual e municipal, posto de saúde, mercadinho, telefone, boas estradas – a principal, de paralelepípedos, liga à cidade de Ubiratã –, salão comunitário onde acontecem a maioria das reuniões e festas, entre elas a Festa de São João,



A tradicional fogueira de São João.



A comunidade de São João surgiu do primeiro projeto privado de colonização e se integrou plenamente ao projeto da Sinop (Foto aérea da década de 80).

que traz pessoas de vários lugares para se divertir e assistir à queima da fogueira, danças típicas e saborear pratos típicos e churrasco.

Este lugar agradável faz com que muitos dos agricultores permaneçam no local. O cantor e compositor Zé Rico possui terras nesta localidade e foi instituída a Copa Zé Rico Zum, à qual ele comparece e participa dos jogos com a comunidade.

O padre Beno Wagner celebraria a primeira missa de Ubiratã numa capelinha, em 15 de agosto de 1956, e a cena ficaria impressa em fotografia hoje exibida na Igreja Matriz.

O padre viera para rezar a missa proveniente de Maringá, onde foi também o primeiro pároco, a bordo de um teco-teco.

2. A Participação Oriental

Havia então apenas onze casas na vila, mas o interior recebia cada vez mais famílias, de origens étnicas diversas, como a de Keigo Omori, da “frente paulista”, que iniciaria a plantação de menta em Ubiratã.

Vindo do Japão, trazido pela família, aos quatro anos de idade, Keigo Omori transitaria por diversas cidades do interior paulista antes de se fixar em Ubiratã – Ribeirão Preto, Lins, Cafelândia (a paulista).

Essas idas e vindas se deviam ao seu caráter de produtor meeiro. Instalando-se em Ubiratã em 1956, desafiando a mata e se deslocando como podia através de jipe, Omori tentou plantar feijão, arroz e milho.

“Não dava nada. Tinha mês que não pagava nem a sacaria” (Omori).

Mas os preços pagos pela hortelã iriam disparar no mercado internacional e a terra generosa e novíssima de Ubiratã estava em plenas condições de oferecer boas safras para satisfazer as exigências do mercado.

“A colheita da hortelã, era carregada no capô do jipe, uns 200 litros. E naquele tempo dava bastante dinheiro. Como aqui chovia muito, havia dificuldade. E não havia banco naquela época. Eu andava muito de avião teco-teco de Maringá até aqui. A avenida era o campo de aviação. Comecei plantando, tomando conta da fazenda e também fazendo compras para a firma Brasway. Cada trabalhador



O meeiro Keigo Omori encontrou prosperidade no ciclo da hortelã.

plantava mais ou menos um alqueire e meio. No calor, a menta dava bem, no inverno, não. Eu vinha todo mês, ficava três, quatro dias e ia embora. A colheita era feita de noventa em noventa dias. Só vinha financiar a turma. O financiamento era feito pela empresa” (Omori).

Em 1956 ele construiu um armazém e em 1960 viria com a família para aplicar seu segredo e fazer a hortelã render muito mais:

“O processo para extrair o óleo é arrancar as folhagens antes do florescimento. Faz feixes, joga na pipa e faz a destilação em alambique, como se fosse pinga, usando serpentinas, e o que sai na bica é apurado, transformando em menta” (Omori).

Logo que os colonos de origem nipônica introduziram a cultura da hortelã, aproveitando os bons preços da época, espalhou-se o boato de que a menta, uma cultura até então estranha para os colonos do interior paranaense, era utilizada para a produção da bomba atômica.

Tendo a pairar sobre sua gente as recentes tragédias da explosão das bombas atômicas americanas em Hiroxima e Nagasaki, a colônia japonesa não se deixou abalar: tinha informações bem claras sobre os usos industriais e farmacêuticos da menta.

Keigo Omori adquiriu vários jipes que faziam viagens a Foz do Iguaçu. Depois adquiriu caminhões Mercedes-Benz. Chegou a comprar menta até no Paraguai.



O “banco” de Ubiratã na década de 60: sobre o capô do caminhão, dinheiro para fazer pagamentos.



Colheita de hortelã, e ao fundo, o alambique - 1960.

Quando a hortelã declinou, pela alternância de ciclos bons e ruins, passou a formar pastagens nas áreas liberadas e no ciclo da soja decidiu também investir em terras no Paraguai.

Os alambiques de Ubiratã desapareceram. Os brasileiros que passaram a se transferir ao Paraguai vinham a Ubiratã e arrematavam os destiladores, já sem utilidade devido ao declínio da produção da menta por conta do desgaste da terra.

A primeira escola de Ubiratã, longe ainda de ser uma instituição completa, surge em 1957, na rua Benjamim Constant, e a composição de seu alunado também indicará a diversidade étnica da formação ubiratanense.

As instalações do educandário se limitavam ao espaço de um barracão emprestado pela Sinop. A escola funcionava ao lado do equipamento que fornecia energia elétrica à comunidade, o que permitiria aos retóricos uma bela metáfora entre a luz do saber e a iluminação da cidade.

O barracão também era a garagem da Sinop, mas aos pioneiros importava mais sua vantagem funcional. Ali foram instaladas as quatro primeiras séries do curso primário, que depois evoluíram para formar o corpo da Escola Isolada de Ubiratã.



No barracão-garagem da Sinop, motor de luz e "luz do saber" - 1960.



Primeira escola de Ubiratã - A professora Evani com seus alunos - 1960.

Abria-se caminho, assim, à primeira geração de alunos formados na própria comunidade.

O descendente de alemães Frederico Sommer, popular *Frico*, chega de Joaçaba (SC) a Ubiratã no dia 29 de julho de 1957, aos 23 anos, e já no primeiro dia encontraria trabalho como carpinteiro.

Foi um dos primeiros arquitetos do município, projetando os primeiros prédios e casas de Ubiratã a partir de um curso de Desenho Arquitetônico feito por correspondência.

Além de projetar diversas edificações, Frico também se dedicou às atividades correlatas de marcenaria e serralha, tendo construído carrocerias, móveis e carros.

A serviço do Município, projetou e construiu pontes, como a do rio Tricolor, com 36 metros de comprimento.

Frico veio assim se somar à comunidade ubiratanense que se estruturava para um ousado empreendimento: transformar Ubiratã em Município.

Os deputados estaduais eleitos com votos recebidos na vila de Ubiratã – Aníbal Cury (apoiado pela Sinop), Paulo Poli e Armando Queirós –, sustentaram na Assembléia Legislativa a proposta de criar o Distrito Administrativo e Judiciário de Ubiratã.

Essa movimentação redundou na Lei Estadual nº 3.344/57, de 20 de setembro de 1957, com a qual Ubiratã foi elevado à categoria de Distrito Administrativo, pertencendo ao município de Campo Mourão.

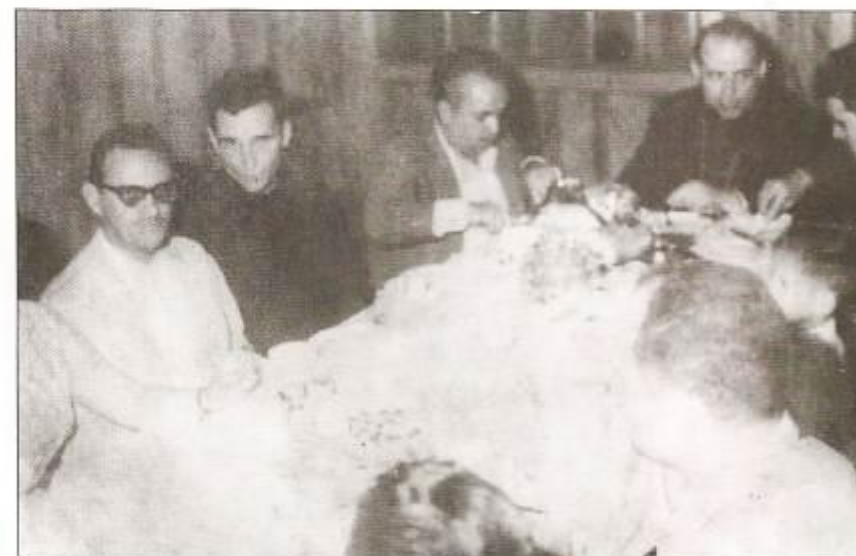
Trata-se de uma notícia significativa, representando estruturação e progresso, e ela vai permitir à Sinop atrair mais compradores de terras.

Logo a seguir, em outubro, chegam a Três Placas as famílias de Marcílio Bento Moreira e Guilhermino Geraldo da Costa, pela Estrada Alagoas, abrindo picada para chegar ao fundo do lote, trabalhando duro na terra, às voltas com onças – que Omori afirma ser cães caçadores – e porcos do mato.

Virá também o farmacêutico baiano Raimundo Soares do Nascimento, que desde 1952 se encontrava em Maringá e teria excepcional destaque na área política, além de ter sido o juiz de paz que celebrou o primeiro casamento em Ubiratã.



A casa de Frico, 1955, uma das primeiras de Ubiratã, na qual reside até hoje.



Dona Nilza de Oliveira Pipino (à esquerda, parcial), Ênio Pipino, padre Arnoldo, Aníbal Curi e Paulo Poli em almoço no Colégio Santo Antônio - 1957.



1957 - O campo de futebol é a atual Praça Pio XII.

A mata ao fundo é hoje o atual Hospital São José. Os atletas Irineu Napolitano, Casinho, João Dias, Geraldinho, o técnico Watanabe e outros são recebidos com festa pela banda de música.

Dá-se nessa época a inauguração do primeiro campo de futebol, que mais tarde cederia lugar à atual praça Pio XII, ao lado da Igreja Matriz, e registra-se a chegada dos primeiros compradores de terras da Colônia Santo Inácio, de construção japonesa, com as famílias Furusato e Makiyama.

Logo Ubiratã terá residências também de alvenaria, pois é aberta uma olaria, no Córrego do Palmito, por iniciativa de Fermio Carmona.

Herança dos tempos da erva-mate, o Porto 1 no Rio Piquiri, ligando Ubiratã a Nova Aurora, ganha instalações mais adequadas. O porto data do início da colonização do Oeste do Paraná e cumpriu importante papel no desbravamento da região.

Por sua vez, no Porto Zero, junto à balsa, havia no barranco do rio, para dar apoio aos motoristas, um restaurante de propriedade de João Mota e um armazém de secos e molhados de Antônio Cardonha (Bordin).



O Porto 1, no rio Piquiri, ligando Ubiratã a Nova Aurora.

O porto, em propriedade posteriormente adquirida pela família Furukawa, seria totalmente desativado com as obras da BR-369.

Os portos integram, com os rios, as balsas e as estradas antigas e novas, a infra-estrutura sobre a qual as bases de Ubiratã se fortaleceriam.

As comunidades se robusteciam. No final de 1957 chegaria a Ubiratã Antônio Ferreira, proveniente de São Paulo, para adquirir uma propriedade na região de Yolanda, onde ainda não havia construções.

“Em 1958, quando vim visitar o terreno já estava construída a primeira bodega pelo sr. Gercino, que empreitou o primeiro poço para ser construído. O poço foi Irineu Bernardo dos Santos” (Ferreira).

Por essa época, padre Sebaldo Bruxel, na ausência de uma capela, celebrou a primeira missa de Yolanda na residência de Francisco Amaro. Imediatamente, a Sinop assentou a pedra fundamental para a construção de uma capela e da escola.

“Neste dia, entre as autoridades que compareceram estava também o agrimensor da firma, Sr. Vilder Bordin, que efetuou o trabalho colocando ali a pedra fundamental para a construção dessas duas casas que iriam iniciar a cidade de Yolanda” (Ferreira).

A diversidade étnica e a multiplicidade das regiões de origem dos ubiratanenses na época ainda não se refletiam em usos e costumes

muito diferenciados. A mata exigia de todos recursos mínimos para trabalhar e viver. E os templos e capelas religiosas, então, eram apenas católicos.



A primeira capela de Ubiratã - 1956.



Festa na antiga Igreja Matriz de Ubiratã - 1959.

3. Nortistas, Sulistas, Europeus, Árabes

Ao se aproximar o final da década de implantação de Ubiratã, em 1958, chegam ao fim os procedimentos do levantamento topográfico, iniciado em 1954.

Enquanto iam chegando mais pioneiros, como as famílias Shimo-hiro, José Matoso e José Eduardo, estabelecidos em Três Placas, às margens do rio Carajá brotou o início de uma vila, com as famílias Quirino, Torres, Garanhão, Suzuki e Wenceslau.

Santo Hortêncio se estabeleceu provisoriamente na residência de Marcílio Moreira para construir uma casa na Fazenda do Dr. Juvenal. Em seguida chegam as famílias de Benedito Vieira e Joaquim Américo.

Será um fim de década extremamente produtivo, com muita gente chegando e uma série de ocorrências históricas rememoradas pelos pioneiros, como o nascimento, em 4 de abril de 1959, da primeira criança registrada em Ubiratã: Antônio Carlos Corrêa.

Em 8 de junho de 1959 será criada a Paróquia de Ubiratã, confiada inicialmente a padre Sebaldo Bruxel. Nesse mesmo inverno chegaria a Ubiratã, depois de ter sido vereador em Mirante do Paranapanema (SP), o nordestino Tomaz Izidro de Lima, que além de vereador seria também futuro prefeito do Município que o acolhia.

Os primeiros receptores de rádio nas casas de família sintonizam a clandestina Rádio Mirim de Ubiratã, cujo amplificador foi instalado junto ao Posto Texaco.

O locutor da emissora é o onipresente Vilder Bordin, que tinha como técnico de som o *João do Rádio*. Ele trocava dedicatórias musicais por cerveja. Era uma festa! "Pegava até em Campo Mourão e podíamos dar até notícia importantes como se estava chovendo ou não e acidentes de pontes caídas" (Bordin).

A Rádio Municipal poderia noticiar, assim, a conclusão da capela de Yolanda, bem como a abertura de sua escola pioneira. Uma das primeiras professoras da escolinha foi Ivone de Lima, que seria no futuro diretora do Grupo Escolar Yolanda.

O Distrito de Yolanda começou a ser povoado em 1959, sendo



João do Rádio e Vilder Bordin na Rádio Mirim - 1960.



Vilder Bordin e ao fundo a primeira Igreja de Yolanda - 1961.

sua denominação uma homenagem à esposa do Diretor da SINOP, João Pedro Moreira de Carvalho – Yolanda Loureiro de Carvalho.

Segundo o topógrafo Vilder Bordin, o Distrito foi originalmente concebido como um ponto de venda de terras, sem o intuito de formar comunidade. Mas os pioneiros vieram e começaram a estender suas primeiras plantações de hortelã, feijão e milho e construindo casas.

Dinâmico e participativo, o Distrito de Yolanda, a 16 quilômetros da sede municipal, contribuiu muito para o desenvolvimento da base econômica de Ubitatã, contando com forte estrutura de comércio e de bens de serviço.

Em 1959 também chegaria a Três Placas a família de Salviano Ferreira Vaz, vinda de Marialva, e, em julho, estabelecia-se em Ubitatã a professora Ruth Agathe Mayer, que vem para se casar com o carpinteiro Frederico Sommer.

Ela foi imediatamente recrutada por padre Sebaldo Bruxel para lecionar no colégio Santo Antônio. As irmãs missionárias, vindas há pouco da Alemanha para diversificar ainda mais a composição étnica de Ubitatã, não falavam Português e encontraram em Ruth a sua intérprete, já que é de origem alemã e falava bem o idioma.



Professora Ruth Agathe Mayer e Frederico Sommer - 2005.

Saiu-se tão bem que foi designada para dirigir a alfabetização do educandário. Mais tarde, seria diretora da Escola Quintino Bocaiúva e depois de aposentada realizaria trabalho voluntário de alfabetização de idosos.

Por essa época, Ubiratã também recebe um de seus futuros prefeitos: Aureo Zamprônio, que se estabeleceu com sua Farmácia Santa Helena.

Os pioneiros não paravam de chegar. Frederico Antônio Ludemann abre uma oficina de automóveis e a professora Evani Batista Piczarka vem do interior de São Paulo.

Chegando em seguida os primeiros professores – Cecília e Osvaldo – Evani iniciaria imediatamente sua longa trajetória como educadora em Ubiratã.

“As quatro séries funcionavam numa sala só. Uma série tinha aula cada dia. Eram cerca de 200 alunos. Tinha que acolher todos que aparecessem. Os alunos com melhores notas eram levados a Campo Mourão para oficializar a graduação” (Evani).

“A Escola Isolada se uniria posteriormente ao Colégio Santo Antônio. Naqueles dias difíceis, como chovia muito, havia alunos que chegavam à escola sujos e molhados. Como as crianças vinham com os calçados sujos e enlameados, sempre havia calçados limpos para trocar e assim poder lavar os que traziam, com a água que era tirada do poço.

Os professores entravam em desespero quando alguns alunos começavam a tremer com maleita, sem saber o que fazer. Às professoras cabia, além de educar, os papéis de mães, enfermeiras, serventes e zeladoras alternativas” (Evani).



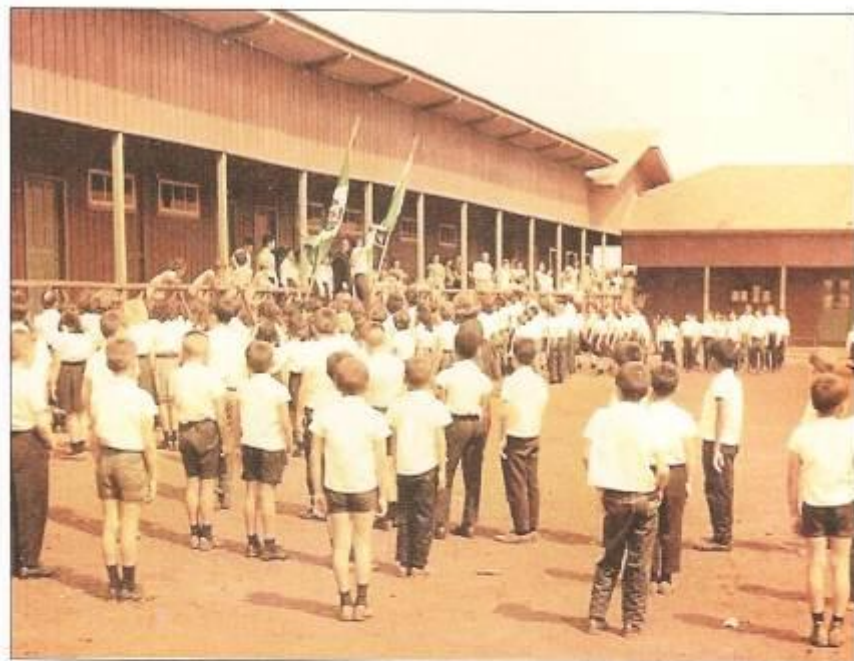
Ema e Frederico Ludmann - 1959.



Formandas da Escola de corte e costura da Escola Santo Antônio com a irmã Maria Johanita - década de 60.



Uma das turmas de formandos Escola Santo Antônio - 1960.



Colégio Santo Antônio na época do padre Fritzen - 1960.



Alunos da Escola Santo Antônio - 1962.



Ir. Magda (à esquerda), Ir. Maria Johanita, Ênio Pipino e a esposa Nilza (ao centro) e os formandos da Escola Santo Antônio diante da antiga igreja - 1960.



Festa de formatura dos alunos da 4ª série. Em primeiro plano, à esquerda, o Dr João Baptista Guimarães Costa.



Inauguração do Grupo Escolar Quintino Bocaiúva. Em destaque o secretário estadual da Educação do Paraná, Jucundino Furtado, deputado Armando Queiróz e o prefeito Alberoni Bittencourt - 1962.



Inauguração do Grupo Escolar Quintino Bocaiúva pelo secretário Jucundino Furtado e prefeito Alberoni Bittencourt - 1962.



População na inauguração do Grupo Escolar Quintino Bocaiúva. Ao centro, irmã Johanita, vereador Antônio Correia, juiz de Paz, Fernando Soares, Piragibe Alves Azevedo e o vereador Raimundo Pereira.



Secretário estadual da Educação Jucundino Furtado com as professoras na inauguração da Escola Quintino Bocaiúva - 1962.



*O prédio do Grupo Escolar Quintino Bocaiúva
na sua inauguração.*



*Alunos da Grupo Escolar Quintino Bocaiúva
no dia da inauguração - 1962.*



Escola Santo Antônio no desfile de 7 de Setembro - 1960.



Desfile de aniversário da cidade em 1965.



Colégio Estadual Quintino Bocaiúva na década de 60.



Professoras da Escola Quintino Bocaiúva em frente a igreja - 1967.



Dois povos festejam o trabalho: as bandeiras do Brasil e do Japão hasteadas no 1º de maio de 1963.



Comemoração na Igreja Matriz - Década de 70.



Desfile da fanfarra da Escola Santo Antônio na década de 70.



Festa junina na década de 70. O professor Sidnei Guerra é o 'noivo'.



Procissão de Santo Antônio em Ubatã- 1978.



Comemoração do Dia do Professor na Escola Santo Antônio - 1980.



Desfile no aniversário do Município - 1981.



Escola Santo Antônio - Pré Escola - 1981.



Alunos no pátio da Escola Santo Antônio - 1981.



Desfile da Escola Santo Antônio
no aniversário de Ubiratã - 1984.

4. Os Simpáticos Libaneses Muhieddine e Issaf

Novos moradores ubirata-nenses de origem árabe também começam a chegar no fim da década de 50, completando a variedade étnica de Ubiratã.

É o caso do libanês Muhieddine Akkache, que veio para o Brasil em fevereiro de 1949, aos 28 anos, numa viagem marítima que durou 34 dias até o Porto de Santos.

Mascate, abriu sua primeira loja no interior de São Paulo e ao chegar a Ubiratã, além de permanecer no ramo lojista, também adquiriu terras.



Muhieddine e Issaf - 2005.

Segundo Muhieddine, ele estava no Líbano com a família, mas queria melhorar de vida e o Brasil seria o país perfeito.

Ele conta assim: “Eu tava lá no Líbano arrumando meus documentos e minha mãe ficou rezando, ela não queria que eu viesse tão longe. Ela quer que *eu fica* perto dela. Eu falei pra ela: mãe, *me solta eu*; eu acho que a senhora está me segurando. Reza *bra* Deus, pede a Deus que abra o caminho *bra* mim, *bra* eu não achar *borta* fechada. Ela me disse: ‘vai com Deus, que ele acompanhe você aonde quer que você vá e aonde que você vem. Deus que mande chuva de amor *bra* você até arranjar muita produção’.”

Até hoje ele pergunta: “Como que ela sabia que eu iria comprar terras se eu ainda estava lá no Líbano?”

“Então eu trouxe a roupa minha e despedi. Fiquei 34 dias dentro do navio, mas eu paguei passagem, não vim por conta do governo. Quando cheguei no Brasil, lá em Santos, eu disse: Essa é a América. E agora, o que eu vou fazer? Eu, com a capa numa mão e a outra mão na mala. Eu tinha 28 anos de idade.

Abriu aquela porta do navio. Quando *eu saiu* na porta, vi a polí-

cia de trânsito. Naquele tempo só tinha a polícia que cuidava do trânsito com a mão e usava apito. Não tinha sinaleiros, só bonde, aquele que carregava gente dos dois lados.

Eu não sabia falar nada em brasileiro (português), cheguei perto do guarda e perguntei onde era o Paraguaçu Paulista, *bra* ele me ensinar onde ficava o endereço. Ele disse que não sabia e que só cuidava do trânsito e que havia muito movimento, não podia me ensinar.

Vim sozinho, solteiro, não quis casar e não tive filhos antes porque filho sofre porque não tem condições. Eu agradeço a Deus (e tira o boné), porque casei com idade de 35 anos e dei estudos *bra todos os* filhas.

Então naquele dia 24 de fevereiro de 1949 eu dei o passaporte *bra* ele carimbar. Ele disse: vai aqui na porta, tira a passagem, e você vai para Paraguaçu Paulista. Agora é que eu estou sabendo que ele falou assim, naquele tempo eu não sabia. Andei Santos *todo*, todo mundo desceu e o ônibus voltou no mesmo lugar e o cobrador veio cobrar de novo. Eu disse: aonde eu vou é no Paraguaçu e eu mostrei o endereço, mas ele cobrou de novo. E eu paguei. Quando chegou perto da polícia eu perguntei: aonde é Paraguaçu? Ela mandou eles me deixarem na estação.

Quando cheguei fiquei olhando o movimento e não sabia a quem perguntar, já que eu falava tudo árabe. Com o endereço na mão, quando eu pergunto onde é o Paraguaçu, um fala eu não sei e outro fala que não sei também.

Aí um moço disse que eu tinha que ir para São Paulo e de lá para o interior. Ele me levou onde tira a passagem. Fui correndo e tirei.

O ônibus começou a andar e eu com o *capa* e mala na mão, a polícia *vem pegar eu e eu mostra* documentos e eles carimbaram.

Dentro do ônibus tinha um rapaz e uma moça, eu tentei falar com eles pois me deram atenção. Então dei uva e figo seco que eu trouxe lá da chácara do meu pai no Líbano. Eles queriam comprar, mas eu dei.

O rapaz desceu do ônibus, mas a moça ficou. Quando chegou na Estação da Luz (SP), a moça desceu e eu descii atrás. Aí ela me disse:

– Vai na rua 25 de março que lá falam árabe.

Ela me levou e eu falei com patrício e ele explicou minha história pra ela. Depois ela me disse que tinha que pegar o carro para ir na casa dela e eu falei para o patrício que *eu paga* a passagem dela. Ela não

quis cobrar (Muhieddine se emociona) e nunca mais vi ela. Na despedida ela me falou:

– Deus te ajude e que você melhora sua vida.

– Agora que tenho dinheiro não posso pagar favor *bra* ela – diz ele.

Meu patrício conhecia meu parente em Paraguaçu Paulista. Depois mandou o filho dele levar eu no trem que vai sair as quatro horas *bro* Paraguaçu.

No trem eu disse *bro* homem que eu não sabia falar brasileiro: ‘você me avisa quando eu chegar no Paraguaçu porque eu quero ir lá no Paraguaçu Paulista’. Eu só falava em brasileiro as palavras **Paraguaçu Paulista**, o resto era tudo árabe e então eu mostrava o papel com o nome e endereço.

Viajei a noite inteira e mais outro dia.

Chegamos, descii do trem, mostrei o papel e cheguei na casa do meu parente.

Fiquei no Paraguaçu sem saber que a minha roupa dentro da mala ficou mofada com a umidade do mar. Lá usa tipo gaúcho, bombachas e botas.

No dia de domingo eu amarrei a roupa, fui ao mato, tirei minha roupa que ganhei no Brasil, vesti a roupa do Líbano e chorei... chorei... chorei...

Depois pensei: meu pai, minha mãe longe, com fé em Deus vai melhorar. Queimei as minhas roupas que trouxe do Líbano. Em casa meu tio me disse: ‘por que você não falou comigo, eu mandava lavar. Aqui no carnaval eles usam essa roupa, é muito bonita e aqui ninguém tem’.

Depois comecei a mascatear, trabalhar, viajar e descobri um lugar, Imbiacaba, no Município de Itaguajé, onde Nidi nasceu. Lá abri uma loja pequena onde fiquei sete anos.

Eu vivia sozinho. Lavava feijão, colocava arroz e carne e misturava tudo. Não sabia da cozinha daqui. Eu não quis casar porque era pobre. Depois eu casei com ela (aponta dona Isaaf) e não conheço outra não, mas ela é desconfiada...”

Dona Isaaf, muito espirituosa disse que “ele não se casou antes porque não sabia falar brasileiro e as meninas eram ‘meio avançadas’ e ele não tinha prática porque lá no Líbano até beijar é proibido”. Ela fica rindo dele e ele aceita as brincadeiras.

“Mande buscar dona Issaf no Líbano. Ela veio morar com seu irmão em Dracena, SP. Não namoramos, casamos. Por sorte, deu certo. Ela não achou alguém como ela *quer* e nem eu achei. Ela já estava com a idade de 27 anos e eu 35. Casamos em Dracena e fomos morar em Imbiçaba. De lá viemos para Ubatã no ano de 1959.

Eu já tinha vindo em 1958 para Ubatã. Comprei terra e vim para cá. E eu agradeço a Deus *bor* ter vindo aqui e tive mais três filhas. Eu *vim com loja de lá bra cá*.

Comprei terreno, trouxe minha mulher. Encomendei *bra* seu Antônio Correia construir casa e o Watanabe construiu o salão da loja”.

Ele conta que voltou só uma vez para o Líbano, seus pais não conseguiram esperá-lo, já tinham morrido. Lá tinha só três parentes mais velhos, os outros nem lembraram dele, eram muito jovens.

Lá, segundo ele, dizem: “Chegou o brasileiro. Aqui dizem ‘chegou o turco’. A gente fica dividido. Eu gosto de lá por causa dos parentes, é a minha terra, mas gosto mesmo é daqui”.

Ela brinca: “Os parentes que estão na parede é que são bons, não dão despesas, não pedem comida... Depois olham tristes para eles e dizem ‘eu queria que eles estivessem aqui comigo para eu cuidar deles’.”

Por fim eles se sentam juntos no sofá e dão boas gargalhadas e ele diz: “Ela gostou de mim e eu gostei dela”.

Muhieddine e Issaf tiveram cinco filhos: Nidi, Jamil (que faleceu ainda bebê), Nágile, Fatimi e Azizi.

Ele se dedicou ao comércio e à agricultura. Hoje é aposentado e arrendou as terras. Todas as suas filhas já se casaram e moram em Ubatã.

Nesse final de década já se estabelecera, portanto, a base econômica de Ubatã, fundada no conjunto de atividades que viria a receber a denominação geral de *agronegócio*.

Definia-se também com clareza a larga diversificação da composição étnica e demográfica de Ubatã – para a qual a expressão “terra de todas as gentes” jamais seria mera retórica.

Enquanto isso, formava-se no espaço urbano, em paralelo ao comércio tradicional, o tecido da prestação de serviços.



Ubatã em 1963.



Bar do Otaviano, esquina da Av. Nilza Pipino
c/ rua Herculino Otaviano - 1964.



Antiga agência dos Correios de Ubitatã - década de 70.



*Sede do
Clube Nipo
Brasileiro
(hoje Clube
Aquarius)
- 1966.*

*Obras na
Avenida Ascânio
Moreira de
Carvalho,
esquina com
Avenida Yolanda
Loureiro de
Carvalho.
Gestão Valderi
Claudino da
Silva - 11 de
maio de 1976.*



CAPÍTULO V – SURGE O MUNICÍPIO

1. Cuidados Estruturais

O arranjo para criar o Município de Ubitatã foi mais uma operação digna da capacidade de empreendimento e organização da Sinop. O processo começou com o apoio a um deputado estadual que viria a ser o mais habilidoso negociador político do Paraná em seu tempo: Aníbal Cury, que já havia dirigido o processo de criação do Distrito.

Mas a ação política por si só não avança sem a presença de um bom lastro de ações e estruturas comunitárias imprescindíveis ao que se exige de uma sede municipal.

A Sinop disparava ações em todos os sentidos para que os colonos pudessem ter uma estrutura melhor de serviços e apoio a suas famílias.

A melhor propaganda de uma região pioneira – este foi sempre o traço fundamental da ação da Sinop – é disponibilizar uma estrutura mínima sobre a qual se poderá trabalhar em melhores condições.

Foi assim ao trazer um padre com experiência asiática – Sebaldo Bruxel – para atender à comunidade nipônica e passou a morar na colônia, seria também assim com a vinda das professoras religiosas.

As Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, provenientes da Alemanha, desde 1956 estavam instaladas em Maringá quando o colonizador Ênio Pipino requereu à Ordem a prestação de assistência educacional à frente pioneira de Ubitatã, que viria se tornar a primeira filial brasileira da congregação.



Reunião na Escola Santo Antônio com padre Arnaldo Alberoni Bittencourt (1), deputado Aníbal Cury (2) e Ênio Pipino (3) - 1971.

Formado em Medicina em Recife (PE), em 1959, Valderi Claudino da Silva depois de uma passagem pelo litoral paulista e pela paranaense Calçara, vem para a cidade que inscreveria seu nome na história: Ubiratã.

Valderi é casado com Francisca Dantas Claudino (Francinalda) e tem 5 filhos: Valderi, Claudini, Danuza, Iuná e Larisa.



Valderi Claudino da Silva.

No início, a precariedade de transportes era tamanha que os pioneiros só tinham acesso a Ubiratã através do avião da Sinop.

Foi também assim em 30 de janeiro de 1960, com as religiosas alemãs que viriam iniciar as atividades da Escola Santo Antônio. Provenientes de Maringá a bordo de um teco-teco, elas evitaram o que seria uma aventura na selva, por conta das chuvas daquele verão.

A partir daquele momento as irmãs Maria Johanita, Maria Editha Gauell e Maria Servatia iniciariam a grande tarefa de prestar educação aos filhos dos bravos pioneiros da região e tornar Ubiratã ainda mais atrativa aos novos compradores de terras.

A irmã Maria Johanita, a superiora, dedicava-se à catequese de crianças, cabendo à irmã Maria Editha a tarefa de dirigir as atividades escolares.

As primeiras aulas do educandário foram prestadas no barracão do motor de energia elétrica, onde foram colocados bancos e mesas de madeira feitos por padre Sebaldo.

Naquela casa das máquinas, que também servia de garagem, dois motores irradiavam luz à pequena comunidade: o motor de energia elétrica, que iluminava a cidade e seria doado em 1981 por Ênio Pipino ao Museu Histórico, e as luzes do saber gerado pelas primeiras escolas.

As irmãs se hospedaram em uma residência que a Sinop disponibilizava para receber as famílias que chegavam. A colonizadora também cedeu uma quadra, na qual no ano seguinte seria construída a casa das professoras, quatro salas para o ensino primário e uma sala para o jardim da infância.

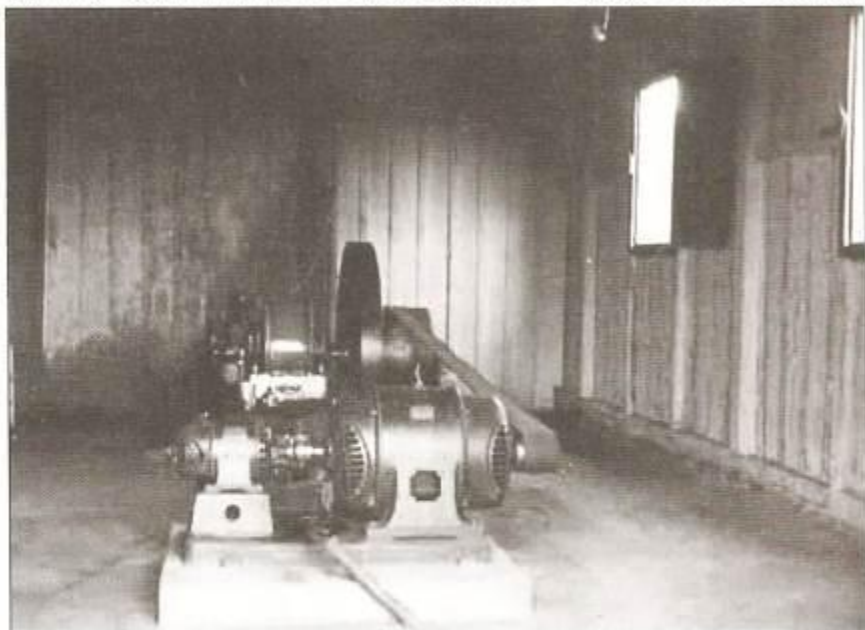
Mais tarde, já com a denominação Colégio Santo Antônio, as instalações de madeira seriam substituídas pelas atuais.

O início da década de 60 mantinha a progressão ascendente da atração de colonos ao projeto da Sinop já em franco andamento. Pela Estrada Irene, em Três Placas, chegavam as famílias Ferraz, Cordeiro e Shiratsu. Ainda nessa época, narra Marcílio Bento Moreira, o leite era tirado de cabras, pois ainda não havia pastagens para a alimentação bovina.

Foi, em suma, um tempo em que a palavra-chave seria estruturação: melhorias urbanas, trafegabilidade rural, educação e também saúde.



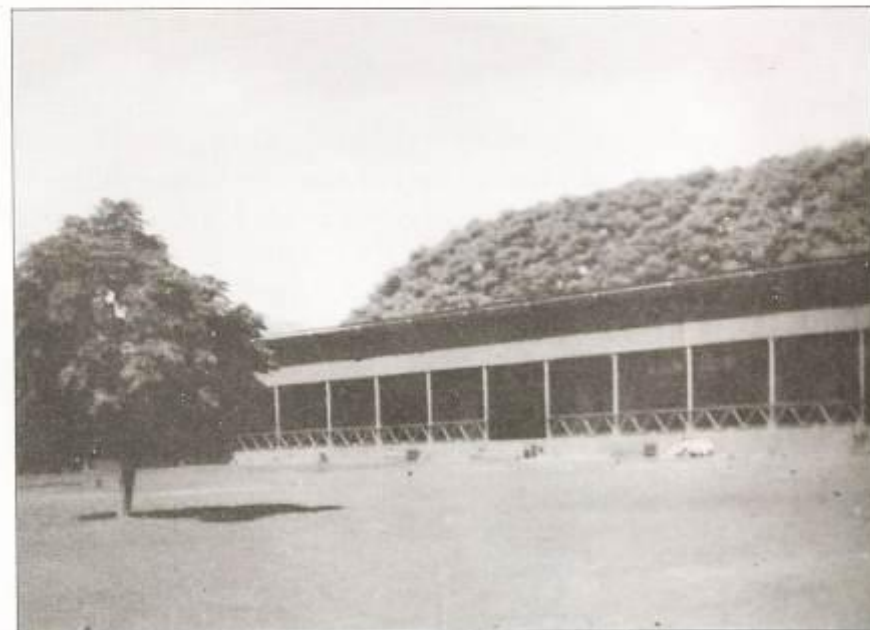
As primeiras Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria: Ir. M^a Dietlinde, Ir. M^a Conradini, Ir. M^a Antonella, Ir. M^a Conrada e Ir. M^a Callista.



O motor que gerou a energia para a arrancada do desenvolvimento ubiratanense é hoje destacada peça do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.



Escola Santo Antônio na década de 60.



Pátio interno da Escola Santo Antônio. Ao fundo a mata virgem - década de 60.



João Baptista Guimarães Costa - 2003.

É assim que em 27 de junho de 1960 chega o primeiro médico vindo para se fixar definitivamente em Ubitatã: João Baptista Guimarães Costa.

Os médicos anteriores cumpriram um papel emergencial e temporário, mas agora se tratava de conduzir as ações para a edificação de um hospital.

2. A Urna-Chapéu e Kombi-Prefeitura

Não houve nenhum milagre no fato de Ubitatã ter se tornado município em tão pouco tempo. O sucesso do projeto colonizador e os novos desafios que o desenvolvimento trazia levaram a Sinop a recorrer aos préstimos tanto do deputado estadual Aníbal Cury, que já encaminhara projeto para a criação do distrito, como de outros parlamentares.

Assim, em 25 de julho de 1960 o Distrito de Ubitatã recebeu o apoio generalizado das autoridades estaduais e passou a ser sede municipal, ao lado de diversas outras cidades paranaenses, com a sanção do governador Moysés Lupion.

A Lei 4.245/60 criava dezenas de municípios, mas não os instalava. Eles teriam que ser apadrinhados ainda por algum tempo pelo governo do Estado, pois as prefeituras de origem não tinham condições de prestar auxílio à formação dos novos municípios.

O governador Moysés Lupion foi sábio e previdente, pois seu antecessor, Bento Munhoz, criou municípios e os deixou entregues a si mesmos para providenciar a instalação.

Aquele seria também um momento extremamente característico de como a democracia era tratada na época: o governador dava um jeito de fazer tudo se encaixar à sua vontade, mesmo dando aos procedimentos um tratamento burocrático formal e aparentemente legal.



Decreto de Criação do Distrito Administrativo e Judiciário de Ubitatã.

Hoje seria incompreensível o arranjo que o governador Lupion fez para ajeitar as coisas em Ubiratã. Ao emancipar o Município, determinou ao Diretório Municipal do PSD, seu partido, que fizesse uma “eleição” para prefeito.

Nada de TRE, Cartório Eleitoral etc, mas uma reunião do PSD para definir quem seria o prefeito.

Normalmente, o indicado pelo governador seria o presidente do Diretório do PSD, Vilder Bordin, mas como havia mais pessoas pressionando pela indicação, o governador determinou que eles fizessem a eleição. Sim, desde que os eleitores fossem apenas os integrantes do PSD governista.

Reuniram-se no dia 11 de agosto de 1960 os nove próceres locais do PSD – o presidente Vilder Bordin, o secretário Ciro Abraão, Vicente Pantaleão, Herculino Otaviano, Osmar Bertoli, Alberoni Bittencourt, Avelino, Arceste e Alberto Leite.

O secretário Ciro, que havia trazido a documentação da capital, colocou-se como candidato. Herculino Otaviano também ambicionava o cargo. A “cabine indevassável” era uma sala de rádio.

“A urna era meu chapéu”, lembra Bordin.

Os nove depositaram os votos depois de deliberar entre si como cada qual iria votar. Era importante que não fosse uma votação unânime, para atestar a “democracia” do pleito. Herculino Otaviano ficou com um voto, Ciro Abraão com três e Osmar João Bertoli se elegeu com cinco votos.

“Como todos os candidatos obtiveram votos, descartou-se a possibilidade de maracutaia na eleição” (Bordin).

Mas Ciro não se conformou com o resultado. Num rompanete, agarrou a documentação que havia trazido de Curitiba, enfiou no bolso e ganhou a rua. Os demais foram em seu encalço.

Otaviano foi o primeiro a alcançá-lo. Depois de um rápido bate-boca, arrancou os papéis junto com o próprio bolso onde eles estavam e brindou Ciro com “alguns tapas” (Bordin).

Recuperada a preciosa documentação, fez-se a ata para encaminhar ao governador.



Osmar João Bertoli, o prefeito-instalador de Ubiratã.

No decreto de nomeação de Bertoli, Lupion especificou que ele seria um “prefeito-instalador” do Município, cumprindo-lhe organizar a administração para a posse do primeiro prefeito eleito. E assim se fez, porque ninguém recorreu da decisão do governador.

A tarefa não era das mais simples. Havia até a necessidade de definir os limites do Município, ainda a negociar com os novos municípios vizinhos, além de preparar a eleição e a posse do prefeito eleito.

Com a nomeação, o prefeito Osmar Bertoli recebeu uma verba de 500 cruzeiros para dar conta dos encargos recebidos.

Bertoli assumiu o cargo na boléia de sua Kombi – um utilitário espaçoso muito popular na época, da linha Volkswagen, a mesma do velho “Fusca”. Ficaria no cargo por 14 meses.

Coube a Bertoli delinear em sua Kombi a definição da área de abrangência de Ubiratã em relação à matriz Campo Mourão, para determinar a transferência dos cadastros das propriedades da área que caberia ao novo município.

Essas tarefas iniciais foram cumpridas também, como sempre, com o apoio do escritório da Sinop, que havia delineado a cidade e criado um projeto de colonização para a região.

“A minha prefeitura funcionava na minha Kombi. Todo mundo estranhava isso, mas com minha Kombi eu ia a Goioerê, para resolver problemas de estradas, porque o Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná era lá” (Bertoli).

Como não havia orçamento nem recursos previstos para as atividades municipais, as despesas eram custeadas por Bertoli reunindo os amigos: cada qual ajudava como podia e, invariavelmente, lá estava o apoio imprescindível da Sinop.

“A gente reunia os amigos e todos ajudavam um pouco. A gente mendigava com um pires na mão, quem chegava a gente hospedava no Hotel São Francisco e assim fomos tocando. Eu recebia naquela época 5 mil cruzeiros por mês e tinha que retirar em Campo Mourão. Aquele dinheirinho era para alugar uma sala, comprar móveis, para ajeitar o gabinete do futuro prefeito, mas não fizemos isso. Pegamos o dinheiro e fomos aplicando no setor de educação” (Bertoli).

O prefeito-instalador não poderia imaginar que esse zelo com a educação, redirecionando a prioridade determinada pelo Estado – que exigia procedimentos estritamente burocráticos –, iria lhe render fortes dores de cabeça mais tarde. Mesmo assim, preferiu não agir sozinho, mas consultando a comunidade:

– Reunimos os amigos e eu disse o seguinte: “Ubiratã não tem escola, não tem nada. Então, vamos fazer uma escolinha”.

O material foi coletado com a participação de todos e assim surgiu o primeiro estabelecimento municipal de ensino, resultante da municipalização da escola extra-oficial pioneira aberta e custeada pela Sinop.

Agora, fato único na história do país, Ubiratã contava com uma Prefeitura atuante antes ainda de instalar o gabinete do prefeito e a burocracia oficial.

A escola foi construída, os primeiros professores nomeados e outras comunidades também quiseram ter sua própria escola. Com isso, depois daquela primeira escolinha outras seis vieram na gestão do “prefeito-instalador” Osmar Bertoli, consumindo com o ensino a verba recebida para instalar o gabinete do prefeito.

3. Estradas, Sempre um Problema

As tarefas elementares iam sendo resolvidas, mas nem tudo dependia da boa vontade dos pioneiros. O grande problema da infraestrutura elementar de uma região de desbravamento – a disponibilidade de estradas – estava todo a ser resolvido. As máquinas do DER eram requisitadas a todo instante para enfrentar ora a buraqueira, ora as conseqüências das chuvas.



Isabel e Arceste Leite - 2005.

Em clima de efervescência construtiva que chega a Ubiratã o pioneiro catarinense Arceste Leite, cuja família havia trocado imóveis em Taió com o deputado João Bertoli por terras na região de São João.

Arceste Leite chegou a Ubiratã no dia 06 de setembro de 1956. Ele veio de Taió, Santa Catarina e seus parentes já estavam aqui.

Aqui, ele passou a plantar café, como tantos outros agricultores que depois da desilusão das geadas trocariam a rendosa cultura do passado por fumo e hortelã. Mais tarde diversificando a produção, plantando feijão, milho, algodão – o motivo do histórico interesse inglês pela região – e soja.

O casal tem quatro filhos: Edson, Ocimar, Rosemeire e Luciane. O Sr. Arceste dedicou-se também ao ramo comercial, com barbearia e lanchonete. Atualmente trabalha no ramo hoteleiro.

Arceste Leite lembra que ao se dirigir à festa de casamento de sua irmã em Apucarana, a estrada intransitável fez com que ele e seus acompanhantes ficassem isolados por quase uma semana, passando frio e toda sorte de dificuldades, pois não havia onde se abrigar.

Como diversos caminhões transportando mercadorias também ficaram isolados devido à estrada intransitável, a solução foi tirar dos veículos tudo o que pudesse servir de agasalho.

Arceste se cobria à noite com sacos de algodão. Nos caminhões, alimentos pereciam e houve até casos de vacas mortas nos veículos durante a longa vigília.

As vicissitudes rodoviárias dos tempos pioneiros poderiam ser ainda piores.

Conta ele que no dia do seu casamento com Isabel das Neves, em 29 de setembro de 1960, tudo estava preparado com o maior capricho. Ela residia no município de Juranda e, no dia referido, seu padri-

nho de casamento que residia no município de Campo Mourão, tendo vindo a Juranda e depois para Ubitatã para este fim, fez questão de levá-la em seu Jeep. Assim foi feito. Logo atrás vinha a Kombi do seu Osmar trazendo o noivo Arceste, juntamente com parentes e amigos.

Devido a falta de asfalto, dava-se uma grande volta até chegar a Ubitatã. Quando chegaram perto da comunidade Pé-de Galinha começou a garoar e, diante do barro, o jeep deslizou e tombou. Dona Isabel ficou presa embaixo do jeep. Com a ajuda de todos desviraram o Jeep e a levaram a Ubitatã de Kombi.

Chegando à cidade, levaram-na ao médico, (ainda não havia hospital), que atendia no hotel do japonês Takaia e ele disse que possivelmente ela teria quebrado a clavícula. O médico recém-chegado era o Dr. João, que futuramente seria o proprietário do Hospital Nilza de Oliveira Pipino.

Saindo do hotel foram até o cartório, ela com a roupa de noiva toda suja, machucada, ele ao seu lado, todo preocupado, amparava-a. O Sr. Raimundo, futuro prefeito de Ubitatã, que era juiz de Paz, os casou. O jovem casal rumava para a igreja a pé, quando o Sr. Edgar Otaviano vendo-os naquela situação, pegou um caminhãozinho velho que tinha e os levou até a igreja. O casamento aconteceu naquele momento. Mesmo com as dores provocadas pelo acidente, ela agüentou firme. Era comum atrasos assim acontecerem pela falta de asfalto.

No outro dia bem cedinho, o Sr. Armando os levou até Campo Mourão para que fosse tirada uma radiografia, que só confirmou o que o Dr. João havia diagnosticado: ela quebrou a clavícula. Foi engessada e trazida de volta para Ubitatã. Já era noite! Um dia inteiro para viajar 180 Km (ida e volta de Ubitatã até Campo Mourão).

Mas os pioneiros não desistiam, redobravam esforços, melhor o novo Município se estruturava e mais gente chegava. Em Yolanda, por exemplo, surgia a serraria de Eduardo Dorta Lima, que veio se tornar um dos pilares do desenvolvimento regional. Em seguida vieram os armazéns de Rivadávio Pinheiro e Júlio Esteves.



Tsugio Sekine e esposa Minako - 2005.

Em setembro chegaria Tsugio Sekine, cuja trajetória resume como os problemas foram enfrentados e de que modo a colônia japonesa venceu o desafio de se instalar num país tão diferente do seu.

Chegando do Japão em 1957 ao porto de Santos (SP), Sekine se entregou ao plantio de café no Norte do Paraná e ao chegar a Ubitatã fez experiências agrícolas inicialmente com o feijão em plena mata.

Um saco de feijão dava cem sacos, sem nenhum adubo, mas significava quase nada em rendimento econômico. “Arroz não deu nada. Comemos um monte de palmito”. Também plantou milho e com o esgotamento das possibilidades do café, mergulhou com energia no ciclo da hortelã.

“Uma pipa rendia 20 e poucos litros. Hortelã só dá em terra nova. É uma cultura para poucos anos.

Ainda não havia uma agência bancária na qual pudessemos efetuar financiamento público e a cultura era bancada pela empresa que adquiria a produção” (Sekine).

É já em clima de safras boas e frustradas alternando-se para o café que se forma em 1960 a comunidade São Bom Jesus. Parte de sua sede ficava na Fazenda de Hilário Molina, responsável pela criação da primeira escola de madeira, que atendia cerca de 50 alunos de pré à quarta série.

As plantações ali cultivadas na formação da comunidade eram, além do café, milho e hortelã, que se tornaria uma “febre”, configurando um ciclo provisório, pois a cultura é muito exigente com a terra.

Os dados demográficos de 1960 apontam em Ubiratã uma população de 20 mil habitantes. Essa população vai mais que dobrar na década seguinte e apresentará uma composição extremamente heterogênea.

No plano étnico, como se viu no capítulo anterior, Ubiratã e região não fogem às características da maioria das cidades paranaenses. Para cá vieram, logo no princípio do projeto colonizador da Sinop, imigrantes japoneses, alemães, italianos, espanhóis, ucranianos, libaneses, sírios e agricultores de todos os pontos do país, principalmente nordestinos, mineiros, capixabas, catarinenses, gaúchos e paulistas.

A Paróquia de Ubiratã foi criada em 16 de janeiro de 1961 por decreto do bispo diocesano de Campo Mourão, d. Eliseu Simões Mendes. Com a destinação do padre Sebaldo Bruxel à assistência religiosa da colônia nipônica, em 17 de janeiro de 1961 o padre provincial dos jesuítas designou o padre Arnaldo Beckenkanp como novo vigário de Ubiratã.

O ano prometia avanços também no campo educacional, pois com a chegada de padre Sebaldo Bruxel e a participação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, que vieram a pedido do colonizador Ênio Pipino no ano anterior, foi criada em 1961 a Escola Santo Antônio.

Foram construídas quatro salas de aula, para crianças dos quatro anos do ensino primário e uma turma do jardim da infância. Irmã Maria Editha dirigia as atividades pedagógicas, mas o diretor oficial do educandário foi padre Sebaldo, então pároco da igreja de Santo Antônio.

A irmã Maria Editha ou suas colegas e compatriotas não podiam ser designadas como diretoras em função de sua origem alemã e pela ausência, ainda, de documentação atestando sua naturalização brasileira.

Mais tarde ela se naturalizaria e ainda cumpriria tarefas importantes, como ampliar a escola para dez salas de aula, instalando ainda o pré-primário e complementando as oito séries do Primeiro Grau.



Ênio Pipino e D. Nilza visitam as irmãs do Colégio Santo Antônio. Também na foto, Alberoni e o padre Sebaldo - 1964.



Apresentação cívica no pátio do Colégio Santo Antônio - Década de 60.

Um episódio narrado por Vilder Bordin evoca as dificuldades que padre Sebaldo Bruxel, como todos os colonizadores e pioneiros, enfrentavam na época.

Depois de cumprir um compromisso em Campo Mourão, padre Sebaldo estava sendo conduzido de volta no veículo de Vilder Bordin que, ao tentar ultrapassar uma pinguela, teve problemas no rodado e acabou imóvel na beira da estrada.

Subitamente irrompe em alta velocidade um jipe conduzindo alguns ocupantes. O condutor atendeu a contragosto os acenos de socorro, mas alegou ter compromisso urgente mais à frente e neste momento não poderia dar socorro, pondo-se apressadamente a caminho.

Quando os apressados chegaram ao destino foram avisados de que o padre que iria officiar o casamento para o qual estavam convidados ainda não chegara.

“Vindo em sentido contrário, de Juranda para Campo Mourão, um amigo nosso prestou-nos auxílio. Trocamos a roda e rumamos para Ubitatã. Ao chegarmos no local do casamento, já eram 18 horas. Lá estava



Dia de batizado na primeira igreja de Ubitatã. Na foto aparecem Alcides Santinati, Alfredinho, Mozart, Guaíra, Raimundo, Fernando, Vilder Bordin, Zé Lara, Raimundo Otaviano e Renê - 1962.

o senhor que nos negou socorro porque estava com pressa. Era testemunha do casamento e vinha de Campo Mourão especialmente para o evento. Por causa de cinco minutos, esperou duas horas...” (Bordin).

Ainda em 1961, com financiamento da Sinop, o médico João Batista Guimarães Costa construiu a primeira casa de saúde – o Hospital e Maternidade Nilza de Oliveira Pipino.

É então um modesto prédio de madeira que será apenas o início de uma sequência de expansões e obras que resume em sua trajetória o desenvolvimento de Ubitatã.

4. A Contabilidade da Instalação

Com a eleição do primeiro prefeito pelo voto direto – Alberoni Bittencourt –, o “prefeito-instalador” Osmar Bertoli se aproximava de encerrar sua gestão. A instalação do Município aconteceria em 4 de novembro de 1961, com a posse do novo prefeito.

A posse não se deu ainda nas instalações do primeiro prédio da Prefeitura, mas na residência do pioneiro Arceste Leite. Para preparar a casa e instalar provisoriamente a Prefeitura, ele e a esposa Isabel foram morar na residência da mãe dela.

1ª Gestão: 04.11.1961 a 04.11.1965

O prefeito Alberoni Bittencourt toma posse na presença do juiz de paz Fernando Stern Soares, Eugênio Topã e Beno Pieczarca, dentre outros cidadãos.

A sede provisória da Prefeitura ficava na avenida Yolanda Loureiro de Carvalho esquina com rua Floriano Peixoto.

O vice-prefeito, Hilário Molina Cortez, ainda seria eleito pela Câmara Municipal, formada, além dele, pelos vereadores Alício Alves



Alberoni Bittencourt.



Comício de Alberoni: da esquerda para à direita, o vereador Alício Alves, Tomaz Izidro de Lima, o vereador Raimundo Soares, Alberoni Bittencourt e o deputado Paulo Poli - 1961.



Comício de Alberoni.



Izailda Kabroski (à direita) na campanha política de Alberoni Bittencourt.



Comício de Alberoni: da esquerda para a direita: Tomaz Izidro, deputado Aníbal Curi, Ênio Pipino (discursando), Alberoni Bittencourt, Raimundo Soares e Osmar Bertoli (batendo palmas).



Posse do primeiro prefeito de Ubitatã Alberoni Bittencourt, ladeado do secretário do Paraná, Afonso Camargo, Paulo Poli e Raimundo Soares - 04.11.1961.

Camargo, Antônio Correia Fraga, Edgar Paulo Otaviano, Fermínio Carmona Domingues, João Laurentino Thimóteo, Raimundo Soares do Nascimento, Tomaz Izidro de Lima e Luiz Avelino da Silva, que renunciou, assumindo o suplente Geraldo Dias Rodrigues. Molina Cortez foi substituído pelo suplente Lázaro Coelho Pain. A presidência do Legislativo coube aos vereadores Tomaz, que seria cassado, substituído por Pedro Kopiak, Alício e Raimundo.

Ao final da gestão do pessedista Bertoli, a Era Lupion estava encerrada no Paraná. Começava a Era Ney Braga. Eleito para suceder o polêmico empresário que dominou o cenário político-econômico do Paraná por mais de uma década, Ney Braga, ex-prefeito de Curitiba, logo de saída tentou impor um estilo que o diferenciassse do antecessor, que sofria uma carga enorme de denúncias e acusações.

O Tribunal de Contas do Estado estava atento a qualquer deslize da “turma do Lupion”. E Osmar Bertoli foi nomeado prefeito diretamente pela caneta do ex-governador.

Chegara, então, o momento de fazer a prestação de contas das verbas recebidas em Ubitatã para a tarefa – trocadas pelas escolas –

de instalar o Município. Uma tempestade se anunciava: afinal, o dinheiro foi gasto em educação, não em burocracia.

– Fui lá pra Curitiba, no Tribunal de Contas, com minha pastinha. Eram fotografias, relatórios, as despesas feitas etc, para eles saberem que eu recebi tanto e gastei tanto. Olharam e disseram que estava errado, que não iam aprovar: “Você recebeu o dinheiro todo mês na Colônia (de Campo Mourão) para instalar o Município de Ubiratã. Comprar móveis, montar o gabinete do prefeito, comprar máquina”.

Bertoli argumentou ter optado por gastar com educação porque dispunha do escritório da Sinop para as tarefas burocráticas. Sua prefeitura, de fato, era a Kombi.

“Como eu tinha a Sinop e não precisava de nada disso, eu fui prático e fiz escolas, nomeei professores” (Bertoli).

A questão da aprovação das contas esbarrou no rigor técnico dos burocratas do TCE. Evidentemente, a prestação de contas das despesas feitas por Bertoli não batia com a destinação original dos recursos liberados.

“Fui de manhã, voltei à tarde e, no fim, me deram parabéns pela idéia genial” (Bertoli).

Osmar Bertoli foi nomeado secretário da administração pelo pre-



Almoço na Gestão Alberoni Bittencourt - 1962.

feito eleito, Alberoni Bittencourt, e Vilder Bordin se viu nomeado como o primeiro funcionário municipal de Ubiratã.

Bittencourt adquiriu a primeira motoniveladora, trator de esteira e caminhões-caçamba e construiu a primeira Prefeitura, ainda em madeira, na avenida Clodoaldo de Oliveira, local atualmente ocupado pela Faculdade Dom Bosco.

Para a construção de escola, pagamento de professores e atividades que deveriam caber ao Município, a maioria dos recursos iniciais provinha da colonizadora Sinop, assim como a conservação das estradas.

A subprefeitura de Yolanda, por exemplo, foi implantada com dinheiro emprestado pela Sinop – três mil cruzeiros.

No início da década de 60, a Sinop já havia chegado ao ápice de seu projeto. A instalação do Município de Ubiratã sacramentava todos os esforços estruturais e políticos desenvolvidos até então pela empresa, mas ainda havia muito por fazer, tanto em relação às tarefas públicas, agora entregues à Prefeitura, como no que se refere aos negócios da colonizadora.

Os pioneiros continuavam chegando, como o futuro prefeito Áureo Zampônio, que vem em 1961 para instalar a farmácia Santa Helena e desenvolveria inúmeras atividades como administrador público e cooperativista.

Em maio de 1963, o gaúcho Elias Colombo seria enviado a Ubiratã, proveniente da frente colonizadora de Iporã, para chefiar o escritório da Sinop. Na condição de gerente da empresa e responsável pela venda e documentação dos terrenos, Colombo teria a função de fazer a expansão urbana.

No final desse ano a Sinop agrega-



Elias Colombo - 2005.



A arrancada: Alberoni (em primeiro plano) e a primeira motoniveladora adquirida pela Prefeitura de Ubiratã - 1962.



A população de Ubiratã prestigiou a chegada da máquina niveladora.



Festa na chegada da primeira motoniveladora em frente à antiga Prefeitura na Avenida Yolanda Loureiro de Carvalho, esquina com a rua Floriano Peixoto no ano de 1962.



O primeiro trator de esteira também foi comprado pela Prefeitura na gestão Alberoni Bittencourt.



*Inauguração da Ponte Ronquita na Administração Alberoni.
Em primeiro plano Elias Colombo, Tito, Renê, Vilder,
Alberoni e Hilário Molina - 1963.*



A ponte sobre o rio Ronquita foi entregue ao tráfego em 1963.



*Padre Arnaldo Beckenkamp (à esquerda) e Alberoni Bittencourt
(à direita) - Início década de 60.*



Mozart e Adilson ao lado do trator adquirido na Gestão Alberoni - 1965.

ria uma nova conquista a seu ativo de realizações: a 15 de dezembro seria instalada a Comarca de Ubitatã, com jurisdição até os municípios de Campina da Lagoa e Nova Cantu, tendo à frente o juiz Veríssimo Gonçalves Pereira Neto.

Em fevereiro de 1964, com a transferência de padre Arnaldo Beckenkamp ao Rio Grande do Sul, para administrar a fazenda da província jesuítica, foi designado vigário de Ubitatã o padre Wendelino Mueller.

Como seus antecessores, padre Mueller também cumpria a difícil tarefa de se embrenhar pela mata para se desincumbir de suas tarefas pastorais, tendo até que ficar isolado pernoitando no mato quando a estrada se tornava intransitável.

Experiência semelhante também foi vivida pelas irmãs missionárias. Irmã Johanita, por exemplo, também sofreu a contingência de pernoitar na estrada sem condições de avançar um centímetro na via intransitável.

Às vezes, quando havia mínimas condições de trafegabilidade,



Da Alemanha para o Brasil, as irmãs-professoras enfrentaram bravamente a precariedade das estradas pioneiras. Irmãs: Simone, Dolores, Ângela, Jutta, Regina, Modesta, Sturmia e Paula - Início da década de 80.

não era raro as irmãs missionárias terem que empurrar o jipe de padre Wendelino para que pudessem prosseguir a viagem.

Enquanto as dificuldades de tráfego permaneciam, pois as chuvas contínuas deterioravam as condições das pistas, a idéia que mais martelava a cabeça dos pioneiros era a necessidade urgente de melhorar a trafegabilidade – e isto significava asfalto.

Mas as urgências do dia-a-dia consumiam esforços e ainda não havia uma concentração de forças capazes de reivindicar e obter tudo o que a comunidade precisava.

Será em meio a tantas dificuldades continuadas, apesar de todo o trabalho desenvolvido, que as fortes geadas de 1964 virão para dizimar os cafezais e projetar de vez a hortelã como alternativa, passando a responder por um surto de progresso econômico para Ubitatã.

“Os altos preços praticados pelo monopólio chinês fizeram proliferar rapidamente o plantio e consequentemente a construção de alambiques, porquanto a cada dez alqueires de planta seria necessária uma unidade de destilação. A euforia era tanta que poderíamos compará-la com o garimpo de ouro na Amazônia” (Bordin).

A empresa asiática JunZheng, de Macau (setor da China onde também se fala o idioma Português), controlava o comércio regional da menta.



A companhia chinesa JunZheng arrematava a produção ubiratanense

5. Algodão, Ciclo Forte e Passageiro

A essa altura, a vasta mata subtropical da antiga Gleba Rio Verde já está parcialmente derrubada para o cultivo então incipiente de hortelã, posteriormente substituída pelo algodão, chegando ao seu limite com o binômio soja-trigo.

O ciclo forte da economia ubiratanense viria a ser então, a partir de meados da década de 60, a hortelã, substituindo o café na função de

“ouro verde”. Ubiratã chegou a ter mais de 500 alambiques nesse período.

“Quem não tinha alambique pagava uma porcentagem ao dono do alambique e assim todos viviam e cultivavam as terras com hortelã, que era uma boa agricultura” (Antônio Ferreira).

Da hortelã se extraía o óleo, que os colonos supunham ser utilizado como combustível de avião, comercializado na própria região junto à representação da empresa monopolizadora, que o exportava para a China, Estados Unidos e demais países para aplicações medicinais, cosméticas e culinárias.

A hortelã cumpriu também o papel de fechar a reforma agrária na região de Ubiratã, pois muitos meeiros conseguiram extrair da planta, além do óleo essencial, a aquisição do próprio sítio.

Com o tempo, conforme o esgotamento da terra para uma planta tão exigente e a instabilidade dos preços do óleo, os produtores foram se desestimulando e isso acarretou no declínio da produção, cedendo espaço a outras culturas.

“Como a lavoura de hortelã só produz bem em terras novas, com o tempo a terra foi ficando cansada e esse plantio foi acabando”, diz Antônio Ferreira. “Daí então os agricultores opinaram para o plantio



Trator puxando hortelã até o alambique - 1955.

de arroz, feijão, milho e um pouco de pecuária”, disse, referindo-se à região de Yolanda.

Dentre as culturas que sucederam a hortelã, o algodão – chamado de *Ouro Branco* – logo assumiu o status de novo ciclo econômico.

Com aplicações de sua fibra na indústria de tecidos, do caroço na produção de óleo comestível e o farelo na alimentação animal e na base de fertilizantes, o algodão já era utilizado pelos índios do Novo Mundo, como os espanhóis constataram em seus registros.

Com algodão, os índios teciam suas redes para dormir. O suco das folhagens curava feridas.

Foi o algodão que levou Ubiratã ao auge de movimentação financeira e ocupação de mão-de-obra, fazendo multiplicar o número de habitantes no campo e contribuindo para que o Paraná se ombreasse a São Paulo na produção desse item.

Uma das características apresentadas pela cultura do algodão foi uma população flutuante e eventual, não necessariamente residente na cidade e que rapidamente se dispersou com o declínio dos métodos antigos de cultivo.

Com a mecanização agrícola, deu-se o êxodo rural: as pessoas deixam o campo para se fixar na zona urbana e as máquinas substituem o trabalho humano, sendo esse o motivo da progressiva evasão populacional no município.

Por outro lado, o desmatamento irrefletido também se deu no sub-aproveitamento da madeira.

“Na tentativa de aproveitamento da intensa extração vegetal, foram instaladas quatro serrarias, de pequeno porte, sem capacidade para responder pelo beneficiamento de todo o volume de madeira disponível, mesmo a de qualidade nobre, como cedro, peroba e marfim, o



O algodão motivou a colonização do Norte do Paraná e colocou seu Noroeste em definitivo no mapa econômico do planeta.

que resultou no apodrecimento de toneladas de troncos ao longo das áreas desmatadas. Em consequência – e também em vista da colonização massiva – hoje a região vê-se obrigada a importar madeira para a indústria moveleira, por exemplo, e até mesmo como insumo para a produção” (Coagru).

Em 1965, quando é construído e entra em operação o Fórum da Comarca de Ubitatã, a comunidade de São João já contava com mais de 500 famílias, com seis escolas, farmácia, açougue, máquina de arroz e quatro mercearias. Mas a razão de seu aparecimento no mapa do Noroeste paranaense começava a se desvanecer.

O ciclo do café agonizava e para ele não haveria mais salvação. Com a maior incidência de geadas sobretudo em meados da década de 60, parte dos cafezais foram seriamente prejudicados.

O baixo preço no mercado – devido à ocorrência de superprodução mundial a partir de 1962 – e uma campanha governamental de erradicação dos cafeeiros, com oferta em dinheiro (cinco cruzeiros por árvore arrancada), fez com que o produto declinasse de vez na região.

6. Cotonicultura Avança e Desacelera

Na cena brasileira, um movimento militar depôs o presidente constitucional, João Goulart, em 1º de abril de 1964. Começava ali uma ditadura compatível com a Guerra Fria, patrocinada pelas superpotências EUA e URSS.

Para Ubitatã e região, depois do suicídio de Vargas, a comoção nacional não parecia importar muito, pois os problemas do cotidiano eram muitos aflitivos. Também houve quem sofresse as arbitrariedades do regime que se iniciava.

Era uma época de transição, entretanto, as atenções se dividiam entre as agruras do café, com suas safras boas e ruins se alternando em função do maior ou menor impacto das geadas, e as estradas precárias.

Mesmo nesses tempos tão difíceis, Ubitatã comemorava uma de suas grandes vitórias, pois a Sinop e seus dedicados funcionários haviam extraído leite de pedra para que no dia 6 de agosto de 1965 o diretor geral do Departamento de Estradas de Rodagem, Zelman Cha-

Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Paraná

AVISO 33 65

Concorrência Pública
Serviço Rodoviário

O Diretor-Geral do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Paraná, chama a atenção dos interessados para o Edital n.º 26-65, publicado no Diário Oficial do Estado n.º 125, de 5 de agosto de 1965, e referente a execução de serviços rodoviários, constantes da construção de uma ponte em concreto armado comum de protensão sobre o rio Piquiri, localizada na estaca 275-10, do trecho Ubitatã-Corbélia, da Rodovia Mello Peixoto-Cascavel, inclusive terraplenagem para acesso à obra, num total de 100 mil metros cúbicos. O valor aproximado atribuído aos serviços objeto do mesmo Edital, é de Setecentas e Dez Milhas de Cruzados.

A concorrência se abre até às 1600 horas de dia 23 de agosto de 1965, no auditório da Sede do Departamento, Edifício «Oswaldo Pacheco de Lacerda», à Avenida Iguaçu n.º 439, nesta Capital.

Curitiba, 6 de agosto de 1965

ZELMAN CHAMFERKIN
Diretor-Geral do DER-PR

*Aviso de Concorrência Pública do
Departamento de Estradas de Rodagem
do Paraná para construção da ponte
sobre o Rio Piquiri.*

mecki, emitisse mais um dos importantes documentos históricos de Ubitatã.

Trata-se do aviso 33/65, que abria concorrência pública para “a execução de serviços rodoviários constantes da construção de uma ponte em concreto armado comum ou protendido sobre o rio Piquiri, localizada na estaca 275-10 do trecho Ubitatã-Corbélia, da Rodovia Mello Peixoto-Cascavel, inclusive terraplenagem para acesso à obra, num total de 100 mil metros cúbicos”.

A obra foi calculada em 710 milhões de cruzeiros, a moeda da época.

No final de 1965, em meio a esse clima de transição de ciclo econômico e de regime institucional no país, toma posse o prefeito Tomaz Izidro de Lima, que vinha da legislatura pioneira como vereador e presidente da Câmara Municipal. O vice-prefeito foi Piragibe Azevedo Alves.

Tomaz sofreria muito com a ditadura militar: acusado de “comunista”, devido às suas idéias progressistas, foi preso e mesmo sem haver prova alguma contra ele continuou sendo perseguido. Mas saiu da prisão para a vitória, elegendo-se prefeito de Ubitatã.



Tomaz Izidro de Lima.

2ª Gestão: 04.11.1965 a 31.07.1970
e 5ª Gestão: 01.02.1977 a 01.02.1983
e 9ª Gestão: 01.01.1997 a 31.12.2000



Campanha política de 1964. Bertolo, Chico Pires, Zé Baiano, Pedro Hortelã, Osmar Bertoli, Luiz Secretário, Joatin, Hilário Molina e Keigo Omori.

A Câmara era constituída pelos vereadores Antônio Ferreira, Claudinor Modesto de Araújo, João Dias Vieira, José Leite, Pedro José Massaranduba, Shigueo Okamura, José Pires de Godoy, Orestino Rodrigues Carolino e Thomaz Laurentino de Albuquerque – os dois últimos presidiram a Câmara nesta segunda legislatura. João Dias Vieira

renunciou e foi substituído por Irandy Rodrigues da Silva. Este igualmente renunciou, assumindo Osvaldo José dos Santos. Também renunciante, José Leite foi substituído por João Batista de Oliveira. Okamura, por sua vez, foi substituído por Raimundo Pereira Alves.

Durante a gestão Tomaz Izidro de Lima, o país passou a desacelerar a cotonicultura, perdendo o status de principal produtor mundial, mas a produção de Ubitatã ainda seguia elevada e no plano nacional ainda teria bons momentos durante essa década.

Em meados dos anos 60, Ubitatã recebia mais pioneiros que fariam história, como o casal Reinaldo Borges dos Reis e Germina Correia Reis, pais do advogado e professor Ernani Correia Reis, e Salomão e Angélica Mouhanna.

O libanês Sleiman Mouhanna, conhecido por Salomão Mouhanna viera do Oriente Médio para o Brasil em 1952 e se estabeleceu no Norte do Paraná em 1960. Com a colônia árabe viriam também os



Festa dia 4 de novembro de 1966 em comemoração da emancipação do Município. Em destaque, Tomaz Izidro de Lima, Ênio Pipino, João Pedro de Carvalho e Ascânio B. de Carvalho.



O prefeito Tomaz Izidro de Lima com professoras.

Comitiva de Ubitatã no Palácio Iguaçu com o secretário Saul Raiz. Lado esquerdo: Antônio Quini, Sebastião Guilherme e Tomaz Izidro. À direita, Francisco Escorsin, Joaquim Evangelista (Chico da Brahma), Antônio Ferreira e Hermes da Silva.



primeiros prédios para finalidades comerciais, uma vez que seu forte eram o comércio e a prestação de serviços.

Atraído pelas possibilidades de Ubitatã, Mouhanna abriu aqui seu estabelecimento comercial e em 1967 possuía a maior loja da região. O prédio foi consumido por um incêndio, mas a família começou tudo novamente.

Angélica se destacou como costureira de vestidos de noiva. “O movimento era tanto que os comerciantes não tinham tempo para ir ao banco depositar o dinheiro. Era o gerente do banco que passava pelas lojas para recolher os depósitos” (Angélica).

Em 1965 há também uma importante contribuição ao desenvolvimento da educação. Iniciava atividades o Colégio Estadual Carlos Gomes, tendo como primeiros diretores Fleuri Estevan Fernandes e Fausto Leite, ainda em 1965, e Terezinha de Quadros, nos anos seguintes, até 1969. Ela recorda que as aulas eram dadas à luz do lampião.

Hoje denominado Colégio Estadual Carlos Gomes – Ensino Fundamental, Médio e Profissional, atende por volta de 1.680 alunos, sendo o maior estabelecimento do Núcleo Regional de Educação de Goioerê, ao qual pertence.

Além de grande em tamanho e número de alunos, é grande em qualidade de ensino. Na atual direção, de Claudio Roberto Lopes Zen, o educandário obteve junto à administração municipal um anfiteatro com capacidade para 560 pessoas, que contribuirá para a divulgação de talentos e a formação cultural do povo de Ubitatã.

Além do Colégio Estadual Carlos Gomes e do Colégio Estadual Quintino Bocaiuva, o Colégio Estadual Olavo Bilac também figura entre os



Salomão e Angélica Mouhanna - 2005.

maiores do Município, passando por várias transformações positivas graças ao empenho dos diretores, professores e comunidade escolar.

Ubitatã conta também com:

Escola Estadual Cecília Meireles

Escola Estadual Padre Jorge Scholl

Escola Estadual São João/Comunidade de São João

Escola Estadual Maria Gomes Bizerra/Distrito de Yolanda

Escola Municipal Antonio Lacerda Braga

Escola Municipal Cleide Borges Reis

Pré-Escola Edília Amorim de Quadros

Escola Municipal João Bertoli /Comunidade São João

Escola Municipal Lucinéia Ricardo Braciforte

Escola Municipal Pedro Leopoldo Beckhauser

Escola Municipal Porto dos Santos /Distrito de Yolanda

Escola Municipal Professor Furusato Tomio

Escola Municipal Cleide Maria Zamprônio

Escola Municipal Gentil Toledo de Moraes Júnior

Faculdade Dom Bosco

Ensino Superior à Distância FACINTER - CEAP - ITDE



Colégio Santo Antônio - 2007.



Escola Gente Miúda - 2008



Colégio Estadual Carlos Gomes e Escola Municipal Cleide Borges Reis -2007.



Faculdade Dom Bosco.



Colégio Est. Olavo Bilac e Escola Mun. Profª Lucinéia R. Braciforte

Nas quais seus diretores, pais, alunos e comunidades muito contribuem para o bom andamento dos mesmos.

As escolas particulares – como o Colégio Santo Antônio e a Escola Gente Miúda – também merecem menção por sua importante participação no processo transformador da educação.

Também na área cultural, escola de música “Semente do Amanhã”, mantida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura contribui para formação cultural, intelectual e cidadã da nossa juventude.

7. A Luta pela BR-369

Ao se aproximar o final da década de 70, a expansão urbana já se tornava evidente. Além da nova Prefeitura, em 1967, que sinaliza para uma nova realidade municipal, a empresa Velloso & Camargo construiu a ponte do rio Piquiri em 1966. Essa ponte seria um marco na luta pela complementação da infra-estrutura rodoviária.

O sentimento de inconformismo com a trafegabilidade das estradas que crescia entre os ubiratanenses recrudesceu justamente quando o regime militar engrossou seu arsenal de repressão às reivindicações populares.

No final de 1968 passava a reinar sobre o país a sombra do famigerado AI-5 (Ato Institucional nº 5), pelo qual o governo poderia cassar os direitos políticos e demitir de funções públicas, em quartéis e universidades, aqueles que não obedecessem aos ditames do regime.

Mas Ubiratã tinha pressa e não iria deixar de exigir melhorias estruturais. No curso de 1969, segundo o médico José Rodrigues Neto, que se tornaria presidente do Lions Clube de Ubiratã, “líderes naturais e pessoas responsáveis de várias cidades do Vale do Piquiri (Ubiratã, Goioerê, Corbélia, Mamborê, Campina da Lagoa e Formosa) debatiam-se seriamente com uma gama de problemas criados pelo processo natural de evolução de suas comunidades”.

“Entre todos os obstáculos, afligia-os particularmente a ausência de uma ligação asfáltica com as cidades-pólo da região: Campo Mourão e Cascavel. A situação apresentava-se grave e tendia a evoluir de maneira catastrófica, uma vez que o ritmo de progresso da região es-

tava sendo enormemente dificultado pela ausência de uma melhor ligação com estas cidades-pólos. A monumental produção agropastoril do Vale do Piquiri não tinha como escoar e atingir os centros de consumo em tempo hábil, como exige a comercialização desses produtos” (Rodrigues Neto).

Foi justamente nesse período em que os ânimos cívicos se exaltavam no Noroeste e Oeste do Paraná que, em 17 de dezembro de 1969, em Jaguapitã, nascia no lar de Valdir Aparecido D'Alécio e Nadir de Oliveira D'Alécio um futuro prefeito ubiratanense – Fábio de Oliveira D'Alécio.

Começaria por esses dias uma das grandes lutas da década de 70, na gestão do então prefeito Áureo Zamprônio, quando reivindicar com energia benefícios comunitários corria o risco de parecer provocação às autoridades ditatoriais.

Mas, com habilidade e acumulação de forças, o Lions Clube comandou uma campanha regional pela construção da BR-369, enquanto a Sinop se dedicava a pressionar para que o traçado passasse próximo a Ubiratã.

Esta seria uma batalha à parte, uma vez que inicialmente a previsão era o traçado passar apenas mais ao Norte, por Goioerê.

O Lions Clube de Ubiratã e seus congêneres de Campo Mourão, Corbélia e Cascavel integraram a frente de combate. Ela estaria fadada ao sucesso pela amplitude que a campanha tomou.

Tendo obtido a adesão da imprensa, foi imprescindível a participação das autoridades com atividade regional e o empenho de figuras exponenciais como o engenheiro Aramis Meyer Costa, chefe do Distrito Rodoviário de Campo Mourão, coordenador-chefe da campanha.

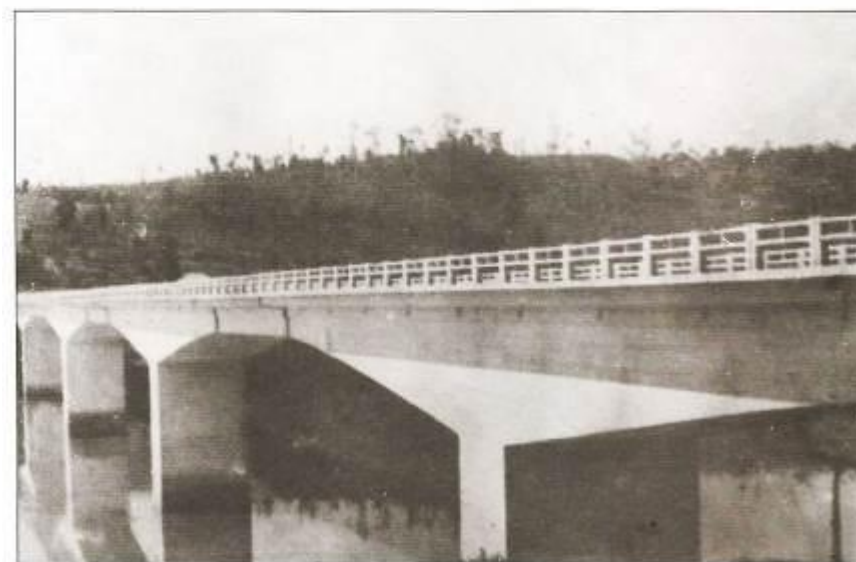
“Os termos e o aspecto agudo em que foi colocado o problema



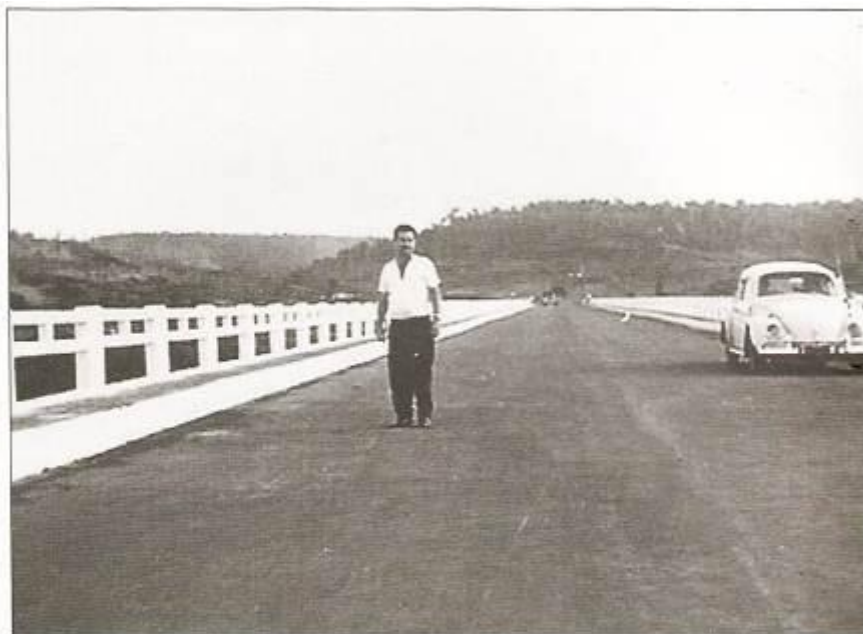
A corajosa campanha do Lions Clube, desencadeada no auge da ditadura.



A empresa Velloso & Camargo construiu a ponte sobre o Rio Piquiri - 1966.



Ponte sobre o Rio Piquiri - 1970.



Vilder Bordin confere a ponte do rio Piquiri concluída.



O primeiro veículo a passar a ponte: o jipe de Vilder Bordin. Na foto, Irandi, Mozart e Vilder.



Dr. José Rodrigues Neto e dona Cleusa.

contaminaram a todos. Manifestações de apoio e solidariedade surgiram de todos os setores. Empresários, comerciantes, políticos etc, ninguém ficou indiferente, todos sentiram e sensibilizaram-se com os objetivos da campanha lançada pelos Lions Clubes” (Rodrigues Neto).

Mas não foi fácil. O acaso, de um lado, e a sagacidade dos diretores da Sinop, de outro, desequilibraram o jogo em fa-

vor de Ubiratã.

Vilder Bordin confessa que a pesquisa encomendada para aferir o volume do tráfego de veículos e assim justificar a passagem da estrada por Ubiratã foi “arranjada”.

Caminhões e veículos diversos, mais uma frota de jipes alugados, ou por vontade própria dos moradores que abraçaram a causa além do apoio da Prefeitura Municipal, circulavam pela estrada enquanto a verificação estava sendo feita. Eles davam a volta e passavam diversas vezes pelo mesmo ponto. Assim, o fluxo de trânsito parecia maior e a pesquisa tenderia a impressionar o governo, dando a idéia de que o volume de trânsito era maior ali que em Goioerê.

Mas a pesquisa “ajeitada” e o passeio proposital dos caminhões que iam e vinham a toda hora para simular tráfego elevado talvez não fosse o bastante se não ocorresse um golpe de sorte, se é que não se tratou de mais um inteligente ardil dos representantes da Sinop em Ubiratã.

Consta que os engenheiros encarregados de fazer os primeiros procedimentos técnicos para a construção de uma ponte na BR-369 acabaram se perdendo e repentinamente apareceram no escritório da Sinop, em Ubiratã, procurando informações sobre como chegar à barra do rio Goioerê.

Foi a deixa para que a Sinop empregasse mais um truque do seu imenso rol de estratégias. Vilder Bordin foi encarregado de desviar

os técnicos para as locações que interessavam a Ubiratã e à Sinop, não sem antes um trabalho exemplar de relações públicas.

Os engenheiros foram tratados a churrascadas e convidados para festas. Até mesmo um baile foi organizado, tendo os moradores inclusive emprestado roupas de gala para os engenheiros se divertirem em Ubiratã. Mesas gratuitas, champanhe de graça e uma bela noite de sono na acolhedora Ubiratã. Pela manhã os engenheiros foram embora com uma ótima impressão do lugar.

Obras rodoviárias de tal magnitude por vezes demoram meses para começar. No entanto, cerca de vinte dias depois, a ponte estratégica desviada pelo ardil da Sinop começava a ser construída.

Como a ponte deveria ser edificada para integrar o traçado definitivo da BR-369, tudo se encaminhou para um desfecho que, algum tempo antes, jamais poderia ser imaginado.

Foi assim que a ponte desviada astutamente de Goioerê para Ubiratã se somou ao “passeio” dos caminhões e dos jipes alugados pela Sinop, confirmando a pesquisa arranjada para mostrar um elevado fluxo de veículos pela estrada.

A luta ainda teria vários desdobramentos, mas a região estava totalmente comprometida com a campanha pela nova rodovia. As vitórias já se acumulavam, traduzindo-se tanto em ações políticas quanto em avanços técnicos, levando à certeza de que o objetivo final seria alcançado.

8. Museu Antecipa Turismo Místico-Ecológico

Nesse clima de acerto de contas de Ubiratã com sua história, surgem em 1969 os fundamentos do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã, em condições ainda precárias.

Ele não conta ainda com a devida assistência dos órgãos oficiais implicados na preservação da memória do Paraná, mas não deixa de aproveitar o impulso oferecido à busca da memória histórica pelas pesquisas arqueológicas chefiadas pelo professor Igor Chmyz.

Foi quando seu paciente e longo trabalho de pesquisa alcançou desde os sítios da antiga Ciudad Real del Guayrá até a topada com

trechos do lendário Caminho do Peabiru que a comunidade de Ubiratã começou a despertar para a riqueza também arqueológica disponível sob os pés.

Os achados arqueológicos sinalizavam para origens remontando a algo em torno de mil anos passados. De uma grande quantidade de objetos e peças indígenas, alguns exemplares se encontram hoje no Museu de Ubiratã. Aliás, são raríssimos os museus paranaenses com peças pré-colombianas.

Nesta região havia intensa atividade e comunicação, narrada pela leitura dos achados da pesquisa arqueológica empreendida por Igor Chmyz nas décadas de 1960 e 1970. As atividades são comprovadas pelos materiais coletados e a comunicação, pelos ramais dos Caminhos de Peabiru, por onde, para Chmyz, eles se relacionavam.

Depois de colher materiais em Campina da Lagoa, o arqueólogo veio para Ubiratã, pois tinha ouvido falar de uma aldeia antiga em seus arredores.

Na propriedade de Isaías, um sítio de dez alqueires, situado a aproximadamente vinte quilômetros da cidade e banhado pelos rios Carajá e Piquiri, Chmyz pôde comprovar positivamente as declarações dos moradores.

Outras localidades também foram apontadas, mas o arqueólogo teria de voltar numa outra ocasião para comprovar as hipóteses.

Nas proximidades do rio Carajá, foi descoberto um sítio arqueológico, tombado pelo Patrimônio Histórico, que de lá retirou mais de mil quilos de peças e objetos diversos.

Também as margens do rio Piquiri são extremamente ricas em armas e utensílios abandonados pelas tribos Kaingangues.

Ubiratã logo teria que pensar em como aproveitar essa rica história pretérita para fazê-la se somar às demais vertentes do desenvolvimento local, como o agronegócio e a força de seu comércio.

No entanto, seriam necessários ainda dez anos até que o Museu de Ubiratã pudesse finalmente se estruturar, superando a oposição ao projeto. Com a ajuda de Vilder Bordin foi inaugurado o Museu em 28.10.1979. Posteriormente a Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles passou a ocupar o mesmo espaço.



O prédio do Museu Histórico e Cultural e Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles.



Vilder Bordin exhibe peças do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.

CAPÍTULO VI – A FORÇA DA COOPERAÇÃO

1. Sinop, a Missão Cumprida

A década de 70 se caracterizou para Ubiratã sobretudo por três acontecimentos de grande magnitude: a vitória completa do projeto de colonização da Sinop, que a partir do Noroeste do Paraná progressivamente passou a se dedicar à frente mato-grossense; a conquista da BR-369, que representou o maior avanço infra-estrutural da região em toda a história; e a criação da Cooperativa Agropecuária União Ltda (Coagru), que viria se tornar a principal empresa do Município, movimentando ao redor de 60% da economia local.

3ª Gestão: 31.01.1970 a 31.01.1973



Áureo Zamprônio.

O primeiro prefeito da nova década foi Áureo Zamprônio, tendo como vice-prefeito Francisco Pires. Os vereadores da terceira legislatura foram Antônio Correia Fraga, Argemiro Rossi, Edelson Inocêncio, Eudécio Carreira, Euclides Gomes Valim, Natalino Alves Pereira, Pedro José Massaranduba, Raimundo Pereira Alves e Waldemar Fernandes Dias, que atuou na Presidência.

Essa gestão colheu os frutos das próprias lutas e das bandeiras levantadas pelas gestões anteriores. Assim, es-

truturaram-se em Ubiratã também a Copel, a Sanepar, Acarpa e Banco do Brasil.

Foram quatro anos a fio para propor, organizar e obter a pavimentação da BR-369, enquanto o asfaltamento também era iniciado no perímetro urbano, a partir da avenida Nilza de Oliveira Pipino.

A organização social de Ubiratã, que já havia conhecido um salto importante com a criação do Lions Clube, em 16 de julho de 1970 reuniu um grupo de pioneiros para criar o Country Clube.

Foram seus fundadores: José Rodrigues Neto, Nílto Nunes, Ernani Corrêa Reis, Osmar João Bertoli, Raimundo Soares do Nascimento, Áureo Zamprônio, Edno Molina Anadão, Odoné Serrano, Edelson Inocêncio, Solan Vieira Branco, Paulo Roberto Costa, João Baptista Guimarães, Valderi Claudino da Silva, Gerson Pereira e Valdir Aparecido D'Alécio.

A Sinop novamente compareceu em apoio à iniciativa, doando uma área de 25.740 m² para a nova instituição. Em texto bem-humorado, o jornal O Vale do Piquiri rememorou a época:

– No início, apenas um pequeno barraco onde os amigos se reuniram para, entre uma trucada e outra, tomar umas *cuiadas* de chimarrão e, como não poderia deixar de ser, fazer alguns conchavos políticos. Dentro do barraco, muitos nomes foram ventilados para prefeitos, governadores e vereadores. O clube não é político, mas seus associados...



Country Clube - Julho de 2007.



Parque aquático do Country Clube de Ubiratã.



Country Clube - 1977.



Country Clube - Janeiro de 1980.



Costelão no Country Clube - 2000.

Por essa época já estava em elaboração o Projeto Iguaçu de Cooperativismo, nas regiões Oeste e Sudoeste, mas as mesmas vicissitudes sofridas por seus produtores eram sentidas em Ubatuba:

“Do ponto de vista de desenvolvimento geral e viabilidade do projeto engendrado pela Sinop em Ubatuba, os indicadores eram positivos e prometiam farta e próspera distribuição de rendas, não fossem alguns problemas conjunturais que começaram a tornar impraticável a agricultura na região. Os lavradores tiravam do solo grande quantidade de produtos, mas não havia mercado comprador habilitado para suprir, no local, os itens de estocagem e transporte das safras” (Coagru).

O Censo Demográfico de 1970 aponta que a população dobrou desde a instalação do Município, alcançando 40 mil habitantes.

Mas a sombra de um êxodo se aproximava. O advento da mecanização agrícola, em 1970, com a dobradinha soja e trigo, provocou o êxodo e a concentração de terras rurais, liberando a mão-de-obra do campo.

“Um dos motivos que contribuíram para que o município sofresse a evasão populacional foi o incentivo do governo federal, a partir da década de 70, de povoamento e colonização da Região Centro-Oeste e Norte do Brasil, criando um projeto de desenvolvimento da região chamado Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) que pretendia habitar a Bacia Amazônica e com isso atrair muitos imigrantes, principalmente da Região Sul, como paranaenses, catarinenses e gaúchos, onde adquiriam grandes quantidades de terras” (Ubatuba – História e Geografia).

Em 1975, dados do IBGE davam conta que havia 53.512 habitantes. (alguns pioneiros contestaram este resultado do IBGE de 75 opinando que chegavam aos 60.000, pois muitos moradores não foram encontrados quando procurados pela pesquisa do IBGE).

Conforme o censo do IBGE de 2007, o número de habitantes é de 21.214 (vinte e um mil e duzentos e quatorze), baixando o número anterior.

Hoje a cidade é um verdadeiro canteiro de obras e a população acreditando na administração não apresenta mais vontade de mudar do município devido as novas perspectivas em relação à agricultura e

as boas colheitas que impulsionam o comércio e automaticamente a futura industrialização, além da posição geográfica do município entre Campo Mourão e Cascavel, e ser uma terra boa para se viver.

Depois dos ciclos do café, da hortelã e do algodão, o produto em destaque foi a soja, mantendo o dinamismo da economia regional. Mas além da grande cultura de exportação, Ubiratã manteve a produção, além do trigo, de milho, algodão, arroz, feijão, além da pecuária e o cultivo de produtos hortifrutigranjeiros (hortaliças, frutas e aves). A avicultura, aliás, teria mais à frente um papel conclusivo na complementação da estrutura do agronegócio regional.

A inauguração do Banco do Brasil em 27 de agosto de 1971 foi mais um passo para a consolidação do negócio do campo. Como sempre, na trilha do empreendedorismo exemplar da Sinop, a vinda da agência para Ubiratã foi uma operação política.

O colonizador João Bertoli, por longos anos deputado estadual catarinense, tinha amizade com o governador gaúcho Walter Peracchi Barcellos (1966-1971), seu correligionário no PSD e dono de muita influência no Banco do Brasil, do qual foi diretor. Essa ligação facilitou o projeto.

No curso de 1972 a cidade sofria uma ação positiva de nivelamento para a implantação da rede de água, o que representaria mais uma evolução urbana, mas o campo vivia dias de temor, angústia e muita expectativa.

Para aproveitar a generosa produção dos agricultores ubiratanenses, alguns cerealistas se instalaram na cidade, que também recebia uma revoada de compradores itinerantes a visitar as fazendas durante os períodos de colheita.

A falta de estradas melhores potencializou as dificuldades dos produtores, que estavam sempre diante da necessidade de se dirigir a Campo Mourão, o centro comprador mais próximo.

O antigo problema dos atoleiros não só se repetia como se agravava diante do aumento da circulação de veículos, pois não bastava chegar rapidamente a Campo Mourão: era também preciso fazer a entrega



A conquista do Banco do Brasil, outra bem-sucedida operação da Sinop - 1971.



Nivelamento da cidade para a implantação da rede de água - 1971.

do produto e retornar imediatamente – mas os motoristas precisavam aguardar até dois dias na fila de espera para descarregar os caminhões.

Como tempo é dinheiro, perdiam-se os dois, enquanto os problemas conjunturais da lavoura pressionavam os agricultores com novos desafios.



A Cerealista Agro Santos de Ataliba Pereira de Carvalho e seus irmãos - Década de 80.



Asfalto em frente a Casas Pernambucanas, na gestão Áureo Zamprônio - 1971.



Entrada da Cooperativa Coagru: nos dias pioneiros, luta para progredir e paciência para esperar os favores do clima.

Pretes caríssimos nos períodos de pico e a deficiência da estrutura dos armazéns da Cibrazem, comprometendo a qualidade dos cereais, compunham um conjunto de problemas que sempre colocavam o produtor contra a parede. E quando chovia ocorriam as demoras adicionais causadas pelas estradas intransitáveis, levando a produção a fermentar nas carrocerias dos graneleiros.

Era óbvio que os produtores precisavam de uma estrutura forte e ágil para encaminhar esse acúmulo de problemas a uma solução comum. A união de produtores das mais diferentes origens não era também uma tarefa simples, mas ela começava a se impor como a melhor saída para tamanhos obstáculos.

“Este conjunto de adversidades, cada vez mais agravantes, não poderia persistir, causador que era de contratempos e prejuízos. Necessária era a união dos produtores para fazer frente aos desafios. A solução acabaria vindo através do cooperativismo, que os organizaria e fortaleceria social e economicamente. Alguns produtores, mais conscientes das transformações que poderiam ocorrer para melhor, insistiram na sua implantação” (Coagru).

Por essa época, a grande missão a que a Sinop se dispusera ao

ingressar no Paraná na década de 50 estava cumprida vitoriosamente e a empresa passou a jogar toda sua força empreendedora no Mato Grosso Amazônico.

A empresa foi adquirindo gradativamente de terceiros uma área de aproximadamente 500 mil hectares, situados a 500 km de Cuiabá, na BR-163 (Cuiabá-Santarém) e, como já fizera no Paraná, continuava a criar cidades e se colocar novos desafios.

4ª Gestão: 31.01.1973 a 04.02.1977

Em janeiro de 1973 assumiria o prefeito Valderi Claudino da Silva, tendo como vice-prefeito o ex-presidente da Câmara, Thomas Laurentino de Albuquerque. Os vereadores dessa quarta legislatura são Aparecido Guilhermetti, Adilson Gonçalves Netto, Antônio Correia Fraga, Emílio Pereira da Silva, Luís Raimundo Crestani, Sakae Yotsu-moto, Alberto Leite (que renunciou em favor do suplente Valdir Miguel Lemes), Waldemar Fernandes Dias e Walter Barros Soares.

Na gestão do prefeito Valderi Claudino começou a entrar em discussão um projeto de Distrito Industrial, com a aquisição e doação do terreno para a Coagru, e foram construídos o novo prédio do Fórum da Comarca e o Estádio Municipal, que em sua homenagem se tornou o Claudinão.

“Transferei o almoxarifado do centro da cidade. Comprei máquinas e caminhões para o setor rodoviário e estradas. Na iluminação, foram colocados super-postes com um novo sistema, assim como foram instalados semáforos para melhor organizar a segurança do trânsito. No setor da moradia, foi construída a Vila Esperança, com transferência da favela da Vila Recife, cujos barracos tinham péssimas condições de higiene e precário convívio social” (Claudino).



Prefeito Valderi Claudino da Silva, da frente nordestina.



Posse de Valderi como prefeito de Ubitatã em janeiro de 1973.



Comemoração do dia da Pátria.



Valderi Claudino da Silva em Maringá na reunião dos 10 Melhores Prefeitos do Paraná.



Inauguração do Lar dos Velhinhos em 14.12.1975. Luiz Raimundo Crestani (à esquerda), primeiro presidente e Dr. Claudino (à direita).



Valderi com o governador do Paraná, Ney Braga.



Valderi, quando presidente do Rotary, com o governador do Rotary.



*Time de futebol de Ubiratã na década de 60.
O campo é hoje a Praça Pio XII.*



Estádio Municipal Claudinão em obras: aqui teve início a cidade de Ubiratã com o primeiro acampamento em 24 de agosto de 1954.

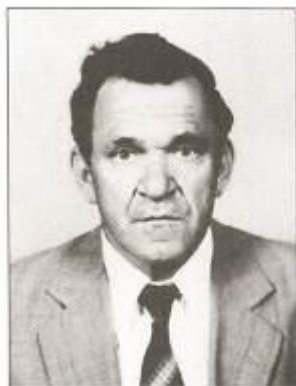


Início da terraplenagem para a construção do Estádio Claudinão - 1974.



Estádio Municipal Claudinão, em homenagem ao prefeito que o construiu, Valderi Claudino da Silva.

2. O Deputado-Embaixador



Deputado Francisco Escorsin - década de 80.

Dentre as figuras exponenciais da história de Ubitatã destaca-se o deputado estadual Francisco Escorsin. Ele mantinha em Curitiba uma casa de apoio às pessoas necessitadas da região, oferecendo-lhes hospedagem sem qualquer custo enquanto estivessem em tratamento na capital.

Nascido em 17 de fevereiro de 1924, Escorsin foi deputado em sete legislaturas, tendo assumido inclusive a Presidência da Assembléia Legislativa. Os ubiritanenses ao se dirigirem a Curitiba ficavam sob os

cuidados de dona Nina, que obteve a simpatia dos enfermos que requeriam tratamento mais rigoroso, sob a orientação de Escorsin.

“Ela encaminhava o doente, cuidava da família que ia junto e quando estava bom ela mandava de volta, muitas vezes com o carro da Assembléia” (Vilder Bordin).

Oferecendo uma assistência especial ao Município de Ubitatã desde a gestão de Áureo Zamprônio e nas administrações seguintes, ele foi proprietário do Cartório de Registro de Imóveis de Ubitatã, que até hoje pertence à família. Escorsin morreu em 5 de janeiro de 1992 e seu nome ficou imortalizado em uma rua da cidade que leva seu nome.

3. Coagru, uma Obra de Resistência

Os produtores rurais mais conscientes e bem-informados insistiram no curso de 1973 para que fosse debatida a união dos produtores de forma a resolver o amplo elenco de problemas que o setor produtivo enfrentava na conjuntura complexa da década de 70.

“É o caso do Sr. Golo Watanabe, japonês de nascimento, que trouxe conhecimentos de técnicas agrícolas mais aprimoradas e que, ainda em 1973, desenhava hieróglifos demonstrando suas vantagens, enquanto ensaiava as primeiras palavras em português. Como criança



que preserva seus cadernos escolares, Golo Watanabe ainda manteve seus registros iniciais sobre o cooperativismo em Ubitatã. Nas páginas amareladas pelo tempo, as inscrições em caracteres nipônicos gravam o que poderia representar a cooperativa naquele contexto” (Coagru).

No primeiro semestre de 1974 o projeto de criação de uma cooperativa começa a ganhar corpo, agora concretamente.

Uma comissão formada por seis integrantes foi incumbida de levar adiante as

tarefas iniciais: definir um local fixo para os encontros organizativos, estabelecer o cronograma de investimentos iniciais, examinar a legislação a ser obedecida e buscar informações junto a outras cooperativas que já haviam trilhado as primeiras fases do processo de instalação.

Como sempre, aqueles pioneiros não tinham uma tarefa das mais simples a resolver:

“Diante da constatação das reais necessidades para atender a reivindicações básicas como armazenamento e comercialização, a aventura cooperativista se transformou num objetivo difícil de atingir. A princípio, a alternativa encontrada foi pleitear junto a cooperativas vizinhas um entreposto para Ubitatã, o que não se tornou possível em virtude da infra-estrutura deficitária no que concerne à malha rodoviária de acesso à cidade. Pelo menos, esta foi a avaliação feita por uma das companhias procuradas. A segunda – com sede em São Paulo e atuação em nível nacional – ainda chegou a demonstrar algum interesse. Reuniu-se com os produtores, avaliou a produção, contabilizou

investimentos e retornos, buscou ressonância da proposta junto a autoridades locais e ajuizou outras condicionantes para, a seguir, concluir negativamente e retirar-se” (Coagru).

Esgotado o caminho da tentativa de convencimento de estruturas já formadas, só havia dois caminhos a seguir: esmorecer e desistir ou iniciar um projeto próprio.

Como a primeira opção era inaceitável, diante da unidade já obtida e das necessidades cada vez mais flagrantes da economia rural, era chegado o momento de ousar: a proposta de criar a cooperativa de Ubiratã já estava madura.

No dia 21 de setembro de 1974, sob a presidência de Miguel Luiz Avancini, quase duas dezenas de produtores se reúnem no prédio da Prefeitura e elegem uma comissão dirigente provisória, constituída pelo presidente Golo Watanabe; vice-presidente Toshimi Makiyama; 1º secretário Adilson Gonçalves Netto; 2º secretário Norio Tomita; 1º tesoureiro Ercides Rossetto; 2º tesoureiro Joaquim Sigi Ueda. Uma subcomissão técnica ficou formada por Egon Simm, Miguel Luiz Avancini e Katsumi Endo.

Enquanto a comissão trabalhava nos preparativos para a operacionalização da nova cooperativa paranaense, a comunidade ubiratanense conquistava mais uma vitória importante para consolidar sua infra-estrutura.

Finalmente a BR-369 avançava em obras e, embora fosse recomendável manter a vigilância, os ubiratanenses já podiam contabilizar mais essa conquista decisiva para consolidar sua infra-estrutura.

O presidente do Lions Clube, José Rodrigues Neto, comemorava o feito assinalando plenamente seu caráter histórico:

– Era constatado, então, um fato ímpar a ser exemplo para todo o Brasil: a iniciativa privada marchando à frente da iniciativa pública. Era o progresso gerado praticamente, graça ao esforço da iniciativa particular, estimulando e concitando o poder público a acelerar os seus passos e acompanhar lado a lado o ritmo de progresso da região.

As obras progrediam, embora ainda tardassem mais alguns meses até a inauguração oficial, enquanto o processo de organização da futura Coagru também progrediam.



O antigo prédio da Coagru - 1977.



A Coagru no seu início - 1978.

A 20 de junho de 1975, com representantes de diversas comunidades, foi eleita a comissão pró-fundação da Coagru, que empossou Áureo Zamprônio, Toshimi Takemoto e padre Avelino ten Caten, respectivamente, presidente, vice e secretário.

O Conselho Deliberativo ficou formado por Keiko Omori, Marcfílio Daltro e Eumildes Gasparoto, Valdir Miguel Lemes, Toshimi Makiyama, Adilson Gonçalves Netto, Adelvo Rubens Negrini, Joaquim Seigi Ueda, Wilson Shiratsu, Natal Basso, Ercides Rossetto, Golo Watanabe, Augusto Possobom, Mário Vieira, Akira Ogawa e Shizumo Makiyama.

Nesta reunião, foi aprovado o nome **Cooperativa Agropecuária da Região de Ubiratã** (Caru).

Em reunião posterior a Comissão Pró-Fundação da Caru se reuniu novamente para discutir detalhes como o número de associados, valor da jóia e a necessidade de aquisição de um terreno suficientemente grande e bem localizado para a instalação da cooperativa.

“Foram iniciados contatos com a prefeitura, visando a obtenção da área mediante doação, sendo as possibilidades para consegui-la bastante favoráveis. Nessa mesma época, os produtores, animados, visualizaram a aquisição imediata de trigo, um de seus principais cultivos. Reunidos novamente a 8 de julho, foram escolhidos os representantes que viajariam a Curitiba, para estabelecer contatos com a Ctrim e a Cibrazem, visando alugar armazéns para estocagem desse produto” (Coagru).

Como nada havia sido fácil até então, mais uma dificuldade se apresentou. Apesar da boa receptividade encontrada em Curitiba, de onde o grupo retornou com uma resposta “positiva e satisfatória”, as fortes geadas que assolaram a região inviabilizaram temporariamente o empreendimento, com a redução da produtividade.

Isso ocorria dez anos depois da gélida pá de cal que o inverno havia desferido sobre o café, mas apesar de drástica, a geada de 1975 não foi forte o bastante para derrotar os fundadores da Coagru.

Ainda no inverno, intensificaram-se os estudos relativos ao aluguel de armazéns, levantando-se a problemática do capital necessário ao cumprimento desse e de outros propósitos e em agosto ocor-



Coagru, uma construção árdua e grande vitória dos produtores - 2007.

reu uma reunião muito importante, contando inclusive com a presença do prefeito Valderi Claudino da Silva.

“No encontro, foram apresentadas três propostas de venda de terreno, feitas por proprietários locais. Uma delas causou revolta, por ser considerada indecorosa pelos presentes, na medida em que manifestava visivelmente interesses especulativos, tirando-se proveito da situação. Pedindo um aparte, o prefeito prometeu estudar, junto a órgãos competentes, a possibilidade de desapropriação da área, fundamentado em aspectos legais. Nesse momento, faltou energia elétrica no recinto e a reunião foi encerrada momentos depois à luz de velas. Posteriormente, a idéia foi descartada” (Coagru).

Dias depois, intensificaram-se os contatos entre os produtores e a prefeitura que, a 26 de agosto, colocou à disposição alguns terrenos devolutos no município, onde, opcionalmente poder-se-ia dar início às instalações da cooperativa.

A essa altura, enquanto a Coagru era moldada e as geadas liquidavam qualquer perspectiva de retomada do ciclo cafeeiro, que havia sido a grande motivação da colonização pré-Sinop, Ubiratã che-

gava à metade de uma década em que a tônica dominante foi a organização.

Por conta dela Ubiratã passou a viver uma nova realidade no dia 13 de setembro de 1975. Nessa data, às 13 horas, fundava-se oficialmente, na Câmara Municipal, a Cooperativa Agropecuária União Ltda. (Coagru), com a presença de 36 produtores, diversas autoridades, representantes de órgãos públicos e privados, além de alguns membros de outras cooperativas.

Essa importante organização do empresariado rural teve seu contraponto igualmente positivo na formação, em 30 de junho de 1976, da Associação Comercial e Industrial de Ubiratã (Aciu).

O prefeito Tomaz Izidro de Lima reassumiu a Prefeitura de Ubiratã no início de 1977, portanto, em um novo contexto regional. A Coagru já estava formada e em operação e a BR-369 estava a um passo de ser inaugurada.

Orgulhando-se de ser cognominado “Prefeito do Sítio”, em sua gestão seria construído o novo prédio do Paço Municipal de Ubiratã e o município apoiaria decisivamente a usina de Beneficiamento de Algodão. Uma das primeiras conquistas da comunidade nessa época foi, em fevereiro de 1978, a criação do entreposto da cooperativa Cotia.

Tomaz teve Joaquim Ferreira Lúcio como seu vice-prefeito e a turbulência nessa época ficou por conta da Câmara Municipal, onde ocorreram renúncias e pela primeira vez o falecimento de um vereador no exercício do cargo.

Com a morte do vereador Horácio José Ribeiro, assumiu o suplente Joaquim Evangelista. O vereador José Albino Rohr, que inclusive chegou a presidir a Câmara, renunciou ao mandato, sendo substituído pelo suplente Antônio Ferreira.

A Câmara também ficou constituída nesta quinta legislatura pelos vereadores Antônio Santo Graff, Conrado Álvaro Penafiel, Eudécio Carreira, Hermes da Silva, José Arci Bueno de Castro, Melécio Marciniuk e Simão Alves Cardoso. Além de Rohr, presidiram a

Câmara os vereadores Conrado e Eudécio. O prefeito e os vereadores tiveram os mandatos prorrogados por mais dois anos, até janeiro de 1983.

Esse período extra favoreceu ao prefeito Tomaz completar obras como a Câmara, o ginásio de esportes que receberia seu nome, o Museu e a conquista da telefonia e da captação de água da Sanepar.

Sacramentando a vitória da campanha regional pela construção da BR-369, a rodovia estratégica assinalando a ligação Norte-Oeste foi inaugurada a 27 de maio de 1977 pelo presidente da República, general Ernesto Geisel.

A era do asfalto chegava de uma vez por todas, pois em 1978 o prefeito Tomaz Izidro de Lima criou o Serviço Autônomo de Pavimentação Asfáltica (Scapa). Ubiratã, definitivamente, entrava nos tempos modernos.

A BR-369 iniciou-se na gestão do prefeito Áureo Zamprônio e foi concluída na gestão de Valderi Claudino e inaugurada durante a 2ª gestão do prefeito Tomaz Izidro de Lima.



Asfaltamento em frente a Igreja Matriz - 1978.



Pátio da Igreja Matriz Santo Antônio - 1976.



Início do asfaltamento em frente a Igreja Matriz e o Colégio Santo Antônio - 1978.



Asfalto em frente a Igreja Matriz - 1978.



Ubatã em 1979.



Ubiratã na 2ª Gestão Tomaz Izidro de Lima - 1979.



Praça Pio XII - em 1979.



O Marco Zero de Ubiratã na Avenida Yolanda Loureiro de Carvalho com a Avenida Nilza de Oliveira Pipino (foto de 1980).

CAPÍTULO VII – A UBIRATÃ MODERNA

1. O impacto das Culturas de Exportação

A Ubiratã moderna, a partir da década de 80, define-se essencialmente por sua realidade pós-Sinop e pela definitiva consolidação do agronegócio, agora incorporando também com grande destaque a avicultura.

Segundo o IBGE, a população de Ubiratã alcançou 27.326 mil habitantes em 1980. Ocorreu um pico durante a década e rapidamente uma queda no número de habitantes, sobretudo no campo.

A partir daí se verificaria com maior clareza o impacto das culturas de exportação sobre a mobilidade populacional. Elas iriam produzir o ciso de um forte êxodo rural, com o aumento conseqüente da concentração urbana.

O prefeito Raimundo Soares do Nascimento assume no princípio de 1983 uma gestão em cujo período boas e más notícias se alternariam. As más notícias foram marcadas por perdas humanas. O início e o aceleração da inversão do processo migratório, que povoou o interior do Município nas décadas de 50, 60 e 70, não teriam mais volta.

As boas notícias se referiam ao desenvolvimento da agricultura, em sua fase de afirmação do ciclo soja-trigo, apesar das dificuldades conjunturais do período, de franco esgotamento do governo ditatorial e às ações municipais.

6ª Gestão: 01.02.1983 a 01.01.1989



Prefeito Raimundo Soares do Nascimento: frentes de trabalho para superar as dificuldades do período pós-ditadura.

O prefeito Raimundo Soares do Nascimento teve como vice-prefeito o ex-vereador Conrado Álvaro Penafiel. Os vereadores da sexta legislatura foram Aníbal José Dal Bem (que se afastou do cargo, posteriormente ocupado pelo suplente José Valim da Fonseca), Ataliba Pereira de Carvalho, Egon Fischer, Eugênio Zem, José Vicente Pires, Lindaura Lopes Magalhães, Miguel Carlos Gomes Valeriano, Valdir Euclides Hellstron e Jairo Correia de Almeida.

Presidiram a Câmara nesse período os vereadores José Vicente, Jairo e Eugênio.

Em sua gestão, Nascimento edificou a ponte sobre o rio Carajá e abriu frentes de trabalho para atender às comunidades das vilas, pois a herança da ditadura foi um enorme êxodo e o acúmulo de problemas sociais nos núcleos urbanos.

O êxodo que a introdução do ciclo da soja propiciara teria ainda novos desdobramentos, reduzindo drasticamente a população ubiratense.

O êxodo que a introdução do ciclo da soja propiciara teria ainda novos desdobramentos, reduzindo drasticamente a população ubiratense.

Em 1984, a morte de Nilza de Oliveira Pipino, em acidente aéreo, no dia 21 de fevereiro, seria outra péssima notícia. O avião Navajo, de Ênio, que transportava ele, a esposa Nilza e um casal de Maringá, sofreu uma pane seca de origem supostamente criminosa.

Ênio Pipino sobreviveu, milagrosamente, mas sempre ficou a dúvida sobre se o acidente foi uma resposta dos interesses alcooleiros da cana, preocupados com a produção sustentável de “combustível verde” a partir da mandioca, projeto no qual a Sinop, com Pipino à frente, estava envolvida no Mato Grosso.

Várias homenagens póstumas foram prestadas a Nilza em várias cidades do Paraná e Mato Grosso pelo seu trabalho assistencial e educacional. Dentre essas homenagens, seu nome ficou imortalizado em praças, centros sociais e educacionais e avenidas em Ubatuba (o nome de sua importante avenida e do Hospital e Maternidade), Formosa do Oeste, Iporã, Maringá, Jesuítas e Sinop (MT).



Governador João Elísio, prefeito Raimundo Soares e a esposa Anilce Teixeira.



A curiosa propaganda política de Raimundo Nascimento - 1982.



Prefeito Valdir Aparecido D'Alécio: cooperativista e líder regional.

Sob o lema “Honestidade, Trabalho e Competência”, o líder cooperativista Valdir Aparecido D'Alécio assume a Prefeitura de Ubitatã no início de 1989, tendo como vice-prefeito Adilson Gonçalves Netto. Os vereadores da sétima legislatura foram José Luiz Pantaleão, Adão Menon, João Batista Valim, João Junhynit Makyama, Mamede Alves Vasconcelos, Marcílio Luiz Daltro, Nilson Messa, Sérgio Ivanildo Depieri e Vladimir Antônio Cruz. Presidiram a Câmara os vereadores José Luiz e Nilson.

O advogado D'Alécio formou-se em 1967 e desde 1971 reside em Ubitatã, tendo sido o criador da Sociedade Rural de Ubitatã.

Na administração de Valdir D'Alécio seria criado o Centro de Produção de Alimentos, com destaque para o atendimento exemplar da saúde e educação.

Ocorrem nessa gestão as obras de casas populares nos conjuntos habitacionais Boa Vista, Novo Ubitatã e União, completando-se um sugestivo processo de adequação das estradas às curvas de nível – medida fortemente protetora da terra e do ambiente.

Durante seu mandato, D'Alécio foi presidente da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão (Comcam) e vice-presidente da Associação dos Municípios do Paraná (AMP).

Se nas décadas anteriores o orgu-



Casal Valdir e Nadir D'Alécio - 1969.



Formatura de Valdir D'Alécio.

lho dos produtores era vencer a mata e fazer a terra produzir, no final da década de 80 esse desempenho vitorioso viria se somar a uma nova preocupação: a sustentabilidade da produção e a preservação ambiental, que também tem implicação sobre a qualidade de vida no campo e na cidade.

Assim, Ubitatã cria, em outubro de 1989, o Parque Municipal Florestal Ênio Pipino, com a lei 503/89, sancionada pelo então prefeito em exercício Adilson Gonçalves Netto, com o aval de D'Alécio.

Em 1990, intensificou-se o processo de despovoamento local pela diminuição do plantio de algodão. O Brasil, de maior exportador do produto, passou a segundo maior importador.

Segundo o IBGE, a população de Ubitatã cai de 27.326 habitantes em 1980 para 26.828 em 1991, e continuará caindo durante os anos seguintes.

Nesse ano, Ubitatã também perde seu prefeito anterior: Raimundo Soares do Nascimento morre em 28 de abril de 1990, deixando na história um nome a ser lembrado para sempre nas primeiras casas do conjunto Boa Vista.



O prefeito Valdir D'Alécio e o governador Álvaro Dias na assinatura do SINE.



Deputado Ulisses Guimarães e Valdir D'Alécio no movimento das "Diretas Já" - Outubro de 1989.



Valdir D'Alécio e lideranças de Ubatã com o governador Requião e o deputado Caito Quintana.



Visita do corregedor geral da Justiça e almoço na AAB. Na foto, Antônio Hernandes, Dr. Ximenes, Áureo Zamprônio, Dr. Valdir D'Alécio, Dr. Luiz Renato Pedroso (corregedor da Justiça) e Adilson Netto -1992.



Valdir D'Alécio com o governador Roberto Requião - 2004.

8ª Gestão: 01.01.1993 a 31.12.1996

10ª Gestão: 01.01.2001 a 31.12.2004



Arnaldo Ferreira Sucupira.

Em janeiro de 1993 assume a Prefeitura de Ubitatã para exercer seu primeiro mandato o mineiro Arnaldo Ferreira Sucupira, tendo o ex-presidente da Câmara, vereador Nilson Messa, como vice-prefeito. Sob a divisa “Crescer Juntos, a Cidade e o Campo”, em sua gestão surgiu a Vila Rural na comunidade de São Francisco, entre outros.

Os vereadores da oitava legislatura são Amilton Freitas Correia (o popular Tina, que renunciou, deixando o lugar para o suplente Marcílio Luiz Dal-

tro), Ataliba Pereira de Carvalho, Carlos Murilo Botta, João Junhyti

Makyama, José Anézio Rossetto, Luiz Pereira da Silva, Maria Helena Fogaça Netto, Sady Rodrigues Farias e Sérgio Ivanildo Depieri. Presidiram a Câmara nesse período os vereadores Ataliba Pereira de Carvalho e João Junhyti Makyama.

Depois de 88 anos de uma biografia inigualável como homem público e empreendedor, Ênio Pipino morre em 16 de junho de 1995, em Bebedouro (SP), sendo sepultado em Maringá.

A Ubitatã que ele deixou ao sair da vida para entrar na história é uma cidade em transição, com a soja se consolidando como produção mais forte e o algodão deixando de ser um ciclo importante. E a Sinop que ele deixou no Mato Grosso era já uma cidade que se tornara um dos principais pólos madeireiros do Estado.

Sinop, naquele momento firmando-se entre as cinco maiores cidades de Mato Grosso, “começou a ter uma diversificação da economia baseada no setor florestal a partir de 1995, com a aplicação de técnicas modernas de manejo sustentado, pesquisas sobre reposição florestal, pecuária e agricultura” (professora Érica dos Santos Pichinin).

Esse ano será também crucial para a grande virada na economia ubiratanense. O ciclo do algodão declina na mesma medida em que o binômio soja-trigo assume a cena, como novo ciclo da economia regional e essa nova realidade vai redundar na criação de mais uma importante cooperativa.



A soja, trazendo a mecanização, veio substituir os ciclos caracterizados por intensa ocupação de mão-de-obra.

Trata-se da Cooperativa Integrada Agroindustrial. Originária de Londrina, onde surgiu em 1995, a Cooperativa Integrada se ramificou pelo Paraná afora. Instituiu em 8 de dezembro de 1996 sua unidade regional de Ubitatã, com a designação de Osmar João Bertoli para coordenar o núcleo de cooperados.



A Cooperativa Integrada confirma a vocação ubiratanense para o agronegócio - 2004.



Dez anos depois de sua formação em Ubatuba, a Cooperativa Integrada daria a largada para uma nova vertente do novo ciclo composto do agronegócio. A aposta na criação de frangos caipiras é uma nova frente de diversificação agropecuária.

A Ubatuba moderna, portanto, aproveita bem as lições do passado e estende cunhas rumo ao futuro.

2ª Gestão: 04.11.1965 a 31.07.1970

e 9ª Gestão: 01.01.1997 a 31.12.2000

O prefeito Tomaz Izidro de Lima assume em janeiro de 1997 para cumprir um terceiro mandato, com o vice-prefeito João Batista Petrica e os vereadores Adelmo Nunes Fernandes, Anel-do Bartz, Aparecido Paula da Silva, Armando de Oliveira Custódio, João dos Santos Laurindo, Marcílio Luiz Daltro, Miguel Ferreira de Barros Filho, Osmar Pires da Silva e Sady Rodrigues Farias. Assumiram também os suplentes Mamede Alves Vasconcelos e Maria de Lourdes Gasparotto, por breve período. Presidiram a Câmara nessa nova legislatura os vereadores Miguel e Marcílio.



Tomaz Izidro de Lima.

No final da década de 90 já estava consagrada no imaginário popular e na prática das lideranças regionais aquela que seria a grande preocupação no início do terceiro milênio: o meio ambiente.

O dia 28 de março de 1999, um domingo, entrou para a história com a promoção da Cavalcada Ecológica – um trajeto de quinze quilômetros reunindo cerca de 250 cavaleiros vindos de vários pontos da região. Além de Ubatuba, compareceram cavaleiros de Mamborê, Nova Cantu, Juranda e Campina da Lagoa.

Eram homens, mulheres e crianças que, para dar um exemplo de respeito à vida e à natureza, partiram da Sociedade Rural e depois de percorrer ruas centrais da cidade seguiram pela estrada Carlos Gomes até a fazenda de Paulo Moura, um dos organizadores da promoção, ao lado de José Benevides, Luiz Bigode e José Nogueira.

O Censo Demográfico de 2000 apontou Ubatuba com uma população de 22.593 habitantes, similar, portanto, à registrada em 1960, quando o Município foi criado.



O onipresente pioneiro Vilder Bordin na Sociedade Rural de Ubatã - 1998.

Dois êxodos contribuíram para que a população voltasse aos mesmos níveis do início do Município. Primeiramente, o êxodo rural, fenômeno que multiplicou as populações urbanas. Depois haveria outro êxodo: a debandada rumo às novas fronteiras agrícolas.

Não foi nenhuma coincidência o fato de surgir, no centro do Estado do Mato Grosso, o Município de *Nova Ubatã*, com uma população ao redor de cinco mil habitantes. Menos coincidência ainda é que um dos assentamentos constituintes de Nova Ubatã seja conhecido como *Sinopão*.

Na década de 90, outro fator foi a emigração de muitas pessoas para fora do país. Há um contingente de ubiratanenses no Japão, Estados Unidos, Inglaterra e outros países. Uma nova face do êxodo em busca de novas terras e oportunidades e o interessante é que depois a maioria deles investem o seu dinheiro aqui e isso é muito bom.

2. Soja, Frango e Turismo

Em janeiro de 2001 assumiria para cumprir seu segundo mandato o prefeito Arnaldo Ferreira Sucupira, tendo como vice-prefeito Fábio

de Oliveira D'Alécio, que iria sucedê-lo. Fábio contribuiu na administração de Sucupira no processo de eleição direta dos secretários da Educação e de Viação e Serviços Rurais, respectivamente pelos professores e pelos agricultores.

Em sua segunda gestão, além de refletir a preocupação ambiental, com os *rallies* ecológicos, o Parque Ênio Pipino e o aterro sanitário, Sucupira centrou energias na estrutura da diversificação econômica. Também foi responsável pelas novas placas de sinalização e orientação da cidade e o término do asfalto entre Ubatã e o distrito de Yolanda.

A edilidade esteve formada, nesta décima legislatura, pelos vereadores Antônio Menezes da Silva, Mamede Alves Vasconcelos, Vilmar Trivilin, Ionildo da Silva Pereira, José Anézio Rossetto, Aparecido Paula da Silva, Carlos Joaquim Ribeiro Lima, Haroldo Fernandes Duarte e Sandra Cândido Petrica. Os vereadores Mamede e Vilmar presidiram a Câmara no período.

Em 14 de junho de 2001, logo depois de tentar um quarto mandato, sendo derrotado por Arnaldo Ferreira Sucupira, morre acometido de um câncer agressivo um dos mais combativos políticos da história ubiratanense – Tomaz Izidro de Lima.

Logo no início da presente década, o frango de corte começaria a se anunciar como um novo subciclo forte do agronegócio ubiratanense com a cooperativa Co-agru, ampliando o leque de diversificação econômica do Município.

Desde 1990 vem surgindo no topo das estatísticas mundiais um outro tipo de turista: o visitante que deseja cami-

nhar por trilhas sagradas, conhecer descobertas arqueológicas, manter contato com populações indígenas, ouvir histórias de antepassados.



A avicultura de corte abre novos mercados para a produção de Ubatã.

dos, povoar a imaginação com as lendas de tesouros escondidos, ver inscrições pré-históricas, fazer meditação e participar de rituais esotéricos e acompanhar a procriação de animais em extinção, por exemplo.

Essa criatura dos novos tempos é o turista-ecologista, segundo Rosana Bond, integrante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e uma das entusiastas do Caminho do Peabiru.

“É o turista-historiador, o turista-místico, o turista-geógrafo. E a trilha do Peabiru tem muito disso. É caminho sagrado para os índios, que leva à Terra Sem Mal, portanto é místico, evoca a espiritualidade” (Rosana Bond).

Com sua equipe, Sinclair Pozza Casemiro, coordenadora geral do primeiro simpósio da COMCAM, é uma das principais idealizadoras do projeto Caminho de Peabiru Necapecam/Campo Mourão - Paraná.

Em março de 2003 teria início o Movimento Pró-Peabiru, com o lançamento do projeto Peabiru: **O Compostela da América do Sul.**



Reunião Caminho de Peabiru: Marilene, Sinclair, Vilder e Selene.



Caminhantes do Peabiru apontam novos rumos para o turismo paranaense - Abril 2007.





Os Caminhos de Peabiru - Abril 2007.

Compostela, do espanhol, significa *Via Láctea*, a galáxia à qual a Terra pertence. Há cientistas sustentando que o Caminho do Peabiru segue o mesmo desenho da Via Láctea nos mapas celestes.

Na Espanha, o Compostela é um eixo turístico de ampla movimentação financeira. No Noroeste do Paraná, o projeto foi delineado por reuniões em Pitanga e Campo Mourão, estendendo-se até ao Paraguai.

A paisagem da região e sua história têm um grande potencial para atender às expectativas desse tipo novo de turista. As reservas ecológicas, as reduções jesuíticas de Vila Rica do Espírito Santo em Fênix, os possíveis trajetos do Caminho do Peabiru e o turismo rural são bons atrativos.

As peregrinações periódicas no Caminho de Peabiru podem ser a largada para um roteiro de turismo capaz de agradar a visitantes de todo o planeta. Anualmente, as cidades paranaenses que teoricamente foram atravessadas pelo Caminho do Peabiru sediam uma peregrinação que se pretende tornar permanente. Em abril de 2007, a sede foi Ubatã.

A peregrinação começou em Campina da Lagoa, seguindo para São João, Colônia Santo Inácio, Três Placas e Distrito de Yolanda, integrando ao percurso a Estrada Paraguaia.

Foram cerca de 60 quilômetros percorridos por pessoas entusiasmadas de 18 a 70 anos e houve um simpósio a respeito em Campina da Lagoa, com a presença do arqueólogo Igor Chmyz, considerado o “Pai Científico” do projeto Caminho do Peabiru.

É o milenar espírito indígena abrindo o caminho a um novo tesouro: o desenvolvimento do turismo.

11ª Gestão: 01.01.2005 a 31.12.2008



Fábio D'Alécio: “Compromisso com o Futuro”.

É sob o signo de novas perspectivas para a diversificação na economia que assume no início de 2005 o prefeito Fábio de Oliveira D'Alécio, tendo como vice-prefeito Orlando Francisco Vieira Filho.

Filho do ex-prefeito Valdir Aparecido D'Alécio e Nadir de Oliveira D'Alécio, Fábio estudou em Curitiba e se formou em Direito na Universidade Estadual de Londrina, em 1993, mas passou a infância em Ubatã, tendo estudado no pioneiro Colégio Santo Antônio. Casou-se com Luciane Munhos no ano de 1994. Seus fi-

lhos: Thiago e Eduardo.

Como advogado, Fábio patrocinou causas sociais e atuou na defesa sindical, além de prestar assessoria jurídica à Coagru e ter participado da subseção local da OAB.

O vice-prefeito Orlando Francisco Vieira Filho nasceu em Ubatã, em 1º de agosto de 1965, filho do pioneiro Orlando Francisco Vieira (in memoriam) e Lucila Lopes Vieira. Estudou no Colégio Santo Antônio o ensino fundamental e fez o 2º grau no Colégio Estadual Carlos Gomes, sendo técnico em contabilidade.

Formou-se em 1989, em São Paulo, bacharel em Teologia. Casou-se no ano de 1985 com Márcia Vieira e tiveram três filhos: Déborah,



Vice-prefeito Orlando Francisco Vieira Filho.

Priscila e Paulo Lucas. Tornou-se empresário no ramo de farmácia em 1986 e técnico em farmácia em 2002.

Durante sua vida profissional e social sempre lutou pela defesa dos direitos humanos, buscando sempre a igualdade entre todos. Em 2000 ingressou na política, sendo candidato a prefeito pelo PST. Em 2004 foi eleito ao cargo de vice-prefeito de Ubiratã, com o prefeito Fábio D'Alécio.

A Câmara, na décima-primeira legislatura, ficou formada pelos vereadores Haroldo Fernandes Duarte, Sandra Cândido Petrica, Sandra Fátima Tozi Trevilin, Lauro Hryniewicz, Luiz Francisco da Cunha, Aparecido Paula da Silva, Marcos da Silva Retamero, Orlando dos Santos Filho e Marcilio Luiz Daltro, que renunciou e foi substituído pelo primeiro suplente, Arnaldo de Melo Correia.

Sob a divisa “Compromisso com o Futuro”, Fábio D'Alécio implantou o Projeto Alfa de erradicação do analfabetismo, ampliou as equipes do Programa Saúde da Família, criou um programa exemplar no campo ambiental – o bosque interativo – e determinou a preparação dos leitos rodoviários rurais para um novo ciclo econômico, a avicultura, dando apoio às cooperativas na construção de um abatedouro de aves, com o cascalhamento de vários trechos de estradas e também investindo na modernização e na edificação de prédios públicos.

Em 3 de novembro de 2007, o prefeito D'Alécio inaugurou o posto de saúde do conjunto habitacional Boa Vista. Também aconteceu o término do Centro de Educação Infantil Dona Mariquinha, que muito tem ajudado as famílias das imediações, com filhos pequenos, cujos pais precisam sair para trabalhar.

A reabertura da Caixa Econômica em dezembro de 2007 (já que anteriormente tínhamos esta em nossa cidade), é mais uma conquista desta administração para o povo de Ubiratã e da região, que mui-

to se beneficia com a mesma, graças ao incentivo da administração municipal e a superintendência da Caixa Econômica Federal e seu superintendente Fábio Carnelós, ubiratanesense de coração, já que chegou aqui ainda criança, com os pais Fabiano e Lourdes Carnelós.



Centro de Educação Infantil Dona Mariquinha - 2007.



Posto de Saúde do Conjunto Habitacional Boa Vista - 2007.



A Escola Municipal Dr. Gentil Toledo de Moraes Júnior veio para suprir a necessidade dos moradores do Conjunto Habitacional Boa Vista - 2007.



Casa da Cultura - 2008



Secretaria do Meio Ambiente, ao lado da Caixa Econômica - 2007.



Quadra coberta no Boa Vista - 2008.



Centro Esportivo: quadra de areia para volei, futebol e pista de skate - 2007.

Como parte dos festejos do aniversário de Ubatã, em 2007 houve o desfile dos pioneiros, contando com a participação de Vilder Bordin, Frico e outras personalidades e famílias que fizeram a história.



A família Bordin no Desfile dos Pioneiros - 04 de novembro 2007.



Osmar Bertoli e dona Renata - novembro 2007.



João Rodrigues da Silva e dona Gilda - novembro 2007.



Antônio Correa Fraga (in memoriam) e dona Celina - novembro 2007.



Valdemar Kroll e dona Dolores - novembro 2007.



Francisco Pedro Fogaça e Ana do Espírito Santo Fogaça - novembro 2007.



Homenagem ao pioneiro Antônio Ferreira no desfile de aniversário da cidade de Ubitatã - 2007.



Palanque das autoridades no desfile de 4 de novembro de 2007.

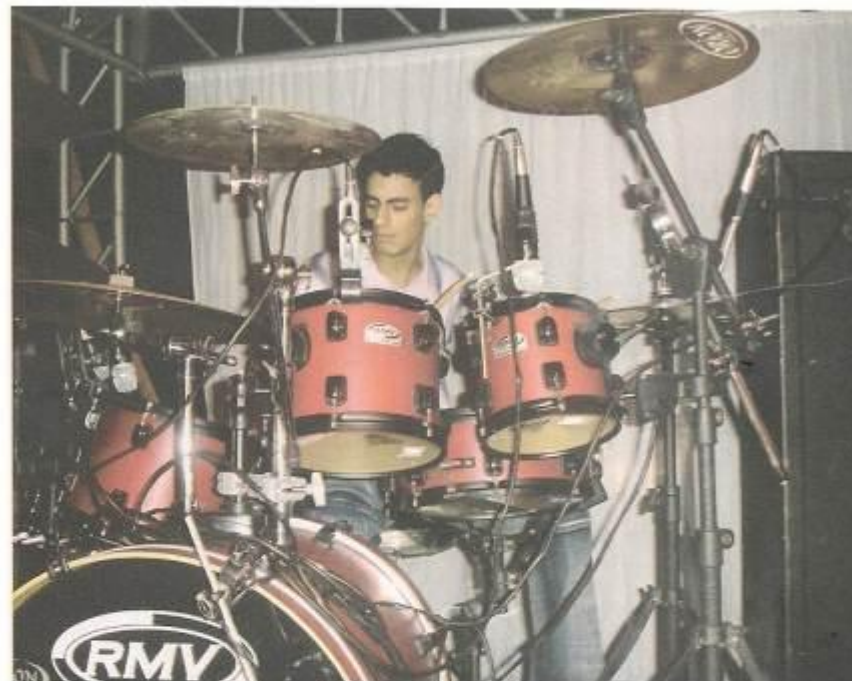
Por dois dias, ocorreu o 3º Show de Talentos locais, levando para a avenida cerca de cinco mil pessoas. Foi uma festa destinada às crianças, idosos e jovens.



1º Show de Talentos Locais - novembro 2005.



3º Show de Talentos Locais - novembro 2007.



Show de Talentos - novembro 2007.



A juventude sempre presente no Show de Talentos.

Ubiratã conta hoje com uma população de 21.214 habitantes, segundo dados do IBGE de 2007.

A Ubiratã moderna é, sobretudo, uma cidade essencialmente voltada ao comércio e à prestação de serviços.

No setor industrial, a média é de aproximadamente 6,09 empregados por empresa, indicando o predomínio das micro-empresas.

Na economia rural, caracterizada pelo agronegócio, os produtos principais de origem animal – carne, leite e ovos – convivem com o desenvolvimento de também outras atividades, como apicultura, piscicultura, fruticultura, horticultura e sericicultura (criação do bicho da seda).

Ubiratã tornou-se uma cidade que proporciona um visual agradável graças à limpeza das ruas, praças e jardins que muito alegam os munícipes e os visitantes.

Além de obras inacabadas, que estão sendo terminadas nesta gestão, como a Casa da Cultura, também está acontecendo a ampliação da Biblioteca Pública Municipal.



Alberoni Bittencourt.

O inverno de 2007 causou em 16 de julho a morte, por pneumonia, do primeiro prefeito eleito de Ubiratã, Alberoni Bittencourt, que marcou sua passagem pela vida pública e administrativa de Ubiratã construindo várias pontes, dentre as quais a do rio Ronquita.

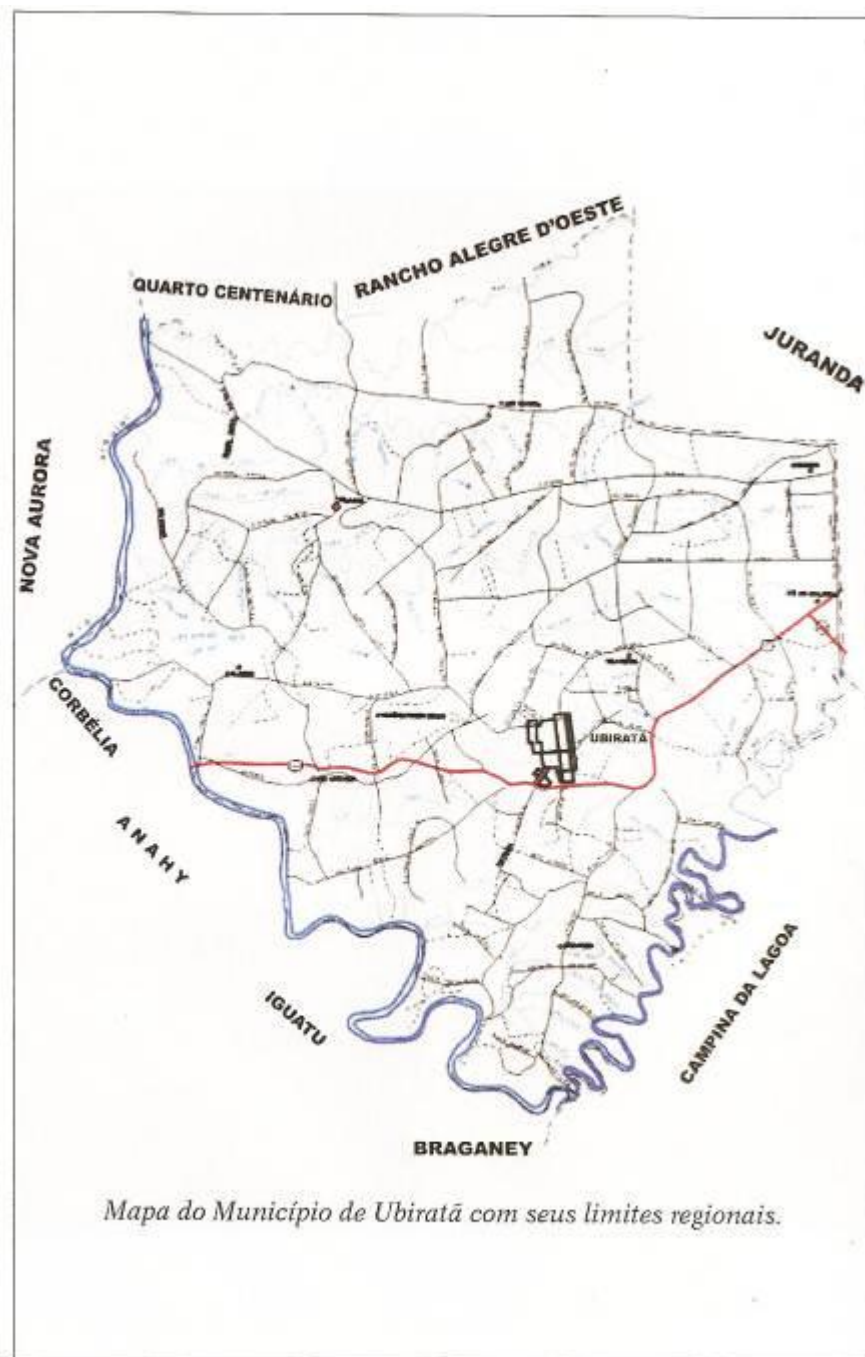
Depois de sua bem-sucedida passagem por Ubiratã, transferiu-se a Guaíra, onde foi o vereador mais votado, mas viu-se na contingência de renunciar devido a problemas de saúde do filho Heron, que o levou a se fixar em Curitiba. Na capital, trabalhou no Tribunal de Justiça do Estado como escrivão.



A cidade de Ubiratã em fevereiro de 1979.



Uma visão panorâmica de Ubiratã - 2005.





Atual prédio da Prefeitura Municipal de Ubitatã - 2006.



Câmara Municipal de Ubitatã - 2007.



Fórum da Comarca de Ubitatã - 2006.



Igreja Matriz Santo Antônio - 2006.



Avenida Nilza de Oliveira Pipino - 2005.



Centro - Avenida Nilza de Oliveira Pipino - 2008.



Avenida Nilza de Oliveira Pipino - 2005.



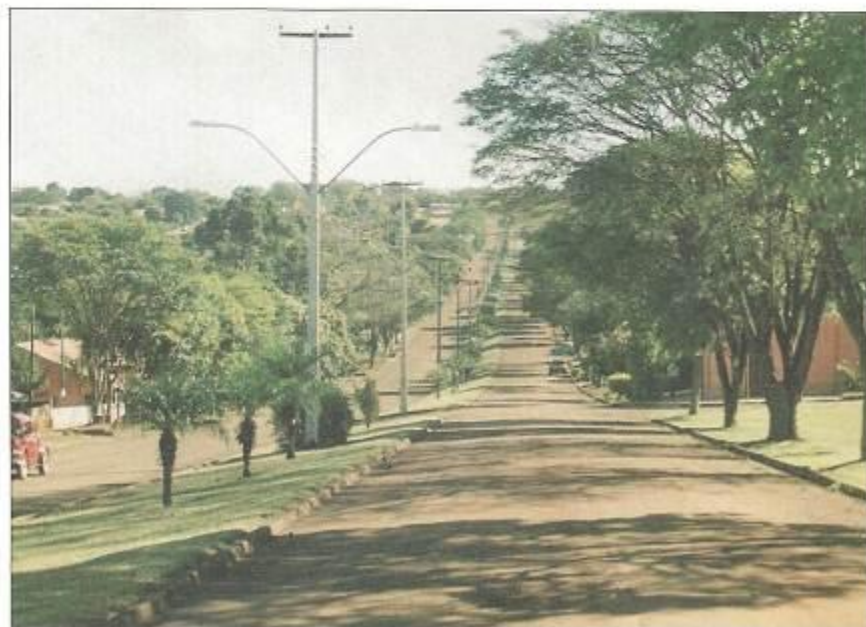
Seminário dos Padres Jesuítas- 2008.



Avenida João Pipino, na entrada de Uiratã - 2006.



Estádio Claudinão - Jogos do UEC - Março 1995.



Avenida Clodoaldo de Oliveira - 2006.



Estádio Claudinão - 2007.



Vista aérea da 1ª Expobira - Exposição Agropecuária e Empresarial de Ubatã - 2002.



Feira do Produtor - julho 2007.



Rodoviária Miguel Ferreira de Barros Filho - 2007.



Lar dos Velhinhos São Vicente de Paulo - julho 2007.



*Jogos Escolares do Pavaná, fase Regional,
no Ginásio de Esportes de Ubiratã - 1992.*



Área de lazer nas imediações do Ginásio de Esportes de Ubiratã - 2007.



*JAMUS - Equipe do Gema - Grêmio Estudantil
Machado de Assis - 1987.*



Praça da Produção e monumento - 2007.



Praça da Fé e monumento - 2007.



Praça Pio XII (da Igreja Matriz) - 2006

CAPÍTULO VIII – DOS BAÚS DOS NAURÚS*

1. O Caminho do Peabiru

A principal rota indígena, de caráter transcontinental, estendia-se ao longo de aproximadamente três mil quilômetros, de oceano a oceano. Nenhuma rota dos homens brancos, mesmo com Mercosul, Pacto Andino e outros acordos continentais, ainda conseguiu essa performance.

A exemplo de Ubitatã, que significa madeira dura, Peabiru também tem origem indígena e significa estrada ou caminho, não se sabe com certeza a exata definição – “caminho forrado”, “por aqui passa o caminho antigo de ida e de volta”, “caminho pisado”, “caminho sem ervas”, “caminho que leva ao céu”.

Para tornar menos misteriosas as definições será preciso mencionar que o Caminho foi descrito no século 16 como possuindo cerca de oito palmos de largura, uma profundidade de 40 centímetros e forrado por gramíneas que impediam o crescimento do mato.

Um de seus raros trechos ainda não completamente destruí-



São João reivindica ter sido parte do Caminho do Peabiru - 2007.

do pela civilização branca se encontra aqui no Noroeste do Paraná.

“Partindo talvez do atual município de Palhoça (Massiambu) e Florianópolis, a trilha ia até Barra Velha, penetrando continente adentro no rumo do rio Itapocu. Cruzava o nordeste catarinense, passando possivelmente por Guaramirim e São Bento, e chegava ao Paraná. Já dentro daquele estado, passava em Castro e seguia pelas cabeceiras dos rios Ivaí e Cantu. Chegava ao médio Piquiri, indo pela margem esquerda deste até cruzar o rio Paraná, acima de Guaíra.

Havia outra passagem por Foz do Iguaçu, mas esta não era a original da linha tronco, segundo afirmaram Reinhard Maack e Jaime Cortesão. Atravessando o rio Paraná, estava-se no Paraguai” (Rosana Bond).

Um dos ramais do Caminho do Peabiru admitidos pelos pesquisadores tinha o trajeto Campo Mourão/Luiziana-Mamborê-Nova-Cantu–Campina da Lagoa/Ubiratã–Medianeira.

O Peabiru deixava o atual Estado do Paraná por Guaíra. Havia outra passagem, por Foz do Iguaçu, usada pelo espanhol Cabeza de Vaca.

2. Pipino, um Íntimo do Poder

Ênio Pipino foi nomeado prefeito interventorial de Presidente Venceslau (SP) no final da ditadura Vargas. Era, portanto, homem de confiança do governo da época. Depois, ele seria eleito pelo voto direto. Foi perfeitamente compreensível seu estu-
por com o suicídio de Vargas e o fato de ter esquecido momentaneamente a aventura de criar Ubiratã, que consumia seus mais fervorosos desejos, quando travou contato pelo rádio com a frente pioneira, exatamente no dia em que Vargas saiu da vida para entrar na história.

Participou da eleição de prefeitos, deputados e governadores, como Adhemar de Barros (São Paulo). Foi amigo do senador e ex-presidente José Sarney. Mas também foi sabotado por políticos comprometidos



Ênio Pipino.

com os usineiros de cana-de-açúcar, cujo poder coronelista estava ameaçado pelo possível sucesso do álcool produzido a partir de outras matérias-primas.

Ênio Pipino enveredou para a produção de álcool, a partir da mandioca, importando a técnica de uma Universidade da Suécia. Tornou-se o introdutor de uma novidade na América Latina. Oficialmente, a cultura da mandioca não rendeu o esperado devido à grande quantidade de água no solo arenoso e nivelado. Por isto a usina de álcool não prosperou.

Ênio Pipino, proprietário da Colonizadora Sinop – a mais antiga empresa de colonização no País –, além de fundar Ubiratã foi responsável pelo início de várias cidades, como Terra Rica, Iporã, Formosa do Oeste, Jesuítas, Carajá, Nilza, Yolanda, Adhemar de Barros. Todas essas localizadas no Paraná, e as cidades de Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia, no Estado de Mato Grosso.

No governo do então presidente João Figueiredo, Pipino foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) para participar da comitiva de empresários do Brasil em viagens para diversos países: Venezuela, Paraguai, Argentina, Chile, Alemanha, Colômbia, França, Peru, Estados Unidos, Canadá, China e Japão.

3. Desbravadores e Pioneiros

Eles vinham atraídos pela fertilidade da terra e pelo bom preço destas. Queriam construir um futuro melhor para suas famílias.

As dificuldades eram sempre as mesmas: falta de estradas, hospital e médicos, energia elétrica, escolas, alimentação adequada (tinham que fazer uso da caça e do palmito, muito farto na região).

Havia de sobra o barro e a poeira, animais perigosos (entre eles as onças e cobras), mata fechada e vontade de trabalhar.

Ouvindo o relato desses pioneiros que tiveram a coragem de enfrentar a mata virgem em nome da sobrevivência e melhores condições de vida, nos sentimos pequenos. Já encontramos tudo pronto por eles, agora precisamos cuidar. Alguns dos desbravadores e pioneiros de Ubiratã:

José Araújo Prates, nascido em 5 de março de 1936, chegou a Ubitatã por volta de 1955, quando a cidade era apenas mato. Veio a trabalhar com a colonizadora Sinop. Ele conta que no início só havia mesmo a mata e que muitas vezes passou fome, se alimentava de iguarias encontradas no mato para poder sobreviver.

Seu José Prates é natural de Minas Gerais. Saiu escondido dos pais e veio para Terra Rica trabalhar. De Terra Rica para Ubitatã, veio caminhando, calçando apenas um par de “precatas” (alpargatas).

As dificuldades encontradas aqui eram todas as que podemos imaginar, não havia mais nada a não ser mato, mato e mais mato, afinal a cidade não estava estruturada. A alimentação dos poucos moradores vinha de avião, pois não tinha ainda estradas que pudessem ser percorridas por automóveis.

O Sr. José Prates – também conhecido por Zé Grande – diz ter conhecido a sua futura esposa, dona Catarina Ferreira, num velório. Durante mais ou menos um ano, os dois se viam escondido da família dela, pois naquela época os pais muito severos não permitiam que as moças saíssem sozinhas.

Mesmo assim seu José conseguiu “roubar” sua amada, colocou-a em um caminhão velho e levou-a para Juranda no cartório onde se casaram. Na época Ubitatã ainda não tinha cartório. A casa do seu José foi construída por ele mesmo. Ele ganhou a madeira da Serraria 7 de Setembro onde trabalhava. Seu patrão, Cosmo Loécia, lhe deu as tábuas de peroba e forros de pinho para construção da casa que até hoje está sendo utilizada por ele.

Hoje, José Araújo Prates é viúvo, tem 71 anos, oito filhos, 10 netos e 1 bisneto.

José Bertino Farias ficou conhecido como José Lara ou mesmo “Zé Bravo”.

Nascido em Clevelândia (PR), foi para a capital do Estado de São Paulo, onde trabalhava como segurança do então candidato ao governo de São Paulo Adhemar de Barros. No decorrer da campanha conheceu João de Carvalho, marido de Yolanda Loureiro de Carvalho. João de Carvalho era fazendeiro e empresário de seu primo, o vice na chapa de Adhe-

mar de Barros. Foi onde conheceu Ênio Pipino que era locutor da campanha.

Os dois, depois da vitória de Ademar, entraram em uma licitação imobiliária. Com o apoio de Moisés Lupion, governador do Paraná, montaram uma firma, a Imobiliária Sinop Terras. Com a ajuda de Ademar de Barros, pois as máquinas eram cedidas pelo governador de São

Paulo, mandaram então, como chefe das glebas, Maximiliano e José de Lara junto com o Ulrich Grabert para demarcarem e abrirem as glebas, hoje cidade de Ubitatã.

Ele chegou a Ubitatã em 1950 junto com a companhia Sinop. Casou-se com a Yolanda Rodrigues Farias em 1956.

José Bertino era o encarregado de cuidar da Gleba. Ele conta que nesse mesmo ano, quando foi visitar algumas posses, o senhor João Pereira, Santão, Marta Rocha e outras pessoas, foram recebidas à bala. O socorro foi feito por um avião monomotor da firma até a cidade de Maringá.

Yolanda Rodrigues Farias veio com 14 anos de idade de Pederneras, Estado de São Paulo, para Ubitatã com seus pais no intuito de comprar terras. Foi nas margens do Rio Água do Palmito que sua família colocou a primeira olaria, com as pipas tocadas por junta de animais.

No início era muito difícil, pois faltavam médicos, farmácias, a distribuição de mercadorias era precária e os barulhos dos animais silvestres nas matas eram constantes.

Yolanda lembra que quando sua filha Sonia quebrou o braço “tívemos que ir buscar recursos médicos em Maringá. Para chegar lá tínhamos que atravessar de balsa o Rio Ivaí, mesmo cheio, para socorrer a minha filha. Os meios de transporte da época eram o jipe ou os



Zé Lara (com o revólver), Raimundo Bezerra Feitosa (motorista da Sinop), e Zé Baiano (guarda) - 1958.

animais e a iluminação mais sofisticada era o lampião a querosene”.

A região era abundante em madeira de lei como a peroba, canafístula etc. Muita água de boa qualidade era retirada dos rios para beber e preparar os alimentos. Havia muito calor humano dos pioneiros que tinham certeza da abundância deste lugar.

As mudanças começaram com a administração pública do primeiro prefeito eleito, o Sr. Alberoni Bittercourt que contratava os primeiros professores.

Dona Yolanda Rodrigues de Farias foi a primeira mulher a disputar um cargo pelo legislativo para que a Gleba Rio Verde se transformasse numa cidade. Yolanda tem orgulho de dizer que é funcionária pública aposentada e que criou todos seus filhos aqui.

João Sluzovski - Os pais do senhor João Sluzovski e Michalina, ambos de famílias humildes polonesas e ucranianas, imigraram para o Brasil de navio, estabelecendo-se na região paranaense onde havia maior concentração das colônias de suas descendências. Mais especificamente foi na cidade de Prudentópolis, onde os dois se conheceram e se casaram.

Tiveram cinco filhos neste período: Helena, Augusto, Lúcia, Tadeu, Júlia e Ambrósio.

Em busca de um futuro melhor resolveram desbravar novos caminhos, foi então que receberam um convite por carta de um amigo, o senhor André Vallus, que já habitava nossa região, na comunidade onde hoje é a Luz Marina.

A família veio em cima de carroção, trazendo alguns mantimentos, como toucinho salgado.

Chegaram nesta localidade em meados de 1951, após trinta dias de viagem. Ficaram instalados na casa do Sr. André Vallus, aguardando que fosse aberta a estrada que chegaria até as terras que compraram – hoje a Estrada União. Suas terras foram pagas através da criação de porcos.

Nossa região estava em seus primórdios e a família Sluzovski contribuiu para o início da colonização. João e Michalina tiveram aqui mais três filhos: Generoso, Otília e Maria.

Com o carroção, que a família utilizava como meio de transporte, o Sr. João fazia carroto para seus vizinhos, levando-os até as cidades de Juranda e/ou Mamborê, para fazerem compras em armazéns de utilidades e alimentos. Na época nosso município ainda não possuía pontos de comércio e com essa prática alternativa a família conseguia manter-se e fazer suas compras também.

Em meio a tantas lutas começaram a produzir mel e cera através de criames de abelhas. Depois passaram a cultivar hortelã, e construíram o alambique para a fabricação de óleo. Após um tempo, passaram a plantar arroz, feijão, milho e mandioca.

Ulrich Grabert chegou a Ubitatã em 1954 com a missão de realizar serviços de topografia para a Sinop.

Segundo esse desbravador, “uma das maiores dificuldades encontradas na chegada a esta região foi a presença de muitos posseiros, que se recusavam a deixar as terras.

Como 90% da região era mata fechada, havia raríssimas propriedades. Porém, existiam aqui muitas onças e cobras, o que dificultava ainda mais o trabalho dos desbravadores”.

José Cândido Pain, filho de Lázaro Coelho Pain e de Ana Cândido, chegou nesta região exatamente no dia 13 de junho de 1954 e a família foi se instalar na água da Ronquita, onde ainda possuem terras.

Vieram da cidade de Cândido Mota (São Paulo), trazidos pelo corretor Sebastião Ozório. Com a família Pain veio também os familiares de Sebastião Galdino de Carvalho. Juntos ajudaram a abrir estradas e formar a cidade.

Temeroso de perder as terras para os amigos do alheio foi necessário irem até Curitiba para fazer a correta documentação das terras. Com tudo legalizado puderam então trabalhar em paz.

Seu José casou-se em 1973 com Maria Célia de Oliveira com quem tem dois filhos.

Horácio de Souza Rocha nasceu em Itamarandiba, Minas



Horácio de Souza Rocha.

Gerais em 1º de janeiro de 1933 e chegou a Ubitatã em 1954, por intermédio da Colonizadora Sinop. Exerceu o cargo de operador de máquinas e trabalhou na derrubada da mata, abertura de estradas e ruas do município de Ubitatã, Terra Rica, Iporã e Formosa do Oeste. Após os trabalhos com a colonizadora, foi funcionário público no município.

Casou-se com Regina Maria Rocha, uma das primeiras mulheres a chegar em Ubitatã. O casal teve cinco fi-

lhos: José Paulo, Maria das Graças, Nivaldo, Valdecir e Lindair.

Horácio faleceu em 9 de junho de 1993.

Vicente Josino Pantaleão e sua esposa Maria Francisca mais seus oito filhos vindos de Cornélio Procópio chegaram com a intenção de prosperar como agricultores. A viagem com a mudança demorou cerca de três dias, chegando a nossa região no dia 26 de setembro de 1955.

Ao chegar, a família se instalou durante um mês na localidade da Água do Palmito. No início tiveram que produzir seus próprios alimentos e as mulheres tinham que levantar muito cedo para socar o milho e o arroz no pilão para preparar a alimentação.

A caça e a pesca era farta e fazia parte dos alimentos consumidos pela família. Os peixes muitas vezes eram apanhados pelos meninos com as próprias mãos nas poças de água formadas nas várzeas após as cheias do rio.

Valdemar Kroll - A chegada de Valdemar e a esposa Dolores a Ubitatã, assim como a de tantos outros desbravadores, foi cheia de coragem e sofrimento.

Oriundo do Norte do Paraná, o casal morou em Primeiro de Maio, Juranda e, finalmente, em 19 de dezembro de 1955, aqui chegaram

com seus quatro filhos. Os dois lembram que a viagem até aqui foi feita de ônibus, no qual traziam três sacos de roupas e umas poucas panelas.

Apesar de bem recebidos pela Sinop, encontraram aqui apenas mato. Como lembra o Sr. Valdemar, “só fazia 20 dias que haviam colocado fogo na mata e ainda estavam abrindo a avenida no braço. Casas existiam apenas quatro ranchos cobertos de tábuas: um armazém, a casa do administrador, a casa do motorista e a da engenharia da Sinop”.

Dona Dolores lembrou que muitas vezes lavava sardinhas e com a água cozinhava o arroz, já que não tinha sal para preparar os alimentos. Além disso, lavava roupas para outras pessoas a fim de ajudar a pagar as despesas da família.

Os dois trabalharam muito e passaram por momentos de sofrimento, mas hoje estão muito bem e tem muito amor por esta cidade.

Antônio Napolitano - Em 1956, vindos de Londrina, Paraná, chegavam às novas terras da Sinop, o Sr. Antônio e a sua esposa Elvira Lúcia de Marques, trazendo consigo seus oito filhos e a esperança de um futuro promissor.

Atraídos pela beleza do lugar e pelas terras férteis, o casal fixou residência, mais precisamente no local onde é hoje a Praça Pio XII, mais conhecida como Praça da Igreja Matriz.

Segundo ele, fatos como a chegada do primeiro avião, conhecido então como teco-teco, era motivo de muita curiosidade e alegria por parte dos habitantes.

Waldomiro e Sebastião Barreto - Os irmãos Barreto chegaram aqui em maio de 1957, vindos de Itaguajé, Norte do Paraná. Waldomiro diz que havia, na época, muitas queimadas em decorrência da seca e das derrubadas. Pensou que seu rancho seria queimado, mas foi salvo pelas graças de Nossa Senhora que mandou uma chuva abençoada bem na hora. Nunca se arrependeu de vir para cá. Pelo contrário, suas expectativas foram realizadas, pois as terras são férteis e produzem bem, além de ter constituído aqui a sua família.

Friethold Bartz, nascido em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, filho de alemães, casou-se em Joaçaba (SC) com Erna Schroeder, nascida na Alemanha. Friethold sonhava em fazer o futuro juntamente com seus filhos. Em maio de 1957 chegou a Ubiratã para comprar terras e se encantou com a mata vistosa que havia na região.

Em 29 de julho de 1957 veio de mudança com a esposa Erna Bartz e seus sete filhos: Irena, Aneldo, Erebert, Adalibio, Armando, Rubin e Sofia. No mesmo caminhão da mudança também vieram juntos o genro Frederico Lewerentz e o amigo Frico Sommer.

Friethold já sabendo que não havia igreja luterana na localidade, e estando a caminho, solicitou em Peabiru para o pastor daquela paróquia que atendesse as famílias luteranas em Ubiratã.

Noventa dias após a chegada ao seu sítio, Friethold instalou uma turbina gerando energia elétrica para iluminação das casas do sítio e para carregar baterias dos carros e caminhões e rádios que as pessoas utilizavam na época.

Tiveram que abrir na mata uma estrada para chegar ao sítio que comprara.

Enquanto Friethold Bartz ia desmatando as suas terras, seus filhos trabalhavam como carpinteiros na cidade para gerar o sustento da família. Algum tempo depois montou um moinho de fubá e uma serraria, atendendo por muitos anos as pessoas da região.

Quando a família chegou havia somente cinco casas, o hotel do Watanabe e o escritório da Sinop. Ao final de 1957 já havia de 15 a 20 casas na cidade.

Com o dever cumprido e satisfeito de ver seus familiares plenamente estruturados (7 filhos, 30 netos, 62 bisnetos e 12 tataranetos), o pioneiro veio a falecer em 25 de dezembro de 2006, aos 96 anos.

Frederico Lewerentz nasceu no dia 4 de janeiro de 1929 na cidade de Lajes, (SC) e mais tarde passou a residir em Joaçaba (SC), onde se casou com Irena Bartze e teve três filhos: Hari, Ingrid e Valdemar.

No dia 29 de julho de 1957 veio morar em Ubiratã com a perspectiva de uma vida melhor, e teve mais dois filhos: Arno e Siset.

Veio junto com a mudança do sogro Friethold Bartz e seus cunhados Aneldo Erebert, Adalibio, Armando, Rubin e Sofia (falecida).

Aqui tudo era difícil, pois quase não havia casa de comércio, somente o Kumagai, o hotel do Watanabe, o escritório da Sinop, algumas casas e não tinha igreja. O meio de transporte usado pela família era um trenó feito de madeira, puxado por uma junta de vacas. Logo após passaram a usar uma carroça e mais tarde, um caminhão alugado. Foi morador em Ubiratã até o ano de 1973 e faleceu no dia 16 maio de 2008.

Ernestino Rodrigues, 78 anos de idade e **Janiro Rodrigues de Salomão**, 80, baianos de Caculé, chegaram a Ubiratã no ano de 1957. Com a esposa Zilda Godói Rodrigues, Ernestino veio com cinco filhos menores, juntamente com Janiro Salomão e sua esposa Sebastiana Godói, que, vindos de São Paulo também traziam filhos menores.

Vieram com o objetivo de plantar café e hortelã e para isto tiveram que derrubar as matas e preparar a terra.

“Morávamos em baixo de uma lona feita em forma de uma barraca, até poder construir a primeira casa feita de tabuinhas tiradas com machado, trançador, marreta e cunha.

Na época havia muitos jagunços nas terras. As estradas eram abertas em forma de picadas pelos próprios moradores com foices, machados e enxadão, por onde passávamos a pé ou com carroça de animal.

Não havia hospital, farmácia, os remédios eram todos caseiros e curavam bem as doenças. A região tinha poucos moradores, existia somente o escritório da Sinop. Tudo era mata, tinha água boa nos córregos e minas d'água. Tudo que necessitávamos vinha de Campo Mourão”, conta Ernestino.

Horácio Antônio de Menezes e sua esposa Otilia Calisto de Menezes são pernambucanos e residiam anteriormente em São Paulo. Chegaram a Ubiratã em 1957, com cinco filhos. Estabeleceram-se na Estrada Vitória (Água Verde), onde as terras pertencem à família até hoje. Chegaram de caminhão e no princípio tiveram muitas dificuldades, principalmente com a grande quantidade de mosquitos.

Para conseguirem dormir a dona Otília dava um jeitinho para espantar os mosquitos. Conta ela que algumas pessoas tinham algumas vaquinhas que criavam amarradas, como eram poucas, as mulheres disputavam para ajuntar o estrume e levavam para secar em casa. A noite pegavam um pouco, colocavam uma brasa em cima e deixavam queimar. A fumaça espantava os mosquitos.

“Na região onde morávamos era só mato e à noite ouvíamos o rugir das onças bem próximo de casa. Raramente víamos no sítio uma pessoa que não fosse da família. Depois começaram aparecer os vizinhos a povoar as terras. As pessoas quando compravam um sítio ganhavam um lote para fazer casa na cidade. Quem tinha dinheiro fazia a casa ou erguia um barraco de lona”, conta ela. Seu marido, Horácio Antônio de Menezes ajudou a abrir a estrada da Vila Yolanda.

Otília continuou morando no sítio por muitos anos e hoje reside na cidade. Ela diz que hoje as pessoas não têm coragem para enfrentar o que eles enfrentaram na época. “Foi muito sofrimento e hoje é tudo mais fácil, mas as pessoas não estão contentes com tudo o que têm”, finaliza.



Antônio Correia - 2003.

Antônio Correia Fraga chegou ao nosso município em 1957, oriundo do Rio de Janeiro onde nasceu, em 1913. Carpinteiro, ele foi atraído pela grande oferta de mão-de-obra na carpintaria e construiu aproximadamente 80 casas de madeira em Ubiratã.

No campo sócio-político, teve significativa participação, foi vereador três vezes, comissário de menor, delegado e prefeito por seis meses, substituindo Alberoni Bittencourt.

Sua esposa, Celina Correia de Freitas, comenta que logo após seu casamento ia visitar seus pais que moravam próximo da Coagru, e era comum ver



Aniversário do Sr. Antônio Correia (à esquerda com a esposa Celina), Nilza e Ênio Pipino (ao centro). Vilder Bordin e Alberoni Bittencourt (à direita) também foram convidados.

onças, jaguatiricas e veados na trilha, onde hoje é a Avenida Brasil.

O filho do casal, Antônio Carlos (Tuta), foi a primeira criança a ser registrada no cartório da época.

A família Correia criou inúmeros laços de amizade desde os primeiros anos de colonização. Como dizia Antônio Correia: “Bastante gente, muita amizade, nenhuma briga, só diversão!”

Antônio Correia faleceu no dia 31 de março de 2008.

Vanderlei Etchebere e a esposa Aurora Calcinoni Etchebere chegaram a Ubiratã dia 28 de janeiro de 1958, juntamente com seus dois filhos. Ele era funcionário da Sinop e veio com a função de mecânico, o primeiro de Ubiratã. Eram munícipes de Terra Rica, onde ele trabalhava na mesma empresa.

Seu Vanderlei foi o responsável em instalar o motor que gerou energia para o rádio e para as casas da companhia. Hoje este motor se encontra no Museu Municipal.

João Rodrigues da Silva nasceu em 26 de novembro de 1927 e Dona Gilda, nascida em 12 de outubro de 1938, chegaram a Ubiratã no dia 3 de setembro de 1958 vindos de Bela Vista ao Paraíso com seus filhos Lúcia, Gilson e Eliseu. Depois foram agraciados com dois ubiratanenses: Fátima e Luiz. O casal também teve 12 netos e 4 bisnetos.

Na época, Ubiratã era um lugar novo com boas estradas, boas águas, terra fértil, portanto, um lugar de futuro.

Um fazendeiro que havia comprado terras da Sinop os convidou para vir para Ubiratã. Ele veio. Com garra e trabalho comprou 70 alqueires de terra juntamente com sua família.

Apesar de passar por muitas crises e dificuldades, valeu a pena, pois o município superou suas expectativas.

Ele resume: "Ubiratã é casa de mamãe, lugar bom de se viver".

Manoel Cardoso e Deonilde Cardoso - Um casal de imigrantes portugueses que chegaram a Ubiratã no início de 1959 com sua primeira filha, tendo mais três filhos ubiratanenses.

Vieram para a região com uma proposta de trabalho como gerente das Casas União Portuguesa, onde o proprietário Sr. Joaquim Pedro dizia que Ubiratã era uma cidade de muita produção e bom comércio.

As maiores dificuldades naquele tempo eram as chuvas, pois as estradas ficavam intransitáveis causando transtorno, chegando a faltar alguns alimentos nas prateleiras.

Além de levar as mercadorias com sua picape aos clientes que moravam nos sítios, algumas vezes ele também fazia o serviço de ambulância e funerária, ajudando assim nossa comunidade nesta carência.

Manoel Cardoso foi um assíduo colaborador da igreja católica nos encontros, quermesses e cursilhos.

Sempre acompanhou atentamente todas as mudanças do município e montou seu próprio comércio, Comercial Cardoso, na esquina



Comercial Cardoso, na baixada amarela - 1963.

da Avenida Brasil com a Rua Floriano Peixoto, cujo prédio atualmente está instalado o Supermercado Boniatti.

Ciro Andrade Fogaça - No ano de 1959 chegaram neste município **Ciro**, a esposa **Maria** e os filhos **Maria Helena**, **Ciro Antônio**, **Maria Aparecida** (professora **Cidinha**) e **Moacir** (*in memoriam*), movidos pela notícia de que esta era uma cidade em desenvolvimento e boa para se começar uma vida nova.

Quando aqui chegaram encontraram muitas construções, os martelos batiam o dia todo e havia grande movimento nas serrarias. **Ciro** trouxe consigo uma máquina de arroz para começar o sustento da família.

Como em todo começo, encontraram algumas dificuldades, pois não tinha água encanada, luz elétrica e usavam o ferro à brasa e o fogão econômico (à lenha). Havia muita poeira e dias muito frios. Apesar das dificuldades enfrentadas a família não tem recordações de sofrimento, somente recordações bonitas.

O clima era muito chuvoso e as casas tinham um limpa-pé (objeto de ferro colocado na porta da casa para limpar o barro dos calçados) e no frio a família se reunia em volta do fogão para se aquecer.



Ciro Fogaça e a esposa Maria.

Como não existia chuveiro elétrico, havia um fogão no quintal para esquentar a água do banho. A alimentação era bem natural, havia muito palmito e melão caipira.

Ciro era um homem muito trabalhador e honesto. Superou suas expectativas, pois a máquina de arroz evoluiu e ajudou no sustento e criação dos filhos.

Como gostava muito de pescar, comprou um pedaço de terra a beira do rio e um jipe. Este jipe sua filha Maria Helena conserva até hoje. Ciro construiu um rancho na beira do rio e o compartilhava com os amigos, porém não gostava que jogassem redes no rio nas pescarias.

O casal Ciro e Maria era muito unido, inseparáveis. Na época da safra dona Maria ia para o sítio com Ciro para fazer comida para os camaradas. De lá traziam sacas de frutas e levavam para os idosos do Lar dos Velhinhos e para a APMI.

O pai Ciro sempre passou a seus filhos exemplos de honestidade. Não comprava a prazo, os filhos nunca viram cobranças.

Nas festas em família o casal preparava os pratos juntos e Ciro só se servia após ver todos acomodados em volta da mesa, até mesmo os netos menores. Tinha verdadeira adoração pelos netos e prometia a eles que quando eles fizessem aniversário o vovô traria um peixe pacu ou dourado para comerem juntos, e sempre cumpria a promessa.

Gostava muito de fotografias, por isso sempre chamava um fotógrafo para perpetuar os encontros em família.

Ciro chegou neste município com 44 anos de idade e faleceu aos 66 anos.

Pedro Gonçalves veio com sua família a Ubiratã no final de 1959, vindo de Itaguajé por influência de Hilário Moli-



Casal pioneiro Pedro Gonçalves e Antonia de Lourdes Gonçalves - Início da década de 60.

na, que lhe dizia que aqui era uma terra promissora e de grande futuro, pois tudo que se plantava produzia.

Em 1960 instalou-se na esquina da Av. Yolanda Loureiro de Carvalho com a Rua Princesa Izabel, onde montou um pequeno comércio de calçados e artigos de selaria para atender a população que se locomovia a cavalo.

Pedro Gonçalves, além de muito brincalhão também era um apaixonado por Ubiratã. Ele ficava sabendo que havia pessoas novas na cidade e logo se prontificava a apresentá-los as autoridades da época, fazendo de tudo para que essas pessoas se instalassem em nossa cidade.

Ubiratã atendeu as expectativas não só de “Pedro Sapateiro” como era chamado, mas também de todos os seus filhos e esposa que permanecem aqui até hoje.

Silvio Loércio, juntamente com sua esposa Alaíde da Cruz e suas filhas Silvia e Solange, saíram do município de Londrina, convidado pelo seu irmão Cosmo Loércio que já residia aqui na região, para trabalhar em Ubiratã como mecânico. A família chegou em nosso município em dezembro de 1959.

Silvio Loércio trabalhou por dois anos numa serraria, depois comprou a propriedade do Sr. Otaviano na Avenida Nilza e construiu sua residência. Ali nasceram seus filhos Sueli, Salete, Alexandre e Sandra.

Silvio montou uma oficina nos fundos de sua propriedade e na frente um bar com sorveteria, onde trabalhava à noite. Neste estabelecimento, nos finais de ano, ele montava um presépio que era muito visitado e admirado pelos moradores da cidade e arredores. No ano de 1967 ele criou a primeira escola de halterofilismo, onde alguns dos moradores praticavam exercícios.

Silvio ficou viúvo e em 1977 casou-se novamente com Maricelene, com a qual teve mais uma filha: Silmara.

Em 1995 Silvio Loércio foi residir em Maringá, onde permaneceu por 10 anos, voltando a morar em Ubiratã em 2005. Atualmente dedica seu tempo produzindo peças artesanais.

José Ângelo Motta - O catarinense José Ângelo Motta e a esposa Belarmina Rosa, vindos de Mamborê, juntamente com seus filhos. Chegaram a Ubatatã no final de 1959. Atraído pela extração da madeira a convite de Osmar João Bertolli, José fixou moradia na região da comunidade São João onde foi trabalhar na serraria do Osmar. Enfrentaram os problemas tradicionais dos pioneiros.

Na época havia uma escola na comunidade São João, porém o acesso a essa escola era muito difícil devido as propriedades serem todas dentro da mata fechada.

Um dos momentos que deixaram saudades eram as idas ao rio Piquiri andando através de picadas na mata, onde os jovens aprendiam nadar e promoviam corridas de botes e, muitas vezes pernoitavam nas barrancas do Rio Piquiri e tudo isso era festa!

Hilário Molina Cortez chegou a Ubatatã em 1959, vindo de Itaguajé, no norte do Paraná, por influência de seus filhos mais velhos que transportavam madeira do Sul do país e passando por aqui ficaram admirados com a fertilidade do solo. Na época a região era mata fechada, a cidade estava começando, e por ter vindo de uma região onde a terra era arenosa, estranhou a poeira nos tempos secos e as dificuldades de transitar com a chuva, pois com muito sacrifício só se andava com jipe traçado.

No início Hilário plantou hortelã e logo também montou um comércio de compra de cereais. Ele elegeu Ubatatã como sua segunda cidade natal, cidade que atendeu suas expectativas até o final de sua vida, deixando um legado de filhos, netos e bisnetos.

Nossa cidade retribuiu seu amor ao pioneiro ao homenagear sua primeira esposa dando seu nome a Creche Dona Mariquinha.

Manuel Miguel da Silva nasceu no município de Viçosa, Estado de Alagoas, no dia 6 de junho de 1913 e casou-se com Isaura Maria da Silva e tiveram nove filhos, sendo eles: Cleonice, Antonio, José, Gerônimo, Aparecido, Maria, José Cícero, Josefa, e Manuel Filho.

Moraram em Mirante de Paranapanema (SP). Depois vieram para Ubatatã no dia dois de maio de 1960 com toda a família.

“Para nós, sair de uma cidade maior, com conforto e vir para o sertão, um lugar novo, distante, que não conhecíamos, foi muito difícil. Deixamos tudo pra lá e recomeçamos uma vida nova. Foi uma aventura a qual os filhos mais novos não conseguiam entender e reclamavam muito. Como transporte, usávamos a carroça puxada por cavalos”.

No decorrer do tempo, Manuel adquiriu 72 alqueires de terra e depois foi oficial de justiça. Seu Manuel Miguel da Silva veio falecer no dia 28 de abril de 1970, com 57 anos de idade, vítima de um acidente. Mais tarde sua esposa também faleceu. Partes do seu lote de terras continuam com herdeiros da família até hoje.

Pedro Leite (falecido) e sua família chegaram ao município em maio de 1960, vindos de São Paulo, do município de Mirante Paranapanema.

Vieram acompanhados pelas famílias do Sr. Ezídio José de Oliveira e do Sr. José Vieira, atraídos pelas novas terras que eram favoráveis para o cultivo de café.

Grande parte das terras ainda não havia sido desmatada. Mas todo esforço foi compensado porque Ubatatã tornou-se um município muito bom para morar, trabalhar e criar os filhos.

Valdemar Fernandes Dias chegou a Ubatatã no dia 5 de junho de 1960 com sua esposa Rosa Santine Dias e seu filho Joel Fernandes, vindos do município de Santa Mariana (PR). Vieram aqui para trabalhar, encontrando muito mato e sucessivas chuvas.

Nessa época havia muita geada e foi um período que chegou a gear por 30 dias contínuos.

Existia no ano de 1965, um time de futebol que ganhava de todos os times da região, sendo o motivo de alegria e distração. Em 1970 se elegeu vereador e foi presidente da Câmara na gestão do prefeito Áureo Zamprônio.

Valdemar deu continuidade a sua vida política na gestão do prefeito Valderi Claudino da Silva, de 1973 a 1977, quando trabalhou na conservação das estradas. Foi também secretário de Viação e Serviços Rurais na segunda gestão do prefeito Arnaldo Sucupira.

Augusto Felipe Maciel - Vindo de Campestre, em Minas Gerais, em junho de 1960, o Sr. Augusto Felipe Maciel chegou a Ubitatã com sua esposa Maria Braulino, filhos e familiares.

Dedicaram-se ao plantio da hortelã e a família trabalhava unida.

Quando ele chegou à região já tinha estradas, pontes e comércio, só não existia banco. Quando chovia, às vezes demorava três dias para chegar a Campo Mourão. Em 1965 ele comprou um carroção que era o transporte da época.

Nesse tempo a Sinop já havia traçado as avenidas mais importantes, mas a maior parte era mata fechada e tinha muitos pés de palmitos. Dava para escolher qual queria cortar de tantos que tinha.

Augusto era espírita e realizava reuniões na casa da irmandade, mas com sua vinda para a cidade e o aumento de freqüentadores, houve a necessidade de fundar um centro espírita. O Sr. Armando Queiroz teve a idéia de fundar o Centro. O Banco do Brasil doou o terreno e Augusto doou as madeiras para a construção.

Assim surgiu o Centro Espírita onde Augusto foi um dos fundadores e é membro da diretoria até hoje. Suprindo uma necessidade da comunidade, o Sr. Nunes e o Dr. Sérgio tiveram a iniciativa de fundar a Creche Allan Kardec que funciona no mesmo local até hoje.

Em 1997 ficou viúvo, mas continua morando na cidade com seus familiares.

Pedro Rebelo de Oliveira nasceu no dia 19 de julho de 1925 e é filho de pai pernambucano e mãe portuguesa. Chegou em Ubitatã no dia 21 de agosto de 1960, às 6 horas da manhã, juntamente com sua esposa Lúcia e sete filhos pequenos: Hélio, Antônio Carlos, José Carlos, Irene, Joaquim, Iraci e Maria das Graças.

A família veio de Primeiro de Maio, onde tinha um porto de areia. Pedro tinha esperança de encontrar areia no Rio Piquiri e aqui instalar seu porto. Porém, ao pesquisar o rio não encontrou a matéria-prima, decidindo então investir na agricultura. Residiu na Estrada Cruzeiro por muitos anos.

Pedro Rebelo de Oliveira lembra que fez sua primeira planta-

ção em uma chácara onde hoje está localizado o posto da baixada, local onde existia muita mata e várias espécies de animais.

Naquela época a energia era gerada por um motor que funcionava até as 10 horas da noite e o primeiro poste de energia era de madeira e foi lavrado por ele. Pedro também ajudou construir a primeira capela e durante 15 anos trabalhou como churrasqueiro nas festas da Igreja Matriz Santo Antônio.

Ajudou a construir várias pontes em Ubitatã, nos municípios vizinhos e até mesmo na Bacia Amazônica.

Para irem às missas ou cultos dominicais, Pedro e dona Lúcia andavam quilômetros a pé, carregando as crianças no colo e contavam com a ajuda dos filhos mais velhos para carregarem os menores. Os filhos mais velhos estudavam no período noturno, pois durante o dia trabalhavam. Levavam consigo um lampião para poderem retornar para casa após as aulas.

Dona Lúcia, nascida em 10 de dezembro de 1931, gosta muito de flores e tem uma orquídea com 28 anos que preserva e cuida com muito carinho.

O Sr. Pedro é um fanático pescador, começou a pescar com 6 anos de idade, pois sua mãe fez uma horta na beira do rio e ele ficava cuidando desta horta e pescando. O pioneiro diz que “sua caneta foi o machado sete libras”.

Passados os anos deram continuidade a sua família e foram agraciados com mais cinco filhos: Maria Luiza, Celso, Paulo, Francisca e Nivaldo. O casal teve 12 filhos.

Isidoro Penaroti - Descendente de italianos, chegou a Ubitatã em 21 de agosto de 1960 com sua esposa Ana e cinco filhos (Roberto, Antônio, João, Irai e Neuza). Mais tarde nasceram em Ubitatã as filhas Maria e Aparecida. Ele veio de Itaguajé, juntamente com o Sr. Augusto Biguete.

Ele narra que em certa ocasião, para realizar o parto de uma nora “fui buscar o doutor João, e este foi de bicicleta ao sítio Santo Antônio (hoje estrada Cibeles)”.

Ele e os filhos plantaram milho, feijão e depois hortelã. Com o

milho que plantava fez muito fubá no moinho do Sr. Bartz para poder comer polenta, comida típica da família Penaroti.

Atualmente a família está envolvida com a produção de soja, milho, gado leiteiro, aviário, a torrefação de café, e comercializam o Café Penaroti.

Dante Begui chegou a Ubitatã em 10 de setembro de 1960 junto com a esposa Rosa e seus sete filhos: Celso, Edmar, Marcos, Izolina, Eliza, Osvaldo e Luiz. Vieram a Ubitatã atraídos pelo cultivo do café. Anteriormente a família morava no Patrimônio Cinco, município de Cornélio Procopio, Paraná.

Segundo Celso Begui (filho mais velho de Dante) “um dos fatos importantes de Ubitatã foi a união dos amigos em prol do crescimento da região. Os próprios moradores cuidavam da estrada com instrumentos manuais”.

Ele também viu o Dr. João comprar uma casa de madeira velha para construir o primeiro hospital Nilza de Oliveira Pipino.

Hoje, a família Begui ainda é formada por agricultores.

Massaru Furukawa chegou a Ubitatã no ano de 1959 vindo da cidade de Álvares Machado, no estado de São Paulo, onde nasceu. Assim que chegou abriu um armazém onde comprava cereais como o milho, feijão e arroz.

Seu pai veio do Japão no ano de 1908 no navio Kasatu Maru, o primeiro navio de japoneses que veio para o Brasil. A bordo do navio, 781 japoneses chegaram ao porto de Santos, após 52 dias de viagem, em junho de 1908. Esse povo disciplinado e obstinado contribuiu de forma significativa para nossa economia, cultura e gastronomia, provando que é possível encontrar no Brasil um pouco do mundo todo. Portanto, neste ano de 2008, completa os 100 anos da imigração japonesa no Brasil.

Massaru casou-se em 1963 com a Izaura Takeda e tiveram seis filhos.

O casal ajudou o senhor Alberoni Bittencourt em sua campanha para prefeito, pois gostavam muito de política.

Izaura dava aulas de corte e costura e sua primeira aluna foi a Sra. Anilce, esposa do ex-prefeito Raimundo Soares do Nascimento.

A primeira filha do casal Furukawa foi batizada pelo primeiro prefeito eleito do município, o Sr. Alberoni Bittencourt.

Massaru Furukawa faleceu em 1995 e sua esposa Izaura hoje toca o sítio da família e diz ter muita saudade daquela época. Segundo ela, o povo que aqui chegou era bom e muito unido.

Honório Cândido Luiz (falecido) e a esposa Sebastiana Maria de Jesus chegaram a Ubitatã em 1960 juntamente com seu irmão gêmeo, Carmo Cândido Luiz e seus filhos. Vindos de Bom Sucesso, atraídos pela terra roxa, própria para o plantio de café, instalaram-se na Região da Comunidade Santa Teresinha.

Levaram cerca de oito anos para conseguir derrubar as árvores e preparar as terras para o plantio. A única decepção foi o de não ter conseguido colher nenhuma safra de café em decorrência das geadas. “No entanto, nunca me arrependi de fazer parte da história desse município”, dizia Honório.

Antônio Torres - Da região de Colorado (PR) chegaram o Sr. Antônio e Apolônia Torres com cinco filhos e Manoel e Águida Torres com seis filhos. Em 1960 fixaram moradia onde hoje é a atual Estrada Alagoas.

Um dos fatos que deixou muitas saudades nos membros da família foi as viagens de caminhão Chevrolet até a cidade de Ubitatã nas noites de Natal (todos os anos era sagrado), para assistirem a Missa do Galo. Seu Antônio e seu Manoel alugavam o veículo e toda a comunidade participava dessa romaria.

Yoshimi Makiyama e Teruo Furusato - O pioneiro Yoshimi nasceu no Japão, em 14 de outubro de 1911. Filho mais velho de Mangoro Makiyama e Okei Makiyama, chegou ao Brasil com 16 anos de idade. Casou-se com Hitoe Makiyama (já falecida).

Yoshimi Makiyama veio de um lugar chamado Sachechô, no Estado de Nagasaki, no Japão, com toda a família: o pai, mãe e mais quatro irmãos. Aqui no Brasil nasceram mais três irmãos.

Chegou a Ubiratã no ano de 1961, juntamente com a família Furusato, vindos da Colônia Esperança em Arapongas.

“A maior dificuldade que encontramos foi não falar e não entendermos a língua portuguesa, o que foi muito difícil. A alimentação era totalmente diferente da que estávamos acostumados e sofremos muito com isso. Com o trabalho pesado também sofremos muito. Muita gente que veio junto não agüentou e foi embora assim que chegou no Brasil.

Quando chegamos aqui em Ubiratã, tudo era mato e nós desbravamos o lugar a base de machado, enxada, foice e facão, essas eram as nossas ferramentas na época. Não existia maquinários como trator, colheitadeira, moto-serra; era tudo na base da força física, braçal.

Aqui chegamos a matar uma onça pintada. Existia tudo quanto é tipo de animal na mata fechada. Experimentamos plantar de tudo como hortelã, milho, feijão, arroz, amendoim e café. Na época era uma cultura diversificada, não a monocultura como é hoje.

Não havia estradas, somente picadas. Quando chovia era muito barro pra tudo que é lado. Mas pela terra fértil tudo valia a pena”.

Antônio Inácio Paixão e sua esposa Maria Aparecida Oliveira Paixão chegaram à região de Ubiratã em 1962 oriundos da cidade de Bom Sucesso, norte do Paraná. Seu Antônio já tinha vindo derrubar mato aqui nas décadas de 50 e 60.

A viagem foi dificultosa, pois o tempo estava chuvoso e a estrada era de chão. No caminhão, além da família toda, trouxeram consigo vários animais como cavalos, burros e um carroção. Fixaram moradia na comunidade Santa Terezinha, mas logo enfrentaram muitas dificuldades pois Antônio ficou doente e a família teve muitos gastos para salvá-lo, segundo Izalino, seu filho mais velho.

Izalino quer lembrar sempre o espírito solidário por parte das famílias, pois quando havia necessidade todos faziam mutirão para se ajudarem.

João Alberto Knack, o “João do Rádio” - A família do Sr. João chegou à região de Ubiratã no início da década de 60. Ele, a

esposa e dois filhos moravam em Vitória, Espírito Santo. Saíram de lá e foram para São Paulo. Vieram a Ubiratã em busca de trabalho. João tinha comércio de conserto de rádios, aí a origem do seu apelido.

Luiza Kuster Knack, esposa de João Alberto comenta que “essa época foi muito sofrida, e a modernidade trouxe muitas facilidades.

João Alberto Knack, o “João do Rádio” faleceu em julho de 2003.

João Baptista Guimarães Costa chegou a Ubiratã em 27 de julho de 1960. Seus pais moravam em Londrina, provindos de São Paulo, e nesta época João Guimarães estudava em Curitiba.

Atraído para o nosso município, pela ânsia da juventude, procurando lugares novos para que pudesse ter uma oportunidade de crescimento junto com a cidade. Veio sozinho, ainda solteiro, retornando a Londrina, depois de três meses, onde se casou.

Foi o primeiro médico a se instalar em Ubiratã. Antes dele os profissionais da saúde apenas passavam pela localidade.

Ao chegar a nossa região ele encontrou muitas dificuldades, pois existia apenas uma clareira na mata virgem. Tornava-se difícil a estadia, pois o mesmo não conhecia ninguém e sequer tinha com quem conversar.

Mas havia um hotel, que era conhecido como Hotel Watanabe, onde os médicos de passagem atendiam seus pacientes. Após um tempo, Dr. João, organizou uma casa de madeira, onde em um dos cômodos funcionava seu consultório. Depois, passados dois anos, inaugurou o seu hospital.

Em sua primeira viagem rumo a Ubiratã veio com a caminhonete de um amigo, demorando um dia inteiro para chegar, isto porque até Maringá havia estrada, depois, somente mata. O que mais chamava sua atenção durante o percurso era que dentro da mata via-se madeiras queimando, muita fumaça, batidas de martelo e muitas clareiras abertas.

No início, quando um paciente necessitava de tratamento especial, sendo um caso de urgência, o único meio de pedir ajuda era pelo rádio da Sinop comunicando um pedido de táxi aéreo para buscar o paciente.



Pioneiro Antônio Ferreira da Cruz, casado com Francisca Cândida da Cruz. Chegaram em 1956 e foram morar na comunidade Três Placas, na Estrada Irene.



Visita do ex-prefeito Alberoni Bittencourt a Ubatã. Na foto, com Osmar Bertoli e Valdir D'Alécio - 1995.



José Alves Teixeira - 1963.



João Pedro Moreira de Carvalho.



Hebert Fuerbringer, Hilário Molina, Osmar Bertoli, Áureo Zamprônio, Dr. João Baptista Guimarães Costa, Antônio Ferreira e Vilder Bordin recebendo o Título de Cidadão Honorário em 1998.

Dr. João acompanhou desde a chegada da luz (depois de oito anos que já estava em Ubatã) até a chegada da água, telefone, cooperativas, Banco do Brasil e do Fórum.

4. Fontes de Alimentação

“As mercadorias vinham de Maringá, e muitas vezes ficavam retidas nas estradas, que com as chuvas ficavam totalmente intransitáveis. Os responsáveis pela alimentação de dezenas de funcionários e compradores de terras usavam da criatividade para preparar comidas para tanta gente. O cardápio geralmente era o mesmo: arroz, macarrão e carne seca (jabá, como era conhecido).

O palmito abundante na região – havia até quatro plantas por metro quadrado – era derrubado para dar lugar a construções, servia de alternativa para a preparação de saladas, e praticamente fazia parte do dia-a-dia das refeições. As carnes de animais silvestres também eram um banquete para quem chegasse nos acampamentos da Sinop ou no Hotel do Watanabe.

A paca assada era o carro-chefe, depois o veado no espeto, capivara com palmito, porco do mato no tacho, além da charmosa passarinhada” – Vilder Bordin, Estórias da Nossa História, coleção do jornal *O Guarany*.

5. A Mulher Pioneira Enfrenta a Mata Virgem

Regina Maria Rocha

Ela chegou a Ubiratã no ano de 1954 acompanhada do seu marido, o operador de máquinas da Sinop Horácio Rocha, que tinha 21 anos de idade. Com 14 anos de idade e grávida de 5 meses, Regina é considerada uma das primeiras mulheres a chegar onde hoje é a cidade de Ubiratã.

Era a única no acampamento da Sinop. Viviam embaixo de encerados (lonas) e ela cozinhava para mais de 120 homens.

Quando indagada de como ela conseguiu enfrentar todos esses problemas, com muita simplicidade responde: “a gente não tinha muito juízo e a gente achava que tava tudo bem”.

Segundo ela a viagem de Campo Mourão a Ubiratã demorou oito dias porque, além das estradas ruins, o jipão quebrou. Este carro que trazia a mudança também trazia mercadorias para vender, então, por sorte, comeram doces, bolachas e sardinha. Como era noite, não tinham água para beber e passaram muita sede. Só no outro dia foram buscar água no “Rio Sanga-funda” e a outra turma foi a Campo Mourão levar a ponta do eixo quebrada e comprar outra e demoraram três dias para voltar. Ficou só ela e o marido cuidando do caminhão (jipão) e da carga.

“O juízo da gente era pouco naquele tempo, mas a gente sabia cozinhar, lavar roupa, costurar e cuidar da casa”, diz.



Regina - 08.03.2008

Um dia deu um temporal e caíram árvores em cima do acampamento, e por sorte ela tinha indo buscar água senão tinha morrido, mas as louças bonitas que havia ganhado no casamento quebraram-se todas.

Quando acabava a mercadoria tinha que esperar o avião trazer novas. Era tudo muito difícil, mas não reclamavam, enfrentavam.

Ela nasceu em Belo Horizonte, mudou-se para Marília (SP). Com 12 anos mudou-se com seus pais para Iporã. Lá compraram 30 alqueires de terra e ela com sua irmã derrubaram seis alqueires, o resto era mata. Trabalhou muito ainda criança.

Seu marido, além de Ubiratã, também trabalhou como operador de máquinas em Terra Rica, Formosa e Iporã.

Ela veio de Iporã, casou-se lá.

O romance foi o seguinte: seu Horácio estava fazendo a estrada. Ela namorava um engenheiro da estrada de rodagem, “mas ele só vinha de quinze em quinze dias. Eu ia lá saber se ele não tinha outra”, disse. Então começou namorar o Horácio e, em menos de um ano casou-se no civil em Cruzeiro do Oeste, na igreja em Iporã.

Quando lhe foi perguntada se aqui havia onça ela foi taxativa: “Tinha sim! Uma até *desguelou* um rapaz e só sobrou um pé dele dentro da bota, e a cabeça. Comeu até um cachorro”.

Diz que até chegou a ver algumas, principalmente perto de onde hoje é a cooperativa Coagru e quem não viu é porque veio depois que tudo já estava desmatado.

Sobre as festas... Nada de festas, só trabalho! Só na inauguração da Igreja que ela foi.

Como Regina estava grávida de seu filho José Paulo, quase para ganhar o bebê, seu Ênio Pipino colocou um peão para cozinhar e ela foi trabalhar como “apontadora de óleo e gasolina” lá no acampamento. Anotava tudo e acompanhava os acampamentos, já que conforme iam abrindo as matas mudavam de lugar. Morou em Ubiratã, Sanga-funda, Juranda (onde nasceu Zé Paulo) Mamborê e Pensamento.

Sobre os jagunços, disse que uns eram muito bravos não podiam nem falar direito com eles. “Eu tinha medo!”

O seu parto foi feito por um médico que atendia nas localidades vizinhas, ele era do Rio de Janeiro e atendia principalmente as localidades de Juranda e Ronquita.

Seu filho nasceu de sete meses porque ela se assustou com uma cobra, mas foram ver depois que era uma corda de cipó.

“Tinha muita cobra aqui. Cascavel e uma verde que é muito bonita”. Seu segundo filho foi uma menina, Maria das Graças, o terceiro, Nivaldo, o quarto, Valdecir que era gêmeo com outro que morreu.

Depois de percorrerem os acampamentos e participarem dessa grande aventura, voltaram para cidade de Ubiratã.

“Meu marido ganhava três contos para trabalhar e a gente ia para Maringá, fazia uma comprona e ainda sobrava dinheiro. Para mim era tudo nota 10! Levantava às 4 horas da manhã fazia café para os peões. Eram mais ou menos 40 litros, fritava bolinhos e depois colocava o feijão para cozinhar, fazia jabá e arroz. Também tinha farinha de mandioca. Nada de verdura, nenhuma abobrinha, só tinha mato. Dificilmente tinha macarrão, frango e batata, nem pensar! Só paca, veado, anta e porco do mato...” conta Regina.

Foi funcionária da Sinop, depois foi professora de corte e costura por 18 anos. Trabalhava à noite na Escola Allan Kardec e na Escola Santo Antônio. Ela se aposentou pelo corte e costura.

“A irmã Editha era muito brava, eu tinha medo dela; não podia chegar um minuto atrasada que ela comia o ‘figo’ da gente. Eu ia até sem comer quando não dava tempo para não me atrasar”.

Seu marido Horácio morreu no ano de 1993 em Ubiratã. Regina ainda está bem viva para contar essas histórias, e hoje tem outro companheiro.

6. Mulheres Pioneiras

Algumas das mulheres pioneiras de Ubiratã homenageadas no dia 08 de março de 2008, Dia Internacional da Mulher. Elas foram grandes companheiras e exemplo de coragem, garra, determinação e fé em dias melhores. Elas chegaram primeiro e ajudaram a construir a nossa história.



Deonilde Cardoso - Natural de Santos, Portugal. Chegou em 1959.



Isaura Furukava - Natural de Arapongas, PR. Chegou em 1959.



Ruth Sommer - Natural de Joazebo, SC. Chegou em 1959.



Ervanilde Racoski Bordin - Natural de Erechim - Chegou em 1954.



Evani Batista Pieczarka - Natural de Mirante do Parapanema - Chegou em 1959.



Marli Motta Marcon - Natural de Bom Retiro, SC. Chegou em 1959.



Norico Koike - Natural de Jussara, PR. Chegou em 1960.



Antonia de L. Gonçalves - Natural de Regente Feijó, SP. Chegou em 1960.



Dorvalina Alves Pires - Natural de Caitité - BA - Chegou em 1960.



Emma Staden Ludemann - Natural de Indiana, SP. Chegou em 1960.



Noêmia de O. Palma - Natural de Ipanema, MG. Chegou em 1959.



Maria Felizari Leite - Natural de Taió, SC. Chegou em 1954.



Gilda de Melo da Silva - Natural de Aventureiro, MG. Chegou em 1950.



Maria de Melo Silva - Natural de Além Paraíba. Chegou em 1955.



Doralina Beckhauser - Natural de Taió, SC. Chegou em 1960.



Nazaré Alves Olímpio - Natural de Ceará - Chegou em 1958.



Aurora Calcinone Etchbere - Natural de Monte Alto, SP. Chegou em 1958.



Ivone Custódio Menon - Natural de Apucarana, PR. Chegou em 1960.



Celina Correia de Freitas - Natural de Pederneiras, SP. Chegou em 1949.



Minako M. Sekine - Natural de Araraquara, SP. Chegou em 1961.



Dolores Rodrigues Kroll - Natural de Pompéia, SP. Chegou em 1955.



Terezinha de Campos - Natural de Primeiro de Maio, PR. Chegou em 1956.



Natalina Grillo - Natural de Potirindaba, SP. Chegou em 1959.



Apolônia Pereira Lima - Natural de Bom Jesus, PI. Chegou em 1959.



Benildes da Silva Pereira.



Nilza de Oliveira Pipino.



Cecília Marciniuk e Alminda Koglin Pereira Miranda no Concurso da Rainha e Princesa A.E.R.U. - 1962.



Valderi Claudino da Silva e esposa Francinalda.



Dia da Mulher no Anfiteatro do Colégio Estadual Carlos Gomes - 2008.

7. As Povações Rurais e Urbanas

Além das vilas históricas de São João, Yolanda, Colônia Santo Inácio, Três Placas e Curva da Onça, integram o Município de Ubitatã as comunidades Vila Arco, Cascalho, São Sebastião, Iacri, Jandaia, Alto Alegre, São Francisco de Assis, São Lázaro, Mineirão, São Jorge, São Bom Jesus, Santa Terezinha, Carajá, Pé de Galinha, São Zacarias, Palmeirinha, São José, Três Olhos, Luz Marina e Vila Rural Verdes Campos.

Comunidade São José - A chegada das famílias de Pedro Manoel Leite, de Ezídio José de Oliveira e de Dona Jardelina de Lima, vindos de Mirante do Paranapanema e de Santo Anastácio (SP), marca o início da comunidade em 1960.

A compra das terras se deu ainda em São Paulo, por intermédio de um corretor da Sinop. Ao chegar a Ubitatã, foram conhecer os

lotes que estão localizados entre dois importantes rios, o Piquiri e o Carajá. Foi o início de muito trabalho e sacrifício para os pioneiros, pois tiveram que desmatar o terreno que até então era mata virgem.

Na década de 70 surgiu a necessidade de se construir uma capela e também uma escola para atender o grande número de crianças do lugar. Um dos moradores, o popular Zé Vieira, fez uma promessa de doar a primeira imagem à capela e assim o fez. Doou uma imagem de São José, motivo pelo qual a comunidade e a escola receberam o nome do santo.

Vila Rural Verdes Campos - Situada na zona azul do município de Ubitatã, com área de 296.456,34 m², a implantação do programa Vila Rural foi destinado a lotes residenciais para moradias e cultivo (plantio e criação) e tais atividades foram desenvolvidas para o benefício da comunidade local.

Em 5 de junho de 1997 foi concluída a construção das casas que equivalem a 44,52 m² e a declaração de habite-se foi datada em 17 de junho de 1997 ao requerente e 1º Presidente Francisco Cândido Luiz.

Atualmente, o projeto Vila Rural vem recebendo o contínuo apoio da administração municipal, tendo uma média de 215 habitantes que produzem verduras, frutas e criação de animais de pequeno porte.

Comunidade São João - Foi no ano de 1949 que João Bertoli, catariense de Taió, sobrevoou as densas matas que margeavam à direita do Rio Piquiri.

Em 1951, Bertoli ali se instalou com mais vinte e duas pessoas. Teve início então a comunidade São João.

A primeira ação comunitária de destaque foi a abertura da estrada que ligou a comunidade a Juranda, que até hoje existe com o nome de Estrada Medeiros.

Com a derrubada das matas, o fér-



João Bertoli.



Vista aérea parcial de São João.

til solo recebeu densos e extensos plantios de café, considerado o ouro negro da época e o principal produto que dava sustentação à economia nacional.

A comunidade prosperava e recebia mais famílias. Em outubro do mesmo ano chegou a família de Avelino Leite. Em março de 1956, a família Argemiro Leite. Em novembro do mesmo ano o jovem Osmar João Bertoli, filho do pioneiro João Bertoli, fixava sua residência na comunidade.

A comunidade prosperava e várias famílias se fixaram: Possamai, Francisco Zeferino, Ângelo Marzone, Juvêncio Flores, Ozório Sampaio, José Dias, Luiz Adolfo, Melhorines, Augusto Possobom, Piva, Tozzi, Tionelli, Campos, Reis, Trevilin, Loures, e Correa, entre outras. Em 1965, a comunidade somava mais de quinhentas famílias e contava com farmácia, açougue, máquina de arroz e quatro mercearias.

No início, as famílias construíram um barracão com cobertura de lona para realizar uma festa em louvor a São Sebastião com o objetivo de arrecadar fundos para a construção da primeira igreja.

Em 1956 foi realizada a primeira fogueira em louvor a São Pedro o que se repetiu em 1957 e o evento mobilizou e aglutinou toda a comunidade.

Em 1958 o Sr. Osmar João Bertoli propôs que a fogueira fosse em louvor a São João porque havia feito uma promessa. A comunidade acolheu a proposta e a fogueira de São João tornou-se uma tradição que atrai todos os anos famílias de toda região.

Antigamente as missas e celebrações religiosas eram realizadas na residência de Maria Felizari Leite, até que em 1958 a comunidade concluiu a construção da primeira igreja.

Neste mesmo ano, por iniciativa de Osmar João Bertoli, foram construídas a primeira escola, uma serraria e foi instalado um moinho de fubá para atender as necessidades de seus moradores.

Em 1961, Ubatã já era município e assumiu a escola. Em 1964, em terras doadas por Osmar João Bertoli, foi construída em madeira a nova igreja sob a presidência de Avelino Leite.

Na época, São João servia como vitrine de amostra para Ubatã receber visitantes atraídos pela fertilidade do solo e prosperidade econômica da região. Nesta fase, São João teve seu apogeu econômico e populacional.



Início das obras do Salão Comunitário da Comunidade São João - 2008



São João - julho 2007.



São João - Fazenda Osmar Bertoli - julho 2007.

Com advento da mecanização agrícola nos anos setenta e a expansão das culturas de trigo, soja e algodão, o perfil econômico da região se caracterizou pela concentração de terras e liberação da mão-de-obra. Em consequência, muitas famílias migraram para outras regiões. Este processo se intensificou nos anos noventa com a derrocada do cultivo de algodão, quando o Brasil passou de primeiro exportador internacional do produto para o segundo maior importador.

Nos anos setenta, por iniciativa do prefeito Tomaz Izidro de Lima, foi construída uma nova escola em alvenaria na comunidade. Nos anos oitenta, na gestão do prefeito Raimundo Soares Nascimento, a escola passou a ser estadual e recebeu o ensino de 5ª à 8ª séries.

A Comunidade São João é uma das poucas comunidades do município de Ubatã que ainda apresenta uma população razoável, contando com 128 famílias. Isto se deve principalmente por ser uma comunidade de pequenas propriedades, onde há uma boa diversificação da renda, pois é o principal pólo de produção de frango de corte, de pecuária leiteira, de cultivo de fumo, além da produção de grãos.



Cachoeira em São João, na fazenda de Osmar Bertoli - julho 2007.

Comunidade Rural Palmeirinha - Foi fundada em 1956 pelos senhores Geneci Tereiro, Ezequiel Barbosa Nobre, José Figueredo de Lima, João Mazzotti e Norberto Mazzotti (que até hoje reside na comunidade).

O nome surgiu porque os fundadores torciam pelo time do Palmeiras, e prestaram uma homenagem ao time dando o nome de Palmeirinha à comunidade.

Atualmente residem nesta comunidade 32 famílias.

Comunidade Bom Jesus - A Comunidade Bom Jesus teve sua colonização juntamente com o início de Ubiratã e Yolanda, em meados de 1960, sendo parte da fazenda do Sr. Hilário Molina (falecido em 2005). Hilário foi responsável pela construção da primeira escola de madeira que atendia cerca de 50 alunos de pré a 4ª série. A primeira professora, foi a senhora Elba Ferreira Leite e os alunos eram em sua maioria filhos de trabalhadores da região.

Na época o material escolar era fornecido pela Sinop e vinham de Maringá as cartilhas “Minha Terra” e as apostilas para a professora lecionar. Além de ensinar ela limpava a escola, fazia a merenda, zela-



Capela Bom Jesus - julho 2007.

va pelos alunos, cortava cabelos e as unhas. Ela era também a catequista, enfermeira e parteira e recebia um salário de cinco cruzeiros, através de vale com o prefeito Alberoni.

De três em três meses a escola recebia a visita de um inspetor de ensino, que vinha de Maringá de motocicleta para fazer vistorias.

As primeiras plantações cultivadas na Comunidade Bom Jesus foram café, milho e hortelã.

Comunidade Cascalho - A Comunidade Cascalho começou nos anos de 1963 e 1964 quando as famílias Begui e Possidônio se uniram para a construção de um campo de futebol para a diversão dos moradores.

O nome da comunidade surgiu porque no alto da estrada Amazonas onde havia sido construído o campo de futebol, encontrava-se uma grande quantidade de cascalho amontoado em um dos cantos do campo.

No primeiro treino ainda não havia sido decidido qual o nome que o campo de futebol iria ter. Com a visita dos jogadores da comunidade vizinha Palmeirinha, os jogadores brincaram dizendo: “Olha o campo de cascalho!” E assim ficou sendo para sempre a comunidade Cascalho.

No ano de 1966, havia grande quantidade de crianças que se deslocavam de suas casas na comunidade Cascalho para estudar na Vila Arco.

Foi nesta época que João Possidônio foi até a prefeitura e conversou com o prefeito Tomaz Isidro de Lima, que ajudou na construção da escola. O educandário recebeu o nome de Escola Isolada João Pessoa e teve como sua primeira professora Anália do Carmo Possidônio.

Comunidade Santa Terezinha - Foi constituída de pessoas provenientes do norte do Paraná na década de 60, aproximadamente em 1964.

As primeiros moradores desta comunidade foram as famílias Camargo, Paixão, Ribeiro, Cândido Luiz e Cardoso.

Na época estas famílias desenvolveram o plantio de hortelã, arroz, feijão e café.

Em 31 de março de 1965, nas dependências da Escola Dom Pedro II, foi realizada a primeira missa pelo padre Wendelino Mueller.

Em julho de 1967 iniciou-se na comunidade a construção de um barracão para a celebração dos cultos e missas. Foi inaugurado em 15 de agosto de 1967 no dia da Assunção de Nossa Senhora.

Com festas e promoções a comunidade construiu em 1975 a Capela Santa Terezinha do Menino Jesus.

Atualmente a comunidade tira o sustento da soja e do gado.

Comunidade Jandaia - No final de 1969, reuniram-se as famílias ligadas à comunidade com o padre Francisco na finalidade de construir uma capela na comunidade. O Sr. Pedro Takemoto (*in memoriam*) foi eleito o primeiro presidente da diretoria. Na mesma reunião foi escolhido São Benedito como padroeiro da capela, devido a existência de um grupo escolar com esse nome. A imagem foi cedida pelo Sr. Benedito Brás de Oliveira. Ele era pecuarista e morava bem próximo da comunidade. O terreno foi cedido pelo senhor Benedito Ferreira Vaz (*in memoriam*) e em seguida foi construída a primeira capela de madeira.

Em 13 de maio de 1970 foi inaugurada a capela com uma missa que foi celebrada pelo padre Francisco.

A Comunidade Jandaia foi fundada em 1957. Mas por que tem o nome Jandaia?

Devido a existência de muitos pássaros jandainha (da família dos periquitos). Foi aí que surgiu o nome da Estrada Jandaia e a comunidade ficou com o mesmo nome.

Na Comunidade Jandaia foi inaugurada em 2003 a Casa do Mel, que funciona no antigo prédio da escola e foi uma iniciativa da Associação dos Apicultores da Região de Ubatã (fundada no ano de 1989).

A comunidade conta também com uma casa de derivados de cana, fundada em 1997 pelo Sr. José Vilmar Amorim e tem a finalidade de fabricar rapaduras, melado e caldo de cana, que são vendidos em toda a região circunvizinha e para aqueles que trafegam pela rodovia BR-369.

Na época de sua fundação a comunidade contava com 90 famílias. Atualmente conta com aproximadamente 12 famílias.

Comunidade São Zacarias -

Por volta de 1961, o Sr. Oder Zacarias e sua esposa Emília Pires, ajudados por algumas famílias que residiam na estrada Mato Grosso, constroem ali uma rústica capelinha na propriedade do próprio Oder Zacarias que se localizava na estrada central, uma das ramificações da estrada Mato Grosso.

Tratava-se de um singelo puxado de tábuas e coberto de telha. E aí se constituía a Comunidade São Zacarias. Recebeu este nome dos demais moradores em homenagem a família Zacarias.

Em 1967 junto a capelinha, foi construída uma escolinha, denominada Escola Isolada São Zacarias, sendo a primeira professora Maria Madalena Rodrigues que lecionava para todos os alunos num mesmo período.



Escola Rural Municipal São Zacarias - década de 60.



Capela São Zacarias - 2008.

No ano de 1976 a comunidade São Zacarias contava com uma população de mais de 2000 habitantes e então a comunidade ganhou uma nova capela.

Desde sua fundação, a comunidade São Zacarias passou por diversas mudanças, mas a mais significativa aconteceu na gestão do prefeito Valdir D'Alécio. Nesta época a comunidade recebe a construção de um centro comunitário e reforma total da escola. Infelizmente em 1997 a escola foi fechada e hoje a comunidade conta com apenas 40 famílias, incluindo entre elas alguns pioneiros que ainda lá residem.

Comunidade São Sebastião - Em 26 de outubro de 1954, vieram de Minas Gerais dona Eva de Souza Batista (viúva) e seus sete filhos, se instalaram na localidade onde hoje é a Comunidade São Sebastião. O local era rodeado de muita mata e pouco habitado, e apenas a família do Sr. Francisco Rodrigues da Silva e Maria Cândida e seus 11 filhos habitava o lugar.

Os pioneiros começaram a trabalhar na terra cultivando e produzindo as plantações de hortelã e o café. Por ser uma terra fértil, muitas outras famílias começaram a se instalar pelas redondezas, assim se formando a comunidade.



Escola Rural Municipal São Sebastião - década de 60.

A família de dona Eva trouxe de Minas Gerais a tradição de celebrar o terço na data de 20 de janeiro em louvor a São Sebastião. Essa cultura aos poucos foi sendo implantada nos arredores da comunidade, e assim esse hábito de rezar o terço era celebrado na casa de dona Eva com fogos e festejos.

Com a comunidade crescendo devido as várias famílias que ali se instalaram, surgiu a preocupação quanto aos estudos dos filhos. Havia um grande número de crianças que precisavam estudar e não tinham condições de se deslocar até a cidade de Ubiratã.

Assim, dona Eva teve a idéia de construir uma escola. E, em 1966 a escola São Sebastião se tornou realidade, na gestão do prefeito Tomaz Izidro de Lima.

Na escola também eram celebradas as missas. O primeiro padre a realizar uma missa em São Sebastião foi o Pe. Sebaldo, iniciando em seguida o curso de catequese pela catequista Lourdes do Carmo Rodrigues Batista.

Foi através do prefeito Valdir D'Alécio que a comunidade obteve a doação de um terreno ao lado da escola e também ajuda financeira para construir um campo de futebol. O terreno foi doado por Valdomiro Barreto e pela senhora Neuza Pontelo, e hoje se encontra todo gramado, cercado e iluminado.

A Comunidade São Sebastião possui hoje cerca de 17 famílias.

Comunidade Três Placas - A comunidade Três Placas recebeu esse nome devido às “três placas” que foram colocadas, para servirem como informativo das estradas que se cruzavam naquele local. Eram elas a Estrada Irene (ao sul) com direção à BR-369, Estrada Caviúna (a leste ao oeste) que vinha de Cascavel para Campo Mourão e a Estrada Alagoas (ao norte) com sentido à Comunidade Bom Jesus.

Na década de 50 chegaram os primeiros pioneiros da comunidade sendo as famílias de Teodomiro Carvalho, Severiano Pereira da Cruz, Benedito Pereira (Dito Mineiro), Simão Alves Cardoso, Ana Pereira, Manoel Rita, José Bahia, João Batista, Pedro Lambari, Antonio da Cruz, João Rodrigues, Isidoro Penaroti, Salviano Vaz, Francisco Pedro Fogaça, Álvaro Bonifácio, Antonio Eloj de Souza,



Capela São Cristóvão na Comunidade Três Placas e escultura de Dirceu Rosa - julho 2007.

família Magni e outros que foram chegando no decorrer do período.

A prática da agricultura da hortelã, milho, feijão e algodão, propiciou os primeiros passos da comunidade. Posteriormente, através dos anos foi substituída pela soja e o trigo, sendo complementada hoje com aviários e a apicultura.

Atualmente industrializa-se polpas de frutas, torrefação de café (Café Penaroti), fabricação artesanal de cachaça e vinho. Na comunidade também trabalhos manuais são desenvolvidos com a palha de trigo, milho e bambu entre outros, e ainda cozinha industrial.

No início habitavam na comunidade Três Placas aproximadamente 1.000 pessoas e atualmente residem cerca de 50 famílias.

Comunidade São Lázaro - Recebeu esse nome porque um de seus pioneiros que se chamava Lázaro Coelho Pain era muito devoto de São Lázaro. Ele prometeu que quando fosse construída uma escola na localidade, colocaria a imagem de São Lázaro. A imagem foi doada pelo então pároco de Ubiratã, Pe. Antônio.

Além da família de Lázaro que era carinhosamente conhecido na comunidade por “Sr. Lazinho”, foram ainda famílias pioneiras: Oliveira, Pereira, Galdino, Fratucci, Guerra, Lima, Hellstron, Paula, Sluzowski, Calvo Rubens, Ramos e Murillo.

Lázaro percebeu que a comunidade estava crescendo e as crianças que ali viviam não tinham como estudar, uma vez que a comunidade ficava distante da sede do município. Lázaro resolveu então alfabetizar essas crianças em sua residência. A escola começou a funcionar em 1961 e assim ocorreu até o ano de 1964.

A partir de 1965 assumiu a turma seu primo Manoel Feliciano Coelho, lecionando até 1966.

No ano de 1967 foi construída em madeira a primeira escola ainda no sítio São Lázaro, de sua propriedade, na estrada São Lázaro. O educandário recebeu o nome de Escola Municipal São Lázaro e a primeira professora foi Maria Aparecida Paim de Sá. Na época eram tantos alunos, que desfilavam no dia 7 de Setembro com fanfarra ensaiada pelo professor Moacir Rocha.

Posteriormente a escola foi construída ainda em madeira na encruzilhada das estradas Olinda e Machado. E, por último, a escola foi construída em alvenaria na Estrada Olinda, na propriedade da família Pereira, onde ainda hoje é utilizada para cultos e catequese. A escola foi extinta no ano de 1998.

Em 1954, quando chegaram as primeiras famílias, cultivava-se hortelã, milho e feijão. Atualmente planta-se soja, milho e trigo e em algumas propriedades produzem a cana de açúcar, uva e café, além de pomares e hortas.

Na comunidade ainda se produz os famosos bordados e tapeçarias das mulheres das famílias Pereira e da família Hellstron, além das belas orquídeas produzidas em estufas em suas propriedades.

Hoje já não moram tantas famílias na comunidade devido ao êxodo rural, mas as que permaneceram vivem em plena harmonia.

Comunidade Três Olhos - Localizada próxima ao povoado Rio Verde, entre a Estrada Olinda e a Estrada Osvaldo Cruz, caracteriza-se por ter o nome oriundo da nossa fonte de vida, a água.

O nome Três Olhos originou-se devido ao fato de haver na região três nascentes de água, popularmente chamadas “olhos”, que formam o Rio Três Olhos. O rio banha a comunidade e deságua no rio Carajá.

No início da colonização, o nosso município acolheu imigrantes de outras regiões do país, e esta comunidade foi formada em sua maioria por nordestinos que buscavam uma melhoria de vida.

No período do auge do algodão, destacou-se por ser a mais produtiva do município.

Hoje, o plantio da soja predomina, mas há propriedades ocupadas com pastagem para gado.

Os habitantes em décadas anteriores eram vários. Dentre eles, destacam-se os pioneiros Cosme Izidro dos Santos, Sebastião José de Aquino, Antônio Pernambuco de Aquino, Francisco de Brito e João Pereira.

Comunidade São Jorge - Localiza-se no bairro Água Grande, estrada Santo Antônio, a oito quilômetros do Município de Ubatã. Foi fundada em 1973 com cerca de oitenta famílias, mas hoje conta apenas 25 famílias.

Na época, o padre Beno solicitou que fosse construída uma capela e que esta recebesse o nome São Jorge, em homenagem e agradecimento à família de João Jorge Peres que doou o terreno. Com isso, o padroeiro da comunidade é São Jorge.

As famílias têm na agricultura o seu sustento. No início cultivavam apenas milho, algodão e arroz. Hoje há maior diversidade na plantação.

Comunidade São Francisco - Localiza-se na Estrada Velha de Juranda, km 05, na zona rural, no Município de Ubatã. Foi fundada no dia 11 de março de 1964 e conta hoje com vinte e oito famílias.

São Francisco de Assis é o padroeiro desta comunidade porque o doador do terreno, Sebastião Moreira, é devoto deste santo.

A Comunidade São Francisco tem como característica a transformação, e investe na agricultura familiar. Ex: Saran Embutidos e Defumados, Alho em Pasta Dona Lili.

A comunidade promove todo o ano a tradicional Missa Gauchesca, que acontece sempre no mês de outubro seguida de tradicional almoço.

Comunidade Pé de Galinha - As primeiras famílias chegaram ao Pé de Galinha em 1958. Primeiro chegou as famílias Corghi e Ricci, em seguida as famílias Gomes, Carnevalli e Massaranduba.

A Comunidade Pé de Galinha tem este nome devido ao entroncamento (por lembrar um pé de galinha) das estradas Ministro Fernando Costa, Tupã, Inúbia e Lucélia.

As culturas na época foram o café, hortelã, milho e feijão. Atualmente predominam as culturas de soja, trigo, milho e algodão.

A comunidade chegou a ter 500 famílias e 2.500 moradores. Atualmente residem na comunidade aproximadamente 30 famílias.

Comunidade Vila Arco - Em meados de 1956 a colonizadora Sinop colocou um arco que atravessava a estrada de um lado ao outro, onde estava escrito “Colônia Esperança”. Na década de 70 foi fixada uma placa com o nome de “Colônia Santo Inácio” mas esse nome não vingou. Aquele arco ficou servindo como um ponto de referência para os moradores dali, e por esse motivo depois de alguns anos passou a chamar-se Vila Arco.



Vila Arco no dia da fundação de Ubatã - fevereiro de 1956.

Os principais fundadores dessa vila foram Juvêncio (instalou a primeira venda), José Horta de Oliveira (instalou o primeiro açougue), Elpídio Piovezani (instalou a máquina de arroz, que existe até hoje no mesmo local).



Capela Colônia Santo Inácio - julho 2007.



A Colônia Santo Inácio no desfile de aniversário do Município - 2006.

Em 1965 foi construída a Escola Isolada Jaboticabal. Esta escola foi construída na cabeceira do sítio do Sr. Angêlo Francisco Moreni, situada na Estrada Jaboticabal. A primeira professora foi a Sra. Zilda Ribeiro Jucknevičius. Atualmente ela reside em São Paulo (SP).

Em 1971, foi construída a capela Nossa Senhora das Graças. A capela foi feita com a ajuda do Sr. Pedro Gonçalves (in memoriam), conhecido como “Pedro Sapateiro” (dono da Sapataria Para Todos).

Em 1969 Pedro sofreu um acidente gravíssimo próximo a vila e fez uma promessa. Caso viesse a ficar bom de seus ferimentos, ele ajudaria a construir uma capela na Comunidade Vila Arco, e assim aconteceu. Promessa feita, promessa cumprida.

Comunidade Luz Marina - Pelos idos de 1962, chegaram os primeiros moradores da Comunidade Luz Marina. Naquela época fora denominada de Venda Ronquita e mais tarde também fora chamada de Bananeira, mas só a partir de 1968 passou a chamar-se Luz Marina.

Os fundadores foram as famílias de Pedro Doca, André Vallús, Messias Garcia, Heitor Garcia e Mazinho.

Em 1973 era constituída pelas colônias Mariana e Bandeirantes.

A comunidade Luz Marina é cortada pela Estrada Paraguaia,

As atividades econômicas desenvolvidas no passado eram o cultivo de arroz, feijão, milho, algodão e hortelã.

Em 1970 Luz Marina contava com os chamados “inspetores de quarteirão” e com uma cadeia pública. Os primeiros inspetores de quarteirão foram Mazinho, Pedro Doca e João Martins. Este último ainda reside na comunidade.

A população da década de 70 era de aproximadamente duas mil pessoas. Neste período havia o grupo escolar Castelo Branco com aproximadamente duzentos estudantes e quatro salas de aula. O diretor era o professor Moacir. Havia também a Escola São Jorge, com cerca de 60 crianças. A escola trabalhava em dois turnos e ficou em atividade até 1998.

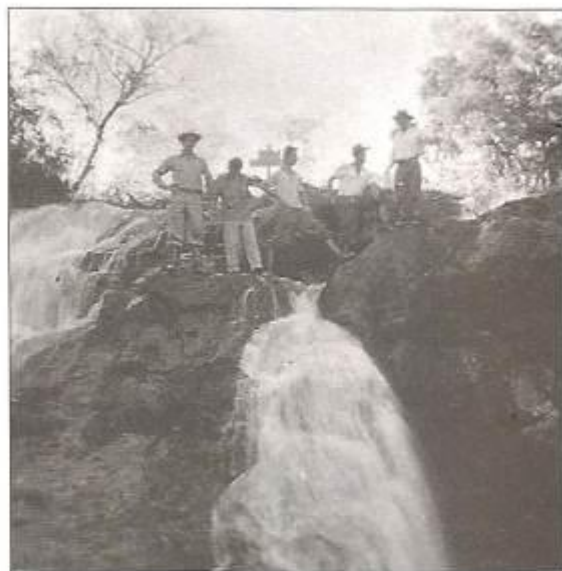
No passado a comunidade contava com uma serraria, duas máquinas de arroz, farmácia (do “Carlão”), cinco vendas, quatro bares, Restaurante da Buchada (do Dezinho), duas igrejas evangélicas (As-

sembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil), uma igreja católica, dois açougues, loja de tecidos, bazar e campo de futebol.

Os moradores mais antigos são os senhores Eurides Mainarde, Domingos de Peder, Júlio Correia, irmãos Santos, José Mané, Dezinho, Tito Gasparotto, entre outros.

Comunidade

Carajá - Por volta da década de 60, algumas famílias de pioneiros chegaram a nossa região e conquistaram suas propriedades nas proximidades do Rio Carajá. Foram as famílias Cassiano, Jacinto, Orlandelli, Menon, Cruz, Fernandes, Loureiro, Rocha, Batista, Godói, Custódio, Cearense, Montanha, Alencar, Coelho e Kassab.



A cachoeira do rio Carajá, emblemática atração turística de Ubiratã - 1958.

Em 1962 foi construída a capela desta comunidade ao mesmo tempo que se fundava a Igreja Matriz Santo Antônio, sendo considerada uma réplica da mesma. Esteve à frente desta construção o Sr. Pedro Montanha, que adquiriu uma imagem de São Pedro e a colocou na Capela, e por este fato denominou-se a Comunidade São Pedro.

Em 1966 a Família Orlandelli assume um dos únicos pontos de comércio ali existentes. Até hoje, muitas pessoas se referem a um dos senhores desta família, como “Cido da Venda”.

Entre 1970 e 1980, surgiu o time de futebol, o “Carajazão”. Logo, a equipe se tornou uma das melhores da região. A comunidade fica próxima ao Rio Carajá, daí a origem do nome.

Geraldo Menon, com o apoio da comunidade do Carajá, cons-

truiu um verdadeiro estádio que fez desta localidade um ponto de referência no futebol das comunidades.

No dia 9 de junho de 1972, chegam à localidade Dina e Diva Di Martini, que com espírito de luta e apoio da comunidade, assumiram a liderança religiosa. Formaram o maior grupo de jovens da região, com a ajuda do violeiro Armando de Oliveira Custódio, o Jabuti, formando um coral. Também trabalharam com teatro e presépio vivo, além da catequese.

Comunidade Iacri - Está localizada no município de Ubiratã, a 14 quilômetros da cidade.

Sua colonização começou em meados de 1959, quando os primeiros moradores chegaram e começaram a derrubada da mata nativa para o plantio de culturas de subsistência como o arroz, feijão e milho.

Os primeiros moradores a se fixarem no local foram o Sr. Hermínio Dias Correa e Noêmia Luís Ferreira Correia, em 1959. No ano de 1961 chegou José Vilmar Amorim e em 1968, José e Maria Constância de Almeida. Estabeleceram-se na comunidade onde tiveram seus filhos e batizaram o local de Estrada Iacri, em homenagem a localidade de onde a maioria veio do Estado de São Paulo.

A primeira escola foi construída em 1970 na propriedade do Sr. Hermínio Dias Correia, na gestão do prefeito Áureo Zamprônio. Essa escola foi chamada Escola Municipal Presidente Costa e Silva e as primeiras professoras foram as senhoras Maria e Expedita.

Mais tarde foi construída em alvenaria, na gestão do prefeito Valdir D'Alécio e posteriormente desativada em 1997 na gestão do prefeito Tomaz Izidro de Lima.

Existe uma tradição peculiar nesta localidade que é a “Festa de Reconciliação”. Parentes e amigos que mudaram para o Estado de São Paulo (principalmente Indaiatuba, Bilac e Salto), se encontram anualmente em datas acertadas entre as partes e organizam competições de futebol masculino e feminino. Na festa são servidos pratos comuns à região, como o churrasco.

A aproximadamente 1000 metros da escola encontra-se o rio Tri-

color, usado pelos moradores para atividade de pesca e também como lazer das famílias.

A agricultura predominante passou a ser o cultivo da soja e do milho, que é produzido em grande escala na região, com uso das mais recentes e modernas tecnologias para o melhoramento da produção.

Distrito de Yolanda - A história de Uiratã confunde-se com a história do distrito de Yolanda. Este começou a ser colonizado juntamente com o município de Uiratã por volta do ano de 1959.

Segundo os pioneiros, neste mesmo ano estabeleceram-se na região duas famílias nas terras onde hoje se localiza o distrito. As terras eram vendidas pela Sinop e eram muito procuradas por serem consideradas terras muito produtivas.

Dentre os pioneiros destacamos o Sr. Geraldo José Domingos, Camilo Rodrigues e o Sr. Antônio Ferreira.

O nome do distrito foi uma homenagem a esposa de um dos diretores da Sinop, João Pedro M. de Carvalho, Dona Yolanda Loureiro de Carvalho. Segundo o Sr. Vilder Bordin o distrito era um ponto de apoio para a venda de terras, sem o intuito de formar uma comunidade.



Distrito de Yolanda - 2008.



A primeira capela de Yolanda - 1961.



Igreja do Distrito de Yolanda - 2008



Estrada para o Distrito de Yolanda - agosto de 1989.



Estrada para o Distrito de Yolanda - maio 2008.

As primeiras plantações na áreas desmatadas de Yolanda foram a hortelã, feijão e milho.

Como forma de agradecimento pelas terras conseguidas e pelas plantações, foi celebrada a primeira missa em 1961 pelo Pe. Sebaldo em um hotel na propriedade do Sr. Francisco Alves da Silva. Apenas em 1962 foi iniciada a construção da primeira igreja, ainda de madeira e muita pequena para o número de fiéis. Logo a igreja foi aumentada e reformada e em 1970 foi construída a igreja em alvenaria. A igreja recebeu o nome de Capela Nossa Senhora Aparecida e a missa inaugural foi celebrada também pelo Pe. Sebaldo.

O primeiro vereador foi o pioneiro Antônio Ferreira, no ano de 1965 a 1977 e Mamede Alves Vasconcelos durante três mandatos: 1989 a 1992, 1997 a 2000 e 2001 a 2004.

O Grupo Escolar de Yolanda foi criado e autorizado a funcionar em 29 de março de 1962 com ensino de 1ª a 4ª séries. A primeira diretora foi a professora Jenolina Romão da Silva. Em 1968 passou a ser denominada Escola Estadual Vila Yolanda, sob a responsabilidade do estado e com ensino de 1ª a 5ª séries. Somente a partir de 1982 a escola passou a ofertar ensino de 1º grau de 5ª a 8ª séries. Em 2003 passou a oferecer o Ensino Médio e houve mudança na nomenclatura, denominando-se Colégio Estadual Profª Maria Gomes Bizerra.

O Distrito de Yolanda fica a 16 quilômetros da cidade de Ubatã.

Atualmente o Distrito de Yolanda, conta com mais de dois mil habitantes.

Yolanda conta com os seguintes estabelecimentos:

A APMI, fundada em 17 de agosto de 1974, hoje denominada Centro de Educação Infantil Nossa Senhora Aparecida; Escola Municipal Porto dos Santos, municipalizada no ano de 2000; Colégio Profª Maria Gomes Bizerra, Ensino Fundamental e Médio; Posto de saúde fundado em fevereiro de 1986; Posto Telefônico e Correios; Cartório de Paz e Tabelionato, fundados em 1964 pelo tabelião Onor de Salles Barboza; Entidade assistencial Curumim Unidade II, fundada em 1998; Centro de Convivência para Idosos, fundado em dezembro de 1995.

Igrejas: Nossa Senhora Aparecida (católica), Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus (evangélicas).



Lavoura na Comunidade de Yolanda - 2007.

Yolanda conta ainda com um ginásio de Esportes, campo de futebol, a cooperativa Coagru – Cooperativa Agropecuária União Ltda. (entrepósito), inaugurado em outubro de 1982, a Cooperativa Integrada (entrepósito), inaugurado em dezembro de 1995, e a Agrícola Época (entrepósito), inaugurado em novembro de 2003.

Além das comunidades rurais estendem-se pelo perímetro urbano diversos bairros e conjuntos habitacionais: conjuntos Boa Vista, Alzira Rezende, Juscelino Kubitschek, Novo Ubiratã e União; jardins Petrica, São Vicente, Josefina, Panorama e São Paulo; vilas São Joaquim, Recife e Esperança.

8. Menos Geadas e Menos Madeiras Duras

O clima de Ubiratã, embora tenha se alterado com o tempo em função do desmatamento, é subtropical úmido, com verões quentes e geadas poucos frequentes. Há concentração de chuvas nos meses de verão e não existe estação de seca definida.

A temperatura média nos meses mais quentes é superior a 22°C e nos meses mais frios, inferior a 7,5°C, a temperatura mínima.

O solo é de terra roxa (latossolo vermelho distroférrico) e de boa fertilidade, o que faz da agricultura a sua principal fonte de riqueza, produzindo em abundância feijão, algodão, soja e milho.

A vegetação de Ubiratã é recoberta pela Mata Tropical composta de variadas espécies remanescentes do denso “oceano” verde de outrora, como a peroba, o cedro, a canela e o jacarandá.

9. O Vale do Piquiri

Ubiratã tem seu território banhado por muitas águas de córregos e rios. O rio Piquiri, que na língua indígena significa “rio de muitos lambaris (ou dos peixes pequenos)”, é o principal. Ele e seus afluentes constituem um grupo de atrativos turísticos, tais como inúmeras ilhas e saltos: Apertado, Morumbi, Amaro etc.

Os afluentes do Piquiri – rios Tricolor, Comissário e Carajá – reforçam um rio que desde a sua nascente, na serra de São João, Noroeste da cidade de Guarapuava, até a foz, no rio Paraná, tem um percurso de 560 km.

Navegável após a corredeira Nhá-Bárbara até a foz, sua profundidade média é de 5 metros e largura de 140 metros no curso final.



Rio Piquiri - 2005.



Pequena balsa no Rio Piquiri - São João - 2007.

A bacia do rio Piquiri abrange 67 municípios. Nela são realizados vários eventos, entre eles a Expedição Ecológica do Rio Piquiri, que tem como objetivo conscientizar a comunidade sobre a importância do rio para a região, sobre sua preservação e utilização ecologicamente corretas.

O rio Tricolor tem uma denominação criada pelos brancos. Antes da colonização de Campina da Lagoa pelos guarapuavanos e de Ubitatã, pela Sinop, era conhecido por nome nativo de rio *Goio-Bang*.

As margens desse rio foram testemunhas de muita história antiga. Bem perto delas, onde o rio atualmente divide os municípios de Mamborê e Juranda, foi encontrado um importante sítio arqueológico.

Uma das estratégias da Sinop para garantir a sua posse e descaracterizar a posse de terceiros foi mudar os nomes dos principais rios.

O rio Goio-Bang era o nome oficial nos registros do Estado do Paraná. Seu nome foi mudado para “rio Tricolor” no novo levantamento da Sinop. Quando alguém procurava identificar sua posse próxima ao rio Goio-Bang encontrava dificuldades porque nos mapas da Sinop constava o nome “Tricolor” e assim não podiam tomar posse por divergência de nomes.

Assim também aconteceu com outros rios, como o rio Água Grande, que era o rio Água das Pedras.

As glebas que constavam no mapa do Estado do Paraná como Gleba 1, 2, 3, Rio Verde e Pinhãozinho foram extintas, sendo substituídas por nomes como Zona Branca 1, 2, 3, Zona Verde 1, 2, 3, Zona Azul, 1, 2, 3 etc.

No rio Piquiri, cuja nascente está entre os municípios de Guaraçuva e Turvo, há, inicialmente, às suas margens, um relevo acidentado, coberto de vegetações nativas e pastagens.

Entre Campina da Lagoa e Ubitatã, suas margens sofrem com mecanização agrícola, sendo essa exploração descontrolada e responsável pelo assoreamento e contaminação da água por resíduos tóxicos.

A pesca predatória e as construções irregulares, em suas margens, são obstáculos que impedem o repovoamento natural do rio. Destacamos o trabalho feito pela cooperativa Coagru com o Centro de Educação Cooperativista e Ambiental Peixe Pequeno, além de vários programas ecológicos ligados ao Piquiri já que a Arcapu Campestre margeia o Piquiri e nela os visitantes tem momentos de lazer e conscientização ecológica uma vez que o local possui o Museu: Casa do Rio, Anfiteatro ao ar livre entre outros.



Cena comum na época: pesca no Rio Piquiri em 1959. Na foto aparecem Zé Lara, Pipino, Gualra e Leônidas.



Arcapu Campestre - 2007.



Museu Casa do Rio - Arcapu Campestre - 2006.



Momentos de lazer e conscientização ecológica.

Habitam em suas águas peixes como lambari, cascudo, curumbatã, piapara, dourado, pintado, surubim, mandis-guaçu e outros.

10. A Bandeira das Duas Datas

Datas são elementos mais presentes em brasões. Em bandeiras, quando muito, existe a referência a uma única data histórica. Mas Ubiratã preferiu homenagear por igual duas de suas datas mais importantes – o dia da criação e o dia da instalação do Município – ao incluir o brasão em seu estandarte.



A bandeira de Ubiratã, oficializada em setembro de 1971, tem três faixas horizontais iguais, azul, branca e vermelha. Ao centro, assoma o brasão com as datas históricas de 25 de julho de 1960 e 4 de novembro de 1961.

O Brasão de Armas é descrito na lei 523/90, de 16 de maio de 1990, sancionada pelo prefeito Valdir Aparecido D'Alécio:

– O escudo é encimado por uma coroa mural de oito torres em prata (branco), com as portas em sable (preto) das quais cinco são visíveis.

– A coroa disposta sobre o escudo representa a autoridade do município de Ubitatã. As flechas com pontas para o alto, em amarelo, representam os primitivos habitantes da região onde foi fundada a cidade, a cor simboliza nobreza, magnitude e riqueza.

– A árvore em verde (denominada pau-ferro, na língua tupi-guarani quer dizer Ubitatã) indica o topônimo da cidade; a cor simboliza esperança, fé, liberdade e pujança.

– A flor-de-lis representa a liberdade e a pureza do povo, de cor branca simbolizando a integridade, obediência, paz, ordem.

– Na parte inferior, o capacete na cor preta representa a pujança da indústria e do comércio, simboliza prudência, vigor, honestidade.

– Circundando o escudo, a bordadura amarela indica a riqueza do município, e oselos na cor vermelha significam a união do povo de Ubitatã.

– O ramo de soja frutificado, o de algodão e as hastes de trigo representam as riquezas agrícolas do município.

O Brasão de Armas do município é usado para timbrar papéis, documentos oficiais da Prefeitura e Câmara Municipal.

11. Homenagem ao Município

Hino de Ubitatã

(Letra e música de Sebastião Lima)

*No verde planalto floresceu,
Ubitatã, imponente e majestosa,
Qual um novo elo que nasceu,
Integrando esta terra dadivosa.
Bela, amada e gentil,
Outra mais linda não há,*

*Cantinho feliz do Brasil,
Entre os lados do Paraná.*

*Com a marca radiante do sucesso,
No caminho rumo ao progresso,
Ubitatã, estimado rincão,
Viverá sempre em nosso coração.*

*Honra e glória aos fundadores
Que nos deram este esplendor;
A eles, nosso louvores,
Pelos feitos de intenso labor.*

*Tuas portas sempre abertas,
Prontas estão a receber,
Os que buscam rotas certas
E os caminhos felizes do viver.*

12. Música em homenagem a Ubitatã (Armando Custódio de Oliveira - Jabuti Faceiro)

Armando de Oliveira Custódio, conhecido por “Jabuti Faceiro”, radialista e morador da cidade desde o ano de 1960, demonstrou o grande amor a Ubitatã compondo uma música que conta um pouco da história das administrações com muita sabedoria:

*Através desta canção eu quero homenagear
ao povo trabalhador da nossa Ubitatã
cidade hospitaleira pedaço deste torrão
cantinho do Paraná orgulho dessa nação.*

*Por força de um decreto o governo nomeou
o sr. Osmar Bertoli, que seu pedido
aceitou pra governar este povo com
sacrifício e amor naqueles tempos difíceis
sua missão completou.*

*Alberoni Bittencourt, primeiro prefeito eleito
trabalhou com honestidade fazendo tudo perfeito
Tomaz Izidro de Lima o saudoso Tomaizão,
com a marca sapato furado
prefeito por três gestão.*

*Prefeito Áureo Zamprônio ao progresso dedicou
a BR-369 a sua marca deixou,
Valderi Claudino da Silva do povo tinha confiança
batizou Ubiratã a Cidade Esperança.*

*Raimundo Soares Nascimento também hoje em memória
A sua administração também ficou na história
Dr. Valdir D'Alécio também mostrou seu valor
construindo o futuro Ubiratã transformou.*

*Dr. Arnaldo Sucupira prefeito por duas gestão
Ubiratã acima de tudo, fica em nosso coração
compromisso com futuro, prefeito Fábio D'Alécio
lugar de gente feliz, Ubiratã rumo ao progresso
Parabéns Ubiratã, parabéns, felicidades
é o que nós desejamos muita paz e prosperidade.*

13. Nas Artes, Festas, Teatro, Cinema

Além de participar de roteiros cinematográficos no passado – A Face do Medo, por exemplo –, os artistas de Ubiratã obtiveram destaque recentemente, através do filme Germano Teixeira.

Trata-se de uma produção da Companhia Ubiratanense Independente de Cinema Amador (Cuica), já às voltas com novos projetos.

Dentre as festas tradicionais de Ubiratã, salienta-se a Folia de Reis na Comunidade São Cristóvão. As atividades cênicas do Grupo de Teatro Só Faço Arte e o Show de Talentos confirmam o slogan ubiratanense – Lugar de gente feliz!



Anfitrieto Carlos Gomes - Gestão Fábio D'Alécio - 2008.



Oséias M. de Oliveira.



Grupo de Teatro "Só Faço Arte" - 2005.



*Oficina Relâmpago,
dança de
rua na
Avenida
Nilza
- 2005.*



Oficina de Sanfona com o Grupo Viola Quebrada - 2005.



Dentre as atividades culturais, a Hora do Conto - junho 2005.



Folia de Reis de Ubatã - 2007.



Associação dos Amigos da Cultura Musicada de Ubatã - A.A.C.M.U.

14. A Construção do Museu

Dez anos depois de começar a coleta de materiais para a formação de um acervo museológico, no final da década de 60, em 28 de outubro de 1979, começa a funcionar, por iniciativa de Vilder Bordin,



O Museu Histórico e Cultural de Ubiratã passou a dividir seu espaço com a Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles.

o Museu Histórico e Cultural de Ubiratã, que seria oficializado em definitivo em abril de 2007. O Museu foi inaugurado em 4 de novembro de 1981.

15. A “Guerra” dos Ginásios

Quando chega a Ubiratã, em janeiro de 1965, o padre Sílvio Fritzen vinha para apoiar os esforços pastorais de padre Wendelino Mueller. Sua tarefa principal seria auxiliar no recém fundado ginásio misto das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria.

Munido com o registro de professor, foi nomeado diretor do ginásio, quando enfrentou um problema inesperado: com a criação do ginásio estadual e sendo a cidade ainda pequena, a escola das Irmãs não conseguiu o volume de matrículas que a direção aguardava.

Mas o socorro viria por parte do sentimento religioso da comunidade. Quase todas as famílias um pouco mais abastadas mandaram seus filhos para o ginásio católico e essa preferência viabilizou o estabelecimento.

Mais tarde, padre Sílvio também foi lecionar na escola pública.

A história da educação em Ubiratã é impressionante e revela o dinamismo da comunidade e a juventude de seus pioneiros. Em novembro de 1962, quando o Grupo Escolar Quintino Bocaiúva foi autorizado a funcionar, não seria possível imaginar que em 1977, já com o nome de Escola Quintino Bocaiúva Ensino de Primeiro Grau, contaria com 22 salas apenas da primeira série primária – isto é, da 1ª A até a 1ª X.

Pelo Decreto n.º 4.002/77 passou a denominar-se Escola Quintino Bocaiúva atendendo alunos no ensino de 1º grau.

Em 1988 se iniciou o ensino especial. Em 1998, a escola passou a se denominar Colégio Estadual Quintino Bocaiúva – Ensino Fundamental e Médio.

A partir de 1961 novas escolas foram surgindo. Até 1982 eram 61 as escolas rurais e, segundo registros de atas na Secretaria de Educação estas escolas funcionavam sem o reconhecimento legal. Hoje estão em funcionamento apenas 4 escolas rurais, são elas: Escola Municipal João Bertoli, Escola Estadual São João (Comunidade de São João), Escola Municipal Porto dos Santos e Colégio Estadual Maria Gomes Bizerra. (Distrito de Yolanda)

Atualmente Ubiratã tem em funcionamento dez escolas municipais, sete escolas e colégios estaduais, duas escolas particulares e duas de ensino superior (também particulares) e cinco centros de educação infantil o que somam um número de 6.822 alunos subdivididos em 2.048 – rede municipal; 3.342 rede estadual; e 1.432 – rede particular.

Ubiratã é um Município com um grande número de educandários. Além dos urbanas, havia diversos estabelecimentos rurais, como as escolas rurais Artur Bernardes, Barão do Rio Branco, Deodoro da Fonseca, Duque de Caxias, João Barboza, João Pessoa, José Bonifácio, José Criado, Nossa Senhora Aparecida, Osvaldo Cruz, Ouro Verde, Pouso Rico, Presidente Costa e Silva, Prudente de Moraes, Santa Catarina, Santa Izabel, Santa Maria, Santos Anjos (Fazenda São João), São Braz, São Cristóvão, São Jorge, São José, São Miguel, São Sebastião, São Zacarias, Tiradentes, União, Venceslau Brás e Alto Piquiri, que hoje não existem mais.

A primeira escola iniciou em 1957, em uma casa de madeira cedida pela colonizadora Sinop, local onde hoje se encontra o prédio Maclau's, que atendia as séries primárias de 1ª a 4ª, chamada de Escola Isolada de Ubiratã.

Em 1961 com a chegada do Padre Sebaldo e das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria foi fundada a Escola Santo Antônio.



Escola Rural Municipal Barão do Rio Branco na década de 60.



Escola Rural Municipal União - Década de 60.



Irmã Maria Rosa com sua turminha do Jardim da Infância da Escola Santo Antônio - Década de 70.



Turma da Escola Santo Antônio - 1976.

16. Os Tambores da Aldeia

Ubiratã é uma cidade que se orgulha de ser “Capital da Comunicação” graças a sua ampla rede de veículos de informação, cultura e entretenimento. Iniciada pela pioneira rádio pirata, Ubiratã também fez história no setor da comunicação social.

Hoje, além da TV Vale, sucessora da TV Aymoré, são três jornais – *O Vale do Piquiri*, *Folha Regional* e *Correio Popular*, e quatro emissoras de rádio.

A Rádio Difusora iniciou atividades em 1º de agosto de 1978. A Rádio Cidade FM entrou no ar experimentalmente em 24 de dezembro de 1989 e em 1º de fevereiro do ano seguinte passou a operar em definitivo. A Rádio Clube foi inaugurada em 30 de outubro de 1989 e a Rádio Comunitária Boa Vista FM, que iniciou suas atividades em 06 de março de 2008.

O jornal *Correio Popular*, por sua vez, foi fundado em 5 de fevereiro de 2003. A *Folha Regional* é de 2007.

Vale destacar o surgimento em Ubiratã do Sistema de Comunicação Carvalho (SCC), com a Rádio Clube e a TV Aymoré, inaugurada



Sistema de Comunicação do Vale - 2007.

em 27 de julho de 1996, reunindo-se ao jornal *O Vale do Piquiri*, graças ao empenho dos irmãos Carvalho e em especial seu diretor Adjaime Pereira de Carvalho e o gerente Ezequiel Dias.



Rádio Cidade FM.



Em 2008 a Rádio Difusora passou a ser propriedade de Inês de Paula.



Ezequiel Dias e Adjaime Pereira de Carvalho na TV Aymoré e na Rádio Clube - 2004.

Em 2006, o SCC foi transformado em Sistema de Comunicação do Vale, que ficou sob a responsabilidade de Orlando dos Santos Filho e Nazir Chaves, ocorrendo a mudança do nome de TV Aymoré para TV Vale.

17. O Hospital dos Pobres

Quando, recém-formado, o médico Valderi Claudino da Silva escolheu Ubatatã para trabalhar e viver, não havia nenhum profissional disponível por aqueles dias, pois o médico residente na vila estava ausente.

Claudino desembarcou na antiga rodoviária e se dirigiu ao Hotel Catarinense, onde se instalou.

“Na minha bagagem, na mala que trazia, encontrava-se um tensiômetro, estetoscópio, bisturi, algumas pinças, tesouras especiais e outros pequenos utensílios de cirurgia, somados com alguns livros. Naquele hotel de tábuas, aluguei mensalmente um quarto localizado na parte da frente e fixei uma placa de médico na parede” (Claudino).



Rodoviária velha e os ônibus do Expresso Maringá. Ao fundo, a construção da atual Prefeitura - 1968.

Passando a fazer consultas, pequenas cirurgias de traumatismos e também atendendo nas residências da vila e da zona rural, Claudino dois meses depois foi conhecer o colega Hélio Gondin Borges, que o convidou a construir um hospital.

Claudino disse que não tinha dinheiro. O dr. Hélio garantiu que tinha menos ainda. Mas havia a vontade de fazer. A obra começou e alguns meses depois o pequeno hospital de madeira já atendia doentes e até fazia algumas cirurgias.

“Dr. Hélio foi um médico cujo nome enalteceu a Medicina e muito me ajudou nesse início de carreira. Entretanto, seis meses depois teve que ir morar em São Paulo. Diante de sua partida para São Paulo, comprei sua parte no hospital” (Claudino).

Esse hospital dos dois médicos pobres depois receberia uma penca de jovens médicos – Sobreira, Pimentel, Breno, Itacício, Granville, Rodrigues, Couto, Diniz – que mais tarde procuraram novos caminhos e também montaram suas próprias clínicas.



O Hospital Maria Auxiliadora, do Dr. Claudino, em 1964.



Inauguração do Hospital das Clínicas de Ubiratã, de propriedade do Dr Valderi Claudino da Silva, com Ênio e Nilza Pipino - 1971.



Primeira cirurgia realizada no Hospital das Clínicas de Ubiratã - 05 de outubro de 1971.



Hospital Dr. Claudino em 1971 (hoje Hospital das Clínicas).

18. A Ponte, o Incêndio e o Instrutor de Direção

Em 1956, vindo do norte do Paraná, da cidade de Inajá, chega às terras que hoje é o município de Ubitatã, mais precisamente na comunidade São Lázaro, Maximino Pereira, a esposa Hilda Sartori Pereira e suas duas filhas, Maria Neusa Pereira e Neide Pereira.



Maximino Pereira e Hilda Sartori - 1988.

Atraídos pelo comentário de ser um lugar bom e próspero, vieram em busca de terra própria, pois onde moravam, trabalhavam na lavoura de café como meeiros. Chegando aqui, compraram o direito (10 alqueires) e começaram a cultivar arroz, feijão, criar suínos e bovinos.

Por ser um lugar novo, encontraram aqui muitas dificuldades. Um dos maiores problemas era a falta de transporte, não havia estradas, não havia como transportar os produtos colhidos. Tiveram que construir uma ponte para escoar e comercializar a produção. A cidade mais próxima era Juranda, o lugar onde faziam compras de mantimentos e medicamentos, gastando, porém, o dia entre o percurso de ida e volta. Por ser um lugar sadio e muito bom, quase não precisavam ir à cidade.

Algum tempo mais tarde, retornaram ao norte do Paraná em visita aos parentes que lá ficaram. A volta para Ubitatã e a chegada em casa foi muito triste: um incêndio havia destruído a casa onde moravam. Tiveram que começar tudo de novo, pois ficaram somente com a roupa que vestiam e os documentos. Não desanimaram, continuaram firmes, construíram uma nova casa e conseguiram superar o desastre com muito trabalho e esperança. Nessa

época, a família também já havia aumentado, pois tiveram mais filhos. Passado algum tempo, a família comprou uma pick-up verde, ano 63. O curioso é que ninguém sabia dirigir. Contrataram então um instrutor, que permaneceu uma semana junto com eles para ensiná-los a dirigir.

Eram tempos difíceis, mas felizes, lembra com saudades a filha, Maria Neusa. “O lugar superou todas as nossas expectativas, era um lugar sadio, animado, com pessoas solidárias e amigas”. Maximino Pereira e família foram em busca de novas terras, mudando-se para Ariquemes (RO), deixando aqui somente uma filha, Maria Neusa Pereira Frattucci com seu esposo, filhas e netos e a família de seu irmão João Pereira, que veio para essas terras alguns anos depois de Maximino, e era mais conhecido como João Maximino.

19. A Onça e suas Confusões

Uma saga de tamanha magnitude como a de Ubitatã não poderia, também, deixar de ser pontilhada por narrativas fantásticas e até lendárias, como a do Caminho do Peabiru e a estranha história da onça misteriosa que deu nome a um lugar.

Na Estrada Caviúna, no lugar denominado São Cristóvão, que era o elo para as cidades de Cascavel, Foz do Iguaçu e a região Sul do país, os desbravadores montaram acampamento.

A certa altura, um misterioso animal, que ninguém conseguiu ver, apanhou um cão que dormia sob a cama de um funcionário da colonizadora Sinop.

O cachorro foi arrastado, latindo furiosamente, mas conseguiu escapar na cabeceira de um córrego e voltou ao acampamento, onde recebeu medicação para os ferimentos.

Verificando as pegadas, aqueles pioneiros, obviamente estranhos ao lugar, que apenas começavam a desbravar, concluíram que o animal agressor era uma onça.

A estranha ocorrência foi comunicada ao Escritório Central da Sinop e técnicos foram até o local, pois os funcionários relata-



*Acampamento na célebre Curva da Onça, em 1957:
um mistério insolúvel.*

vam em continuar o trabalho de abertura da estrada, temendo novos ataques do animal misterioso.

A suposta onça desapareceu depois da caçada inglória. Ninguém nunca mais a viu – e não havia sido vista sequer naquela ocasião –, mas o ocorrido ficou registrado na mente dos pioneiros e foi contado de pai para filho. Por isso, o lugar passou à história com seu nome atual – Curva da Onça.

Quando surgiu a idéia de trazer animais de criação, os moradores da região advertiram que a experiência estaria sob risco, porque as onças devorariam os novinhos. Na verdade, os pequenos animais desapareciam sem que houvesse a constatação de que eram realmente onças as culpadas, como ocorrera com o episódio da Curva.

O mistério motivou os japoneses, que passaram, a fazer verificações quando os animais se agitavam. Keigo Omori assegura que o desafio foi vencido pela proverbial paciência oriental: ao observar com atenção o movimento dos animais, os japoneses descobriram que se tratava de cães caçadores, não de onças.

20. Aventureiros e Charlatães

As frentes pioneiras sempre foram visitadas por oportunistas que aplicavam golpes na gente simples do interior. Vendendo mapas de tesouro ou fornecendo exames de vista gratuitos para depois vender óculos sob encomenda que jamais chegaram aos compradores, além dos tradicionais contos do bilhete premiado, também houve quem se passasse por médico.

Esse foi o caso de um “Dr. Artur”, que atendia os clientes em hotel, como outros médicos também fizeram. Em certa ocasião, conta Vilder Bordin, o tal “Dr. Artur” foi chamado a atender uma parturiente, mas por imperícia acabou se complicando nos procedimentos “e o pai da criança é que foi obrigado a fazer o parto, junto a Vilder Bordin”.

21. Lenda: O Defunto e o Pé de Cedro



Vilder e o pé de cedro - 2008.

Bandidos que punham em pânico os moradores de São João construíram uma casa semelhante a um labirinto, com sótão e porão, onde havia um subterrâneo utilizado estrategicamente para se esconder da polícia e fugir para as matas.

Certa vez, eles contrataram alguém novo. Sem saber que deveria correr para o subterrâneo com a chegada da polícia, o novato infeliz acabou ficando em campo

aberto e foi morto no confronto. Os bandidos, constatando a morte do peão, levaram-no ao subterrâneo e o corpo ficou lá por três dias, até ser enterrado.

Depois de realizar a perícia, quatro pioneiros ficaram incumbidos de enterrar o defunto. Eram Vilder, Herbert, Zé Lara e Baiano. Na beira da estrada, dois abriam a cova em companhia de uma garrafa de pinga, enquanto os outros dois iam buscar o morto.

Chegando ao local estabelecido, colocaram o defunto num bangüê**, para subir as escadas do porão. Mais alto, Herbert foi na frente e, enquanto caminhavam pelo percurso, o morto escapou por cima do pioneiro mais baixinho – Vilder. Foi aquele alvoroço! Tiveram que começar tudo de novo.

Quando colocaram o corpo do morto no jipe, para o transporte, ele estava muito duro, pois já fazia tempo que havia morrido. Com muito custo, chegaram à cova, mas o morto havia desaparecido. Seria necessário procurá-lo pelo caminho. Não foi possível: o corpo havia rolado pela ribanceira. Retomada a busca fora do caminho, até encontrá-lo já era madrugada.

A cova era rasa e em forma de V. O defunto não cabia direito dentro dela: tinha a barriga muito grande e ficava para fora. Depois de muito trabalho, conseguiram colocar o defunto na cova, de frente, sem caixão, mas ainda assim o morto se virava. Isso aconteceu até que Vilder Bordin montou no defunto e ordenou que os amigos jogassem a terra sobre o corpo.

O árduo trabalho foi realizado e os quatro amigos foram embora. Aí bateu o medo. Resolveram voltar para colocar uma cruz na sepultura. Caso contrário, o defunto poderia assombrá-los durante a noite. Pegaram dois pedaços de cedro, fizeram uma cruz e a colocaram no local.

Com o tempo, constatou-se que a madeira havia brotado e formado um lindo pé de cedro, que está até hoje num sítio da comunidade São João, onde tudo em sua volta é lavoura. Mas o pé de cedro está lá, para ninguém se esquecer da história. Quem presenciou e contou essa história foi o Sr. Vilder Bordin, e ele garante que é tudo verdade.

22. O Rigoroso Inquérito

Vilder Bordin sempre teve que se desdobrar para atender às

tarefas necessárias à formação da cidade. Foi assim que também assumiu as funções de “xerife” de Ubiratã.

Sem um auxiliar sequer, Bordin punha dentro do jipe-viatura um fuzil e saía a fazer ronda pelos pontos de encontro – “botecos”, segundo ele. Os elementos arruaceiros eram levados no jipe até a cadeia sem reclamar.

“Nunca levei um tapa, nunca ninguém me respondeu” (Bordin).

Os detidos eram postos a arrancar tocos nas ruas e depois liberados. Não voltavam mais, depois da dura experiência de arrancar os severos tocos de árvores imensas.

O delegado Bordin não era de lotar cadeia. Certa vez recebeu a comunicação de que um assassino havia se evadido de Formosa d'Oeste e estava em sua jurisdição. Bordin pegou o fuzil e o jipe e localizou o foragido num barraco, cuja luz noturna se apagou à aproximação do “xerife”.

Sem sucesso em negociar a rendição, Bordin invadiu o barraco e encontrou o homem sentado numa cama. O “inquérito” durou pouco. O matador contou sua triste história, disse que matou em legítima defesa e Bordin deu a sentença: “Pega suas tralhas e desapareça!” E nunca mais se ouviu falar no caso.

23. Os Primeiros

- O primeiro inspetor escolar: Valdir Miranda
- Primeiro oficial de Justiça: Ildo Varela
- Primeira professora normalista: Arley Bittencourt
- Primeira casa comercial: Herculino Otaviano
- Primeira farmácia: Raimundo Soares do Nascimento
- Primeira serralha: Cosmo Loésia
- Primeiro hotel: Massanori Watanabe
- Primeiro hospital: Dr. João Baptista Guimarães Costa
- Primeira rodoviária: Família Takashima
- Primeira olaria: Fermino Carmona
- Primeiro banco: Francisco Teles.



Primeira serraria de Ubiratã, de Cosmo Loésia - 1955.



Primeiro hotel - Massanori Watanabe - 1956.



Caminhão da serraria Cosmo Loésia carregado de cedro rosa retirado das matas de Ubiratã. Embaixo, os funcionários Zé Preto e Zé Grande - 1957.



Em 1957, os carpinteiros responsáveis pela construção do primeiro hotel.



Primeira Estação Rodoviária, dos irmãos Takashiba. O ônibus fazia a linha Campo Mourão/Juranda/Ubitatã - 1956.



Primeira olaria – Fermíno Carmona - 1958.



Primeiro açougue de Ubitatã de Herculino Otaviano, na Av. Nilza - 1957



A Casa Kumagai foi o primeiro armazém de Ubitatã no cruzamento da Rua 9 com Rua 14, hoje Rua Princesa Isabel com Rua Herculino Otaviano. Ao fundo o sobradinho do Sr. Watanabe - 1958.



Primeira Agência Bamerindus - 1970.

24. Datas e Fatos Importantes

1959 - A primeira criança nascida e registrada no município chamou-se Antônio Carlos Corrêa (04 de novembro).

1959 - O 1º atestado de óbito registrado foi de Cristina Marques (em 19 de novembro).

1960 - Foi construída a primeira Igreja no Distrito de Yolanda.

1960 - Primeiro casamento: Alfredo Tholken e Gertrudes Wurster (em 20 fevereiro).

1960 - A primeira rádio municipal era clandestina e tinha como locutor Vilder Bordin e como técnico o conhecido "João do Rádio".

1960 - Neste ano foi inaugurado o primeiro hospital, chamado de Hospital e Maternidade Nilza de Oliveira Pipino. Tinha como administrador o médico pioneiro João Baptista Guimarães Costa.

1961 - Neste ano foi inaugurado o primeiro prédio da Prefeitura.

1961 - Iniciou-se a construção de um grupo escolar. Assim, no ano de 1962, foi inaugurado o Grupo Escolar Quintino Bocaiúva.

1962 - Fundação da AERNBU – Associação Esportiva e Recreativa Nipo Brasileira de Ubitatã em 08 de fevereiro. Foi o primeiro clube japonês de Ubitatã e seu primeiro presidente foi Tsuncishi Takeda. Em 07 de setembro de 1979, passou a se chamar ACRENB – Associação Cultural Recreativa e Esportiva Nipo Brasileira de Ubitatã. O primeiro presidente foi Shigeo Morimoto. Nesta época, tinha um time de baseball que era referência no Paraná.

1963 - Criação do Fórum da Comarca de Ubitatã, em 15 de dezembro.

1966 - A empresa Velloso & Camargo construiu a Ponte do Rio Piquiri.

1969 - Fundação do Lions Clube em 14 de outubro. Alguns dos sócios fundadores: Osmar João Bertoli, Nilton Nunes, José Rodrigues Neto, Áureo Zamprônio, Ernani C. Reis, João Baptista Guimarães, Edgar P. Otaviano, Pedro Gonçalves, Marcílio Daltro, Noboro Kumagai, Odoné Serrano.

1971 - Inauguração da Agência do Banco do Brasil em 27 de agosto.

1972 - Iniciam-se os primeiros trabalhos de nivelamento da cidade para implantação da rede de água.

1972 - Fundação da Loja Maçônica D. Pedro I (nº 30), em 10 de setembro. Primeiro venerável: Mestre Nivaldo Santos.

1976 - Fundação da ACIU – Associação Comercial e Industrial de Ubitatã em 30 de março. E em março de 2004 passou a se chamar ACEU – Associação Comercial e Empresarial de Ubitatã, permitindo a participação de vários segmentos como a indústria, comércio, prestadores de serviços, agrônomos, pecuaristas e profissionais liberais.

1976 - O Rotary Internacional foi fundado no dia 03 de junho. Fundadores: Deusdedit Joaquim da Rocha (presidente), Valderi Claudino da Silva (vice), Pedro Rosa (secretário), José Carlos Ribeiro Porto (tesoureiro) e Amaro Ximenes (diretor de protocolo).

1976 - O prefeito Valderi Claudino da Silva inaugura em 4 de no-

vembro o Estádio Municipal Claudinão. Apesar de inacabado recebeu aproximadamente 20.000 pessoas no jogo de estreia entre a equipe amadora de Ubiratã e os Milionários Futebol Clube do Rio de Janeiro, com a presença de Garrincha, Piazza e outros craques remanescentes das seleções brasileira.

1985 - A ADEFIU – Associação dos Deficientes Físicos de Ubiratã foi fundada em 07 de junho por Dina e Diva Di Martini, portadoras de deficiência física. Diva faleceu em 31 de julho de 1985 e Dina em 17 de setembro de 1989. Hoje a ADEFIU conta com 280 sócios e é uma entidade filantrópica.

25. Nossos Naurus

Além das famílias já mencionadas no corpo deste livro, destacamos também a contribuição comunitária de mais algumas famílias e personalidades:

Abreu, Adolfo, Alves de Souza, Basichetti, Belantani, Bcgui, Bento, Bondezam, Brunieri, Buenó, Camargo, Campos, Carnelossi, Carnielli, Calcinoni, Castro, Carvalho, Coelho, Corrêa, Crestani, Cocoleto, Etchebere, Flores, Fogaça, Fuerbringer, Furusato, Guanaes, Gonçalves, Guerra, Irmã Lúcia, Lorençoni, Kobata, Koglin, Kumagai, Kottait, Kroll, Loures, Makiyama, Massaranduba, Martins, Mazotti, Marzone, Menezes, Melhorines, Mello, Mueller, Muciato, Miquilin, Mogari, Moreno, Morita, Muchizuki, Moura, Napolitano, Noboru, Nunes da Silva, Oliveira, Omori, Olímpio, Pádua, Pescador, Pereira, Pierret, Piva, Prates, Possamai, Pain, Pantaleão, Pelossi, Pontelo, Queiroz, Rodrigues da Silva, Romão, Rosa da Silva, Riedo, Sabater, Sampaio, Santinati, Saran, Sataki, Samhara, Sato, Siqueira, Souza Rocha, Takamori, Tavares da Silva, Teixeira, Timóteo, Tinelli, Torino, Tozzi, Trevilin, Tunusci, Ueda, Uemoto, Vidotti, Zeferino, entre outras.

Nossos agradecimentos aos posseiros, aos jagunços, aos pioneiros, à Sinop e a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o crescimento de Ubiratã, e à nova geração, que faz desta cidade um **lugar de gente feliz!**



Ubiratã, lugar de gente feliz!

*NAURÚS – Heróis, em Tupi-Guarani.

**Bangüê – Uma espécie de padiola semelhante a uma rede, de origem africana. Servia para o transporte de escravos mortos.

Bira é o diminutivo popular e carinhoso de Ubiratã, muito usado pelos moradores do interior quando se referem à cidade-sede do Município. “Eu vou para o Bira”. O indiozinho Bira, portanto, simboliza as origens do passado e dá uma expressão feliz à nova Ubiratã.

A estilização do Birinha é de Jair Reinaldo dos Santos.



BIBLIOGRAFIA

- Acervo audiovisual do Museu Histórico e Cultural de Ubiratã.
- Altoé, Pedro - **Campina da Lagoa - Estrela do Vale do Piquiri - 1961 a 1982, 21**
- Anos, Prefeitura Municipal, 1982.
- Ataide, Vicente; Schoenfelder, Jan Gerd; Colombo, Odenir; Hey, Reincido; Benato, João Azolin - **Coagru**, Livros HDV, 1988.
- Bordin, Vilder - **Coleção Particular**.
- Cabeza de Vaca, Alvar Nunez - **Comentários**, Farol do Saber, 1995.
- Cadernos da Ilha**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, fevereiro de 2004.
- Chmyz, Igor e Sauner, Zulmara C. - **Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas do vale do rio Piquiri**. SP, Dédalo, Museu de Arqueologia e Etnologia de SP, 1971.
- Chmyz, Igor - **Contatos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no estado do Paraná-Brasil**. Revista do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. Curitiba, v. 16 p. 11-14, 1971.
- Chmyz, Igor - **Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Ivaí**. PRONAPA. 2. Publicações avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeidi, Belém, v. 10, 1969.
- Cooperativa Integrada - **Histórico**.
- Hossn, Noha Nege El - **Conhecendo a História do Município de Ubiratã**.
- Jornal *Correio Braziliense* - **O Paraná que foi Espanhol**, especial Brasil 5000 Anos, 2000.

Jornal *Gazeta do Piquiri*.

Jornal *O Guarany*.

Jornal *O Vale do Piquiri*.

Lugon, Clóvis - **República Comunista-Cristã dos Guaranis 1610-1768**, Paz e Terra, RJ, 1968.

Maack, Reinhard - **Geografia Física do Estado do Paraná**, Rio de Janeiro/Curitiba, Livraria José Olympio, Secretaria de Cultura e do Esporte do Governo do Paraná, 1981.

Moura, Luiz Gonzaga de - **Ubiratã, É Tempo de Construir**, 1980.

Nogueira, Estela Daltro; Simonelli, Josieli Cristina; Silva, Tonia Carla da - **Ubiratã, Inventário Turístico Municipal**, Unespar, Campo Mourão, 2001

Pichinin, Eriça dos Santos - **As serrarias no contexto da Amazônia Mato-grossense** - Universidade Estadual Paulista-FCT, Unesp, SP.

Revista Paranaense do Municípios - Ed. Especial, **Ubiratã: 25 Anos de Progresso**.

Sperança, Alceu A. - **Cascavel, a História**, Ed. Lagarto, Curitiba, 1992.

Ubiratã - Lugar de Gente Feliz, Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Base Editora.

Veiga, Pedro da - **Campo Mourão Centro do Progresso**, Maringá, Bertoni, 1999.

Pesquisa de apoio: Secretaria da Educação e Cultura - **História dos Pioneiros e Comunidades**.

